

Mariana Venafre Pereira de Souza

**ABECEDÁRIOS, BRASIL: contribuições à história dos impressos e sua  
circulação nos anos 1936 a 1984**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria Stephanou.

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação.

Porto Alegre

2015

Mariana Venafre Pereira de Souza

**ABECEDÁRIOS, BRASIL: contribuições à história dos impressos e sua  
circulação nos anos 1936 a 1984**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2015

---

Profa. Dra. Maria Stephanou – Orientadora

---

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai - PPGEDU/UFRGS

---

Prof. Dr. Eduardo Arriada – PPGEDU/UFPEL

## AGRADECIMENTOS

Por todo itinerário percorrido é preciso agradecer pessoas que foram fundamentais em minha vida e tornaram possível a concretização desse trabalho.

À Professora Maria Stephanou, sou grata pela orientação sempre atenta, rigorosa e oportuna. Certamente contribuíste para formação do meu fazer enquanto pesquisadora a partir das aulas em seminários avançados, nas escritas de artigo em coautoria, nos encontros de orientação. Admiro tua trajetória intelectual, a competência e dedicação que empenhas no exercício da docência. Para além da vida acadêmica, agradeço pelos momentos especiais de amizade e carinho que sempre fizeram parte dos nossos encontros.

Ao Professor Eduardo Arrida, à Professora Luciana Piccoli e à Professora Zita Possamai que compuseram as bancas do projeto e da defesa final da dissertação. Agradeço pelo aceite do convite e pelas contribuições que enriqueceram o estudo aqui formulado.

Às queridas colegas do grupo de pesquisa Carine, Carolina, Celine, Patrícia e Viviane pela amizade e troca de experiências construídas ao longo da jornada.

Ao meu amado Jeferson por apoiar-me sempre, por ter demonstrado carinho e compreensão nos momentos que se fizeram necessários. Ao meu filho João Pedro por proporcionar completude e sentido à minha vida. Na conclusão desta etapa, recebemos a grata surpresa de uma menininha que virá para trazer ainda mais amor para todos nós. Considero-me agraciada pela família tão especial que tenho.

Às minhas amigas mais chegadas que irmãs Clarissa e Juliana agradeço por dedicarem atenção nos períodos em que precisei. Por lerem e contribuírem com ideias ao estudo. Agradeço pelas alegrias partilhadas que tornaram a minha vida muito mais feliz.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação pelo trabalho que realizam.

O bicho alfabeto pode parecer inofensivo.  
Mas fica perigoso quando se transforma em linguagem.  
Ainda mais quando a linguagem se contorce sobre si, para virar poesia.  
O bicho alfabeto é sempre o mesmo, mudam os modos de usá-lo.  
O de Paulo Leminski é brincar com as palavras, com os sentidos e formas das  
palavras.  
Como se acendesse as luzes delas.  
E aí ficamos sujeitos a tropeços, engasgos, sustos, curtos-circuitos, assombros  
e ofuscamentos.  
É que a poesia dele revela o que parece que a gente sabia, mas não sabia que  
sabia (daí ao sabiá é só um acento).  
Como não sentir a lisura da lesma no liz e les do verso “feliz a lesma”?  
Ou não identificar a palavra letras na palavra estrelas – uma chuva, que dá na  
outra poça?  
Ou não reconhecer na “noite alta”, escrita ao lado de “lua baixa”, uma  
desordenação que reordena mais naturalmente as coisas?  
O Leminski sabia, está claro como o dia, dar essa rasteira, que nos leva até a  
outra beira da linguagem.  
Onde o bicho alfabeto fica mais selvagem.  
E suas fagulhas deram munição para Ziraldo soltar livremente o traço,  
mostrando que também tem o bicho cor, que pode conversar com o bicho  
alfabeto com tanta intimidade que até o branco do papel passa a fazer sentido.  
Os bichos estão soltos.

(ANTUNES, 2014, pgs.5-6)



Capa do livro: “O bicho alfabeto” (2014)

## RESUMO

O estudo insere-se no campo da história da educação, com contribuições à história da alfabetização. A história cultural fornece o embasamento teórico e metodológico, em especial os postulados de Roger Chartier. Uma das intenções do estudo é somar-se às investigações que buscam compreender a emergência e circulação de impressos no processo de consolidação da cultura escrita. O objetivo principal, por sua vez, é analisar um conjunto de vinte e um abecedários ilustrados, impressos ou em circulação no Brasil entre as décadas de 30 a 80 do século XX, sob seus aspectos materiais e seus protocolos de leitura. O exame dos abecedários destaca os dispositivos tipográficos e textuais adotados pelos editores e/ou autores com a finalidade de apontar possíveis práticas de leitura suscitadas junto ao público leitor. A partir de uma revisão da tradição secular dos abecedários constata-se que sua difusão não se restringiu às práticas escolares, mas os mesmos estiveram presentes em diferentes práticas socioculturais, embora, no período analisado, a relação com a alfabetização na escola esteja evidente. A análise do conjunto de abecedários ilustrados reunidos pela pesquisa demonstrou que a letra maiúscula de forma foi a mais recorrente e é tomada como referência para o ensino e aprendizado inicial da leitura e da escrita. Diversos abecedários, dentre os analisados, contemplam mais de um tipo de traçado de letra, o que sugere a proposição de distintos modelos inspiradores ao exercício de cópia da grafia. As imagens, tomadas como ilustrações, são presença proeminente no conjunto examinado, o que leva a afirmar que nesse período histórico os abecedários se pautam na visualidade. Dentre todas as ilustrações que figuraram os abecedários, os animais foram os mais recorrentes. O estudo evidenciou o quanto os aspectos estéticos e tipográficos, em alguma medida, estão inscritos para produzir efeitos no processo de aquisição da leitura e da escrita. Observa-se que alguns abecedários se aproximaram de um viés literário, outros se pautaram na produção de textos de caráter enciclopédico e outros se restringiram na relação letra, imagem e palavra. Na análise dos abecedários ilustrados foram estabelecidas possíveis relações com os métodos de alfabetização. Tais associações estão baseadas na pista de Mortatti (2000) quando indicou que os materiais voltados para o ensino da leitura e da escrita inscrevem em seu conteúdo o(s) método(s) de alfabetização. Tais constatações apontam aspectos que possibilitam inferir como os leitores manusearam, compreenderam e apreenderam a palavra escrita por meio dos abecedários ilustrados.

Palavras-chave: abecedário - ensino da leitura e escrita - história da educação - alfabetização - história da cultura escrita.

---

SOUZA, Mariana Souza Pereira. ABECEDÁRIOS, BRASIL: contribuições à história dos impressos e sua circulação nos anos 1936 a 1984. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 152f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

## RÉSUMÉ

L'étude s'insère dans le champ de l'histoire de l'éducation, avec des contributions à l'histoire de l'alphabétisation. L'histoire culturelle apporte la base théorique et méthodologique, en particulier les postulats de Roger Chartier. Une des intensions de l'étude est celle de s'ajouter aux investigations qui cherchent à comprendre l'urgence et la circulation d'imprimés dans le processus de consolidation de la culture écrite. L'objectif principal, cependant, est celui d'analyser un ensemble de vingt-et-un abécédaires illustrés, imprimés ou en circulation au Brésil des années 30 à 80 au XXème siècle, sous leurs aspects matériels et leurs protocoles de lecture. L'examen des abécédaires met en relief les dispositifs typographiques et textuels adoptés par les éditeurs et/ou les auteurs dans le but de montrer des possibles pratiques de lecture soulevées auprès du public lecteur. À partir d'une révision de la tradition séculaire des abécédaires, il a été constaté que leur diffusion n'a pas été limitée aux pratiques scolaires, mais ceux-ci ont été présents en différentes pratiques socioculturelles, même si dans la période analysée la relation avec l'alphabétisation dans l'école est évidente. L'analyse de l'ensemble d'abécédaires illustrés réunis par la recherche a démontré que la lettre capitale a été la plus fréquente et qu'elle est reprise comme référence pour l'enseignement et l'apprentissage initiale de la lecture et de l'écriture. Plusieurs abécédaires, parmi ceux qui ont été analysés, contemplent plus d'un type de tracé de lettre, ce qui suggère la proposition de différents modèles inspirateurs à l'exercice de copie de la graphie. Les images, prises par des illustrations, sont la présence préminente dans l'ensemble examiné, ce qui nous conduit à affirmer que dans cette période historique les abécédaires sont basés dans la visibilité. Parmi toutes ces illustrations qui figurent les abécédaires, les animaux ont été les plus fréquents. L'étude a mis en évidence à quel point les aspects esthétiques et tipographiques, dans un certain sens, sont inscrits pour produire des effets dans le processus d'acquisition de la lecture et de l'écriture. Nous observons que quelques abécédaires s'approchent d'un billet littéraire, d'autres se basent sur la production de textes à caractère encyclopédique et d'autres se limitent à la relation lettre, image et mot. Dans l'analyse des abécédaires illustrés des possibles relations ont été établies avec les méthodes d'alphabétisation. Telles associations sont basées sur la piste de Mortatti (2000) quand il a indiqué que les matériaux qui concernent aux études de la lecture et de l'écriture inscrivent dans leurs contenus le(s) méthode(s) d'alphabétisation. Tels constats montrent les aspects qui rendent possible d'inférer comment les lecteurs ont manié, compris et appris le mot par le moyen des abécédaires illustrés.

Mots-clés: abécédaire – enseignement de la lecture et de l'écrit – histoire de l'éducation - alphabétisation – histoire de la culture écrite.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Hornbook</i> .....	61
Figura 2 – <i>Battledore</i> .....	62
Figura 3 – “ABC dos vegetais e animais” .....	99
Figura 4 – Protocolo de leitura editorial.....	100
Figura 5 – Protocolo de leitura editorial.....	102
Figura 6 – Gato.....	103
Figura 7 – “Pare no P de poesia” .....	104
Figura 8 – “O batalhão das letras” .....	106
Figura 9 – “De Avestruz a Zebra” .....	107
Figura 10 – “Aventuras do ABC” .....	107
Figura 11 – “ABC dos coelhinhos” .....	110
Figura 12 – Diferentes traçados de letras – letra de forma maiúscula em destaque.....	115
Figura 13 – Vestígios de leitura manuscrita.....	117
Figura 14 – Prefácio dos editores - “A festa das letras” .....	119
Figura 15 – Prefácio dos autores - “A festa das letras” .....	122
Figura 16 – Poema da letra “E” - “A festa das letras” .....	124



Figura 17 – Poema da letra “A” - “A festa das letras” .....	127
Figura 18 – “Meu ABC” – gato.....	129
Figura 19 – “Meu ABC” – lua.....	130
Figura 20 – “Meu ABC” – dragão.....	132
Figura 21 – Protocolo de leitura autoral.....	133
Figura 22 – Folha de rosto do “Meu ABC” .....	134
Figura 23 – Protocolo de leitura editorial.....	136
Figura 24 – Protocolo de leitura editorial.....	137

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Abecedários repertoriados nos acervos consultados – Brasil – 1936 a 1984.....	69
Quadro 2 – ABC.....	86
Quadro 3 – Categorias dos abecedários: literários ou com recursos da literatura (rimas, onomatopeias, aliteraões) e enciclopédicos.....	98
Quadro 4 – Universo temático das imagens “Pare no P de poesia”.....	105
Quadro 5 – Abecedários com imagem, letra e palavra.....	111
Quadro 6 – Traçados de letras dos abecedários.....	112
Quadro 7 – Quantidade de traçados de letra por exemplar.....	115
Quadro 8 – Letras com inspirações nas capitulares.....	118
Quadro 9 – Universo temático das imagens “A festa das letras”.....	128
Quadro 10 – Universo temático das imagens “Meu ABC”.....	131

## SUMÁRIO

O QUE SE VÊ NO “ABECÊ”? .....12

CAPÍTULO 1 – DA HISTÓRIA CULTURAL, DA HISTÓRIA DA CULTURA  
ESCRITA, DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CAMINHOS  
METODOLÓGICOS.....21

CAPÍTULO 2 – DE A a Z: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....41

CAPÍTULO 3 – ABECEDÁRIOS: UMA HISTÓRIA SECULAR.....52

CAPÍTULO 4 – ABECEDÁRIOS ILUSTRADOS (1936-1984): UMA  
APRESENTAÇÃO DO SUPORTE.....68

CAPÍTULO 5 – POR ENTRE AS PÁGINAS DOS ABECEDÁRIOS  
ILUSTRADOS: TEXTOS, DESTAQUES, IMAGENS.....91

5.1 ENTRE TEXTOS, DESTAQUES, IMAGENS: PROTOCOLOS DE LEITURA  
TEXTUAIS E EDITORIAIS.....97

*AS LETRAS. SEM ELAS SOMADAS, NÃO PODERÍAMOS DIZER NADA. COM  
ELAS, PODEMOS DIZER QUASE TUDO... TECENDO ALGUMAS  
CONSIDERAÇÕES.....138*

REFERÊNCIAS.....145

## INTRODUÇÃO



### O QUE SE VÊ NO “ABECÊ”?



E

sta dissertação de Mestrado em Educação realiza-se a partir de um estudo sobre abecedários<sup>1</sup>, artefatos impressos e em circulação no Brasil do século XX, com atenção especial a um conjunto de obras identificadas em diferentes acervos do estado do Rio Grande do Sul.

Inspira-se na história cultural, assim como em estudos da história da cultura escrita – história da alfabetização, do livro e da leitura – e pretende contribuir com o campo da História da Educação<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mais adiante, a partir da análise de dicionários antigos pertencentes ao acervo da Biblioteca Central da UFRGS, está em pauta alguns dos sentidos atribuídos a este vocábulo.

<sup>2</sup> A dissertação foi elaborada no âmbito da linha de pesquisa História, Memória e Educação do PPGEDU/UFRGS.

Abecedário<sup>3</sup> é palavra e expressão adotada aqui a partir de uma acepção formulada com fundamento nas reflexões tecidas por Cagliari (2009) e Faraco (2012) acerca história da escrita. Entendo abecedário como desdobramento da noção de alfabeto. Alfabeto como conjunto de caracteres que compõe um sistema de escrita, que adota como referência a relação entre grafema/fonema. E abecedário como impresso cujo objetivo é proceder à didatização de cada uma e todas as letras do alfabeto com vistas ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita. Convém ressaltar que abecedário e alfabeto não são sinônimos, embora visceralmente relacionados. Portanto, não coincidem, mas guardam entre si uma relação de implicação. Valho-me dessa acepção para examinar o conjunto de impressos reunidos nesta dissertação, que designo abecedários ilustrados.

Ao observar a materialidade desses impressos entendo que sua identidade se assenta no princípio didático de ensinar a quem manuseia o alfabeto, seus elementos e sua sequência, as relações entre grafema/fonema, e por vezes a palavra, texto e imagem. Embora possa haver outras definições a respeito dos vocábulos abecedário e alfabeto, essas são as acepções que adoto ao examinar a empiria da pesquisa.

A investigação propõe-se a historicizar os abecedários em sua materialidade, concebendo que estes não existem em qualquer sociedade, mas naquelas em que as letras e suas combinações, ou seja, o código escrito, passou a assumir uma centralidade, o que comumente designamos de sociedades grafocêntricas. Os abecedários deram lugar a diversas experiências culturais em torno da escrita, envolvendo os sujeitos nela inseridos, dentro e fora do universo escolar.

Conforme Stephanou e Souza (2013a), é preciso ressaltar que os abecedários têm uma história secular que remonta às origens da cultura escrita, a invenção das letras e dos sistemas de escrita que tinham como finalidade possibilitar, de alguma maneira, a comunicação. Em geral, têm sido naturalizados como exclusivos da história da escolarização ou do ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Trata-se de ideia errônea que é preciso desconstruir com pesquisas que demonstrem sua presença em diversos tempos e contextos socioculturais.

---

<sup>3</sup> Na página 58 retomo oportunamente este conceito a fim de fundamentar a argumentação ali desenvolvida.

Cucuzza e Pineau (2002, p.13) afirmam que é preciso produzir uma história social do ensino da leitura e da escrita em perspectiva interdisciplinar e que não se esgote na mirada diacrônica da didática, tampouco nas miradas escolarizantes que reduzem diversas práticas sociais a meras práticas escolares. Esta pista deixada pelos autores me levou a fazer um investimento de estudo mais amplo sobre os abecedários e a história das práticas de leitura e escrita, investimento apresentado em um dos capítulos da dissertação.

Os abecedários não são artefatos apenas do passado. Ainda persistem e de diferentes modos, em suportes variados, sujeitos a diferentes utilizações. Os abecedários diferem no tempo porque se adaptam a usos variados, podendo figurar em documentos diversos de uso social, ou em cartilhas, em obras de literatura infantil, ou em práticas intimamente relacionadas à alfabetização.

Nesse sentido, interessa sobremaneira ao estudo aqui formulado, compreender sua permanência no tempo tomando como ponto de partida a análise de um conjunto de abecedários ilustrados reunido a partir de um mapeamento de exemplares conservados em diferentes instituições e circunstâncias: a) aqueles identificados em *sites* de oferta de livros antigos em geral, como a Estante Virtual<sup>4</sup>; b) abecedários localizados no acervo da Biblioteca Lucília Minssen<sup>5</sup>; c) no catálogo da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Irmão José Otão; d) na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul; e) nos livros disponíveis na Biblioteca do Instituto General Flores da Cunha; f) nas bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a partir do catálogo virtual<sup>6</sup> que percorre os acervos de todas bibliotecas existentes nos mais diversos *campus* da Universidade. O propósito da busca nesses acervos foi identificar abecedários impressos e/ou em circulação, portanto ofertados à

---

<sup>4</sup> A Estante Virtual é um *site* que reúne livros seminovos, novos e usados de sebos do país. Disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/>

<sup>5</sup> A Biblioteca Lucília Minssen fica localizada na Casa de Cultura Mario Quintana, na cidade de Porto Alegre. Foi criada em 1954, para oferecer um acervo de livros infanto-juvenis e promover atividades culturais voltadas para crianças e jovens. Possui um acervo de 17 mil volumes, acrescidos de folhetos, periódicos, gibis e jogos.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://sabi.ufrgs.br/F?RN=936067515>

leitura, nas décadas de 30 a 80 do século XX. Ao final do levantamento, constituiu-se um conjunto de vinte e um exemplares<sup>7</sup> de abecedários.

Uma das intenções da pesquisa é somar-se às investigações que buscam compreender a emergência e circulação de impressos no processo de consolidação da cultura escrita. Foram eleitos abecedários a partir de um interesse pessoal pela história da alfabetização.

O objetivo principal do estudo é analisar esses impressos, que designo abecedários ilustrados, sob seus aspectos materiais e seus protocolos de leitura. Para isso, procedo a uma caracterização, ou descrição minuciosa, da materialidade do suporte, inspirada pelos estudos de Roger Chartier, com destaque aos diferentes dispositivos tipográficos e textuais adotados pelos editores e/ou autores com a finalidade de apontar possíveis práticas de leitura que tenham suscitado junto ao público leitor.

O objetivo principal se desdobra em indagações que atravessaram o estudo: como as letras que integram o alfabeto comparecem (tamanhos, formatos, tipos, ordenamentos)? São impressas sozinhas ou formam sílabas, palavras, frases ou pequenos textos? Há associação de grafemas com fonemas? Constam imagens associadas às letras; quais são os universos temáticos das imagens que figuram nos abecedários? Enfim, como se apresentam os protocolos de leitura nesses impressos.

Ressalto a importância do estudo frente à escassez de outros trabalhos sobre esses impressos e os significativos contributos que oferece para diferentes campos temáticos, como a história da alfabetização, a história do ensino da leitura e da escrita, a história dos impressos, a história da cultura material escolar.

A especificidade do tema relaciona-se a minha trajetória acadêmica e docente, donde decorreram inquietações e dúvidas que conduziram à escolha do problema de pesquisa e do objeto de estudo.

No curso de Pedagogia da UFRGS, os estudos relacionados ao campo da linguagem foram constantemente instigantes e, de certa maneira, provocaram curiosidade e interesse em conhecê-los em profundidade. As temáticas que

---

<sup>7</sup> No próximo capítulo descrevo com mais detalhes o modo como o mapeamento dos abecedários foi realizado, explicitando em dados quantitativos bem específicos e mencionando os descritores utilizados na busca.

envolvem a alfabetização e o letramento (ou dito de outra maneira: as práticas de leitura e escrita infantis) tiveram destaque entre os demais enfoques abordados nas disciplinas cursadas, uma vez que me levaram a perceber suas implicações didático-pedagógicas, além de possibilitarem a construção de subsídios e princípios orientadores para a prática docente nos anos iniciais.

Quando da elaboração da monografia de conclusão de curso<sup>8</sup>, empreendi estudos e leituras relacionadas ao campo da história da cultura escrita e da história cultural. Foi um primeiro encontro com os mencionados campos teórico e metodológico dessa (futura) dissertação e deparei-me com fecundas discussões sobre a história do livro, da leitura e da escrita, com a questão da circulação de impressos e imagens, a cultura do objeto escrito e conceitos como o de apropriação e representação, dentre outros.

Diante da efervescência de teorizações novas ou diferentes daquelas com as quais estava familiarizada, e com o evento da conclusão do curso, senti-me interessada em aprofundar o entendimento a respeito deste campo e seus desdobramentos em pesquisas acadêmicas. No ano de 2010 (2º semestre), inscrevi-me como aluna especial em seminário ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS, vindo a cursar a disciplina: “História da cultura escrita e história da educação: livros, leituras, escrituras”, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Stephanou.

A identificação com as temáticas abordadas, a partir da leitura de estudos de Roger Chartier (1999, 2000a, 2003, 2004) António Castillo Gómez (2006), Umberto Eco (2010) e Robert Darton (2010), geraram a vontade de prosseguir estudando, compreendendo e pensando sobre as implicações, problematizações epistêmicas e metodológicas do campo de estudos da história da cultura escrita.

O ingresso na pós-graduação, no curso de Mestrado em Educação, as leituras realizadas nos seminários avançados, os encontros de orientação individual e com as colegas do grupo de pesquisa foram, inevitavelmente, também configurando a ideia de estudar a história das materialidades dos objetos de leitura e escrita.

---

<sup>8</sup> Trabalho de conclusão de curso intitulado: Lá, na última página do caderno escolar... Práticas de letramento “não autorizadas”, realizado em 2010 sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Piccoli.



Simultaneamente a este atravessamento de cunho teórico e acadêmico assumi a condição docente com o término da graduação em 2010 (1º semestre). Desde então, venho atuando como professora do ensino fundamental e as questões relacionadas ao ensino da leitura e da escrita se fazem presentes no cotidiano da prática pedagógica.

Nas escolas onde exerço a docência, houve um amplo debate a respeito do ciclo de alfabetização. Interrogou-se aspectos relacionados ao currículo, ao uso de materiais pedagógicos apropriados para cada etapa de ensino, as possíveis intervenções pedagógicas diante de cada hipótese de escrita das crianças, a intencionalidade no planejamento didático. Esse movimento ocorreu a partir da proposta de Programa de Governo instituído pela Portaria nº 867 de 4 de julho de 2012, intitulado “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)<sup>9</sup>”.

O propósito deste programa é promover um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios a fim de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

As ações do Pacto são um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo Ministério da Educação e que, segundo o documento oficial, contribuem para a alfabetização e o letramento das crianças matriculadas nas instituições públicas de todo país. Estas ações apoiam-se em quatro eixos de atuação: formação continuada de professores alfabetizadores (que atuam nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental de 9 anos e também professores de classes multisseriada); materiais didáticos e pedagógicos, avaliação; gestão, controle social e mobilização.

Relativamente ao segundo eixo de atuação – materiais didáticos e pedagógicos –, o Ministério da Educação assinala que ele se configura como importante fator para garantir o êxito na alfabetização, uma vez que é a disponibilidade de materiais que estimula a aprendizagem. Menciona os livros didáticos, paradidáticos, obras de literatura, jogos e mídias variadas. Entende, todavia, que não basta somente dispor desses materiais, é fundamental que os

---

<sup>9</sup> Cf. livreto elaborado pelo Ministério de Educação e Cultura. Disponível em: [http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto\\_livreto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf)

professores saibam manuseá-los e extrair dos conteúdos o máximo de possibilidades para dinamização das aulas e alcance dos objetivos da alfabetização em cada ano.

Em suma, da leitura do documento distribuído pelo Ministério da Educação, depreende-se que está em pauta a escolha de materiais apropriados para um ensino da leitura e da escrita que assegure a efetiva alfabetização dos estudantes.

De alguma maneira, desde a trajetória acadêmica até minha inserção como professora regente de uma turma, tenho sido provocada a refletir sobre a seleção de materiais pedagógicos que promovam aprendizagens significativas a respeito do ler e do escrever e, em alguns momentos, encontro-me diante de diversas situações em que é preciso tomar decisões relacionadas a esse aspecto.

Galvão e Lopes (2010, p.11), no livro “Território plural: a pesquisa em história da educação”, no capítulo introdutório, citam uma sequência de palavras: “Educação. Ensinar, aprender. Aulas, alunos provas. Professoras. Material escolar. Livros e leituras. Transmissão da cultura de geração a geração”. Explicam que, para nós leitores escolarizados, estes termos e o universo da educação são (ou já foram) familiares por estarem tão presentes em nosso dia-a-dia. “De tão falada, vista, vivida, incorporada, acostumamo-nos com essa realidade”. Sob tais condições, segundo as autoras, é possível que corramos o risco de a naturalizarmos e, em alguma medida, tornamo-nos incapazes de colocar ideias em suspeição. “Tudo que um dia foi o ‘outro’, e que causava surpresa e encanto, hoje faz parte de nós” (GALVÃO; LOPES, 2010, p.11).

Diante dessas afirmações das autoras, penso que o estudo da história dos abecedários ilustrados no contexto brasileiro (elemento da cultura material escolar, mas não somente), como realizado nesta dissertação de Mestrado, se mostra, parafraseando Galvão e Lopes (2010, pg.11), como uma experiência de viagem a um lugar que ainda não conheço. Implicou deparar-me com o “outro”, algo distante de mim no tempo e no espaço. Este encontro produziu mudanças em meu olhar, tanto pelas similitudes identificadas quanto pelas diferenças, e, portanto, uma compreensão ampliada da própria cultura.

Compartilho da concepção evocada pelas autoras a respeito da tarefa do historiador, diante do desafio de

Cultivar a sensibilidade, a disposição e a disponibilidade para comparar, analisar, interpretar, descobrir os quês e porquês de outras épocas, de outros lugares, que, a um só tempo, parecem tão próximos e tão distantes daquilo com que lidamos a cada dia. (GALVÃO; LOPES, 2010, p.12)

O excerto acima elucida o exercício e caminho que trilhei enquanto jovem pesquisadora em processo de formação.

Por ora, se faz necessário apresentar sumariamente a estrutura da dissertação.

O primeiro capítulo intitulado “Da história cultural, da história da cultura escrita, da história da educação: caminhos metodológicos” trata dos pressupostos teóricos e metodológicos em que a pesquisa se assenta. Apresenta o modo como foi realizado a composição do *corpus* empírico em articulação com a lente teórica que fundamenta a análise do estudo.

O segundo capítulo “De A a Z: uma revisão de literatura”, mapeia estudos a respeito do tema tratado nessa dissertação, por meio dos resumos existentes no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Revista Brasileira de História da Educação e dos trabalhos publicados pelo Grupo de Trabalho (GT) História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

O terceiro capítulo “Abecedário: uma história secular”, aborda alguns aspectos sobre a tradição secular dos abecedários, traçando algumas contribuições ao movimento que busca compreender a emergência e circulação dos abecedários no processo de consolidação da cultura escrita. Inicialmente explicita alguns significados atribuídos aos vocábulos *abecedário*, *abc* e *alfabeto* a partir de uma inserção em dicionários. Tendo como base as pistas indicadas pelos variados sentidos, busca apontar possíveis usos dos abecedários em contextos sócio culturais diversos e em contextos escolares, percebendo, neste trânsito, as transformações que eles foram sofrendo, a fim de atender às demandas que se faziam necessárias.

O quarto capítulo intitulado “Abecedários ilustrados (1936-1984): uma apresentação do suporte” examina o conjunto de impressos amalhados para o estudo, buscando caracterizar a materialidade, os protocolos de leitura sob a

forma de prefácios editoriais inscritos nas capas e contracapas, além suas configurações gráficas na relação com os elementos verbais e não verbais inscritos nas capas.

O quinto capítulo “Por entre as páginas dos abecedários ilustrados: textos, destaques, imagens” analisa o desenvolver das páginas e seus conteúdos a partir dos protocolos de leitura de ordem editorial e textual, os dispositivos tipográficos, o universo temático das imagens e suas relações com grafema/fonema, as palavras e os textos. Mapeia as escolhas dos traçados de letras e indica os possíveis usos que os impressos foram sujeitos ao serem manuseados pelos leitores.

Por fim, encerro a escrita da dissertação com o capítulo “*As letras. Sem elas somadas, não poderíamos dizer nada. Com elas, podemos dizer quase tudo...* tecendo algumas considerações”. A partir da inspiração em uma crônica de Luis Fernando Veríssimo e em poema de Manoel de Barros, é a seção que tem como finalidade apresentar alguns arremates do estudo realizado. Retoma os objetivos e o problema de pesquisa e articula os resultados que foram sendo apontados no decorrer dos capítulos.

*Premier livre de l'enfance, l'abécédaire l'est à plus d'un titre. D'une part parce qu'il est le plus ancien genre destiné à cet âge, mais aussi parce que la tradition l'a consacré "livre des livres", clé du savoir écrit et premier principe d'éducation. Le Robert le définit comme un "livre pour apprendre l'alphabet", mais la simplicité de la formule masque une réalité historique plus complexe. Au cours des siècles l'abécédaire s'est transformé, tant dans son contenu que dans sa présentation, tant dans l'identité de ses destinataires que dans ses modalités d'usage, signes de l'évolution des visées éducatives.<sup>10</sup>*

Os textos que integram os capítulos a seguir inspiram-se nesta mirada sugerida pelo excerto que aqui funciona como inspiração, farol do percurso para o leitor.

---

<sup>10</sup> [http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03\\_3.htm](http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03_3.htm)

Tradução livre: Primeiro livro da infância, o abecedário é mais que um título. De uma parte porque é o mais antigo gênero destinado a esta idade, mas também porque a tradição o consagrou como “o livro dos livros”, chave do saber escrito e primeiro princípio da educação. O [dicionário] Robert o define como um “livro para aprender o alfabeto”, mas a simplicidade dessa formulação mascara uma realidade histórica mais complexa. No decurso dos séculos o abecedário se transformou, tanto em seu conteúdo quanto em sua apresentação, tanto a identidade de seus destinatários quanto a modalidade de seus usos, signos da evolução de seus objetivos educativos.

## CAPÍTULO 1



### DA HISTÓRIA CULTURAL, DA HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA, DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS



A história é uma aventura que nos mobiliza no sentido de construir um conhecimento que não aparte a imaginação do rigor. (NUNES, 1990, p.37)

**F**

inalizei o projeto de dissertação evocando uma das versões de uma lenda<sup>11</sup> da mitologia grega conhecida como “O fio de Ariadne”. A trajetória de Ariadne, filha do soberano de Creta, teve início quando ela caiu de amores por Teseu. O herói logo demonstrou nobreza e firmeza de ânimo. Ariadne demonstra interesse pelo rapaz quando ele se entrega por vontade própria ao Minotauro, um ser meio homem, meio touro, que ocupava o labirinto edificado por Dédalos. Teseu toma essa decisão ao saber que sua terra

---

<sup>11</sup> Cf. <http://www.infoescola.com/mitologia/ariadne/>

natal deveria entregar, como tributo à Creta, uma cota anual de sete moças e sete moços, os quais seriam oferecidos ao monstro, que se alimentava de carne humana.

A estrutura labiríntica fora criada no Palácio de Cnossos, com vários caminhos enredados, de tal forma que ninguém seria capaz de deixar seu interior depois que houvesse nele entrado. Porém, Ariadne, completamente apaixonada, oferece ao seu amado, que também parece amá-la, uma espada para ajudá-lo a lutar contra o monstro, e o famoso fio de Ariadne, que o guiaria de volta ao exterior. A ideia é bem sucedida.

Labirinto..., essa é a metáfora que elejo para a escrita da dissertação. Ele, sob determinada perspectiva, comporta ciclos, em outras palavras, caminhos sucessivos que permitem à uma pesquisadora reencontrar seus próprios passos, quem sabe, passos de outros pesquisadores. Contudo, visto de outro modo, os caminhos já percorridos podem se mostrar renovados se os explorarmos em sentido inverso, em sentido diferente.

O fio de Ariadne usado como recurso metafórico para este trabalho, pode aqui ser comparado ao aporte teórico e metodológico. Este, por sua vez, demarca todo o caminho percorrido, garantindo o retorno, mas, sobretudo, usado em sucessivas marcações, convirá para assegurar prováveis avanços na composição do estudo.

O percurso no labirinto da pesquisa, então, permitiu compreender, interpretar, narrar uma parte da história dos abecedários.

Escrever a história e, neste caso, uma contribuição à história dos abecedários, parafraseando Nunes (1990), representa ver-se diante de um desafio, uma vez que tal tarefa precisa conviver, em alguma medida, com os atributos de uma aventura<sup>12</sup>: o acaso ou a sorte, um acontecimento imprevisível, uma ação arriscada. Apreciando esta questão, Renato Janine Ribeiro (1999, p.190) afirma que quando o desejo de conhecer nos acontece, é provável que passemos pelo pavor frente à novidade. Contudo, o autor explica, que este pavor precisa despertar “a vontade de inovar, ao invés de levar o estudante a procurar terra firme, terreno conhecido”. Segundo Ribeiro (1999, p.190), “não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme”, é necessário cultivar espaços

---

<sup>12</sup> Cf. <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>

para a descoberta, por isso recomenda que o jovem pesquisador se exponha mais a seu objeto de trabalho.

Lembre que, nas Humanas, *nada é apenas objeto*, porque sempre, de alguma forma, tem a ver intimamente com o sujeito que o está estudando. Daí que, em vez de marcar essa exterioridade mecânica do sujeito ao objeto, mediados pela "bibliografia", seja melhor mergulhar fundo, submeter-se ao que meu *corpus* (palavra melhor, esta, que aliás dá um *tom físico* ao que estaremos fazendo) me trouxer de sugestivo. Muito vai surgir de errado, mas algo pode aparecer de novo e enriquecedor (RIBEIRO, 1999, p.193) [grifos do autor].

A possibilidade de “submeter-me” ao que o *corpus* desta pesquisa ofereceu de sugestivo, algo não pensado, inusitado, levou-me a trilhar um caminho com pouquíssimas certezas e demasiadas dúvidas. A partir de tal constatação, procurei mobilizar um conhecimento que não dissociasse a imaginação do rigor. E, ao mesmo tempo, não descuidar da vigilância epistemológica, palavra-chave para a realização desta tarefa.

Uma primeira premissa foi compreender que ao escrever (uma) história, segundo Nunes (1990, p.37), ela é reconstruída e é parcial, pois a “pluralidade de um universo” escapa às investidas de nossas ferramentas teóricas e metodológicas. Não há uma verdade inteira, única, coerente a reconstituir, tampouco podemos alcançar uma suposta totalidade.

Uma segunda premissa, a partir dos postulados de Chartier (2000b), foi entender que a história do tempo presente se manifesta com persistência ao desejo de verdade, que segundo o autor é inerente a todo o trabalho histórico. Explica, contudo, que nestes últimos anos as atenções se voltaram à relação existente entre a escrita histórica e a escrita ficcional. “Ambas pertencem à categoria das narrativas, e toda história, inclusive a menos factual, a mais estrutural, constrói suas entidades, suas temporalidades e suas causalidades da mesma forma que a narrativa de ficção” (CHARTIER, 2000b, p.217).

Como anunciei antes, esta pesquisa de cunho histórico, se caracteriza como qualitativa entendendo o qualitativo como a compreensão das utilizações dos materiais em um contexto preciso, localizado e específico. Partindo, portanto, da premissa estabelecida por Chartier (1998a, p.15) que “trabalhar ao nível particular não significa renunciar a estabelecer alguns diagnósticos de

conjunto, que outros estudos de casos particulares deverão rever ou validar”. A pesquisa encontra-se inspirada nos pressupostos da história cultural, cujos apontamentos evocados por Roger Chartier (2000b) se filiam, de imediato, a tal campo.

Sandra Jatahy Pesavento (2012) explica que a história cultural corresponde, a partir dos anos 2000, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, entre publicações de livros, artigos científicos, apresentações de trabalhos em congressos, dissertações e teses.

Segundo a autora, esta ampla difusão do campo marca uma verdadeira virada no âmbito da história. Isso porque duas matrizes de interpretação foram apontadas como insatisfatórias para explicar o real: o marxismo e a corrente da Escola dos Annales. Segundo Pesavento (2012, p.12), quanto ao marxismo, alguns intelectuais<sup>13</sup> acreditavam que as concepções defendidas pelo materialismo histórico fixavam determinados modelos completos e fechados para a análise da realidade, ou seja, “[...] a sensação intelectual de que tudo já estava explicado, basicamente em termos de dominação e resistência [...]”. Quanto à Escola dos Annales, Pesavento (2012, p.13) explica que seus postulados negavam os referenciais marxistas da análise classista. Seus adeptos procuraram, então, buscar arquivos, coletar sistematicamente dados e organizá-los sequencialmente. Sob este aspecto receberam duras críticas, pois essa maneira de fazer história estaria “reduzida a uma narrativa sem capacidade de explicar os fenômenos”. Além disso, ambicionavam uma história total, uma perspectiva globalizante. Pesavento (2012, p.13) comenta, no entanto, que embora a Escola dos Annales tivesse inovado com as categorias de estrutura e conjuntura, conceitos identificadores da média e longa duração, privilegiou em suas pesquisas a “análise dos níveis econômico e social da realidade, relegando a cultura a uma terceira instância”.

Para a autora, houve um esgotamento de modelos e de um regime de verdade que explicava os fenômenos de modo global e totalizante. Tais sistemas explicativos passaram a ser postos em dúvida, pois a realidade parecia escapar aos enquadramentos redutores diante da complexidade que se instaurou no mundo pós-Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>13</sup> Um exemplo é o inglês Edward P. Thompson.



No decorrer de seu livro “História & História Cultural” (2012), a autora deixa claro, inicialmente, que se falarmos de narrativa no sentido lato parece que não há nada que possa causar incômodo ou desconforto. Porém, isso só é possível desde que não estejamos lidando com a ciência. Ainda mais quando o questionamento a respeito do aspecto e viés narrativo afasta-se da ficção e se propõe a ocupar as discussões e proposições metodológicas de um campo de estudos como a história, por exemplo. Imediatamente decorrem suspeitas. Tal postura sucede do fato de o interesse pela dimensão narrativa vir acompanhado de uma indagação acerca da cientificidade da história. Vale registrar que todos estes aspectos também afetam a historiografia da educação.

Para Pesavento (2012), a pesquisa empírica, primeiramente, acabou se configurando como uma válvula de escape, para que os historiadores pudessem se defender das críticas à disciplina, daí advêm todo o cuidado e atenção com que passou a ser tratada. A narrativa, por outro lado, foi vista por muitas gerações de historiadores como um terreno movediço, como uma instância que, de alguma maneira, não lhes cabia problematizar. A obrigação do historiador, neste momento, de acordo com Pesavento (2012), era dizer o que aconteceu, mas o como dizer não era objeto de reflexão. A história precisava, de algum modo, ser escrita, mas a maneira de escrevê-la por muito tempo esteve ausente da agenda dos historiadores.

A partir dessas considerações, Pesavento (2012) aponta estudos importantes que foram e têm sido feitos acerca da escrita da história, em todas as suas dimensões, incluindo aí a narrativa histórica. Tal dimensão tem instrumentalizado os historiadores a lidarem com a complexa relação entre pesquisa e escrita. Explica ainda que tal questão, por sua vez, gera outra discussão e problematização mais específica: o estatuto de verdade do discurso histórico. Entre os autores que tem contribuído para o debate de modo direto e indireto, Pesavento (2012) menciona, entre outros, Pierre Bourdieu, Jacques Le Goff, Lawrence Stone, Paul Veyne, Hayden White, Paul Ricoeur, Michel de Certeau, Michel Foucault, Roger Chartier, etc.

O livro “A escrita da história” de Michel de Certeau, de acordo com Pesavento (2012), busca assegurar o caráter científico da história, além de propor a reflexão sobre o ofício do historiador e sua relação com a sociedade. Certeau (1982) formula a seguinte questão: o que é que faz o historiador quando

se torna escritor? Tal pergunta, incitou debates no interior da disciplina e fora dela: afinal, escrever a história e fazer a história seriam coincidentes?

Para refletir sobre esta indagação, penso ser pertinente elucidar a noção/conceito de operação historiográfica formulada por Certeau:

Encarar a história como operação, será tentar de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da 'realidade' da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada 'enquanto atividade humana', 'enquanto prática'. (CERTEAU, 1982, p.66) [grifos do autor]

Certeau, assim, ao definir o trabalho do historiador, busca combinar três elementos: o lugar social, a prática e a escrita. A coesão entre estes três componentes atestaria, então, a produção de um texto propriamente historiográfico.

Conforme Pesavento (2012), tal afirmativa já indica uma ruptura com a posição adotada por aqueles que ponderavam que a narrativa não seria o foco de problematização dos historiadores e que sua preocupação se dirigiria à implementação de um método que garantisse à história um caráter científico.

Percebe-se, a partir da noção/conceito de operação historiográfica, que Michel de Certeau (1982) se propôs a articular duas dimensões que por muito tempo representaram um dilema no ofício dos historiadores, a saber: a relação entre pesquisa e escrita, representada em muitos aspectos, segundo Pesavento (2012), como uma relação confusa entre cientificidade e arte historiográfica.

É elucidativo evocar a definição de historiografia definida por Paul Ricoeur sob inspiração de Michel de Certeau (1982):

A história é, de ponta a ponta, escrita. A este respeito, os arquivos constituem a primeira escrita com a qual a história é confrontada, antes de terminar ela mesma em escrita sob o modo literário. (RICOEUR, 2007, p.171)

A partir do postulado defendido por Ricoeur (2007), compreende-se que a inevitável vontade de verdade da história atravessa todas as etapas de sua operação: desde a imersão nos documentos, a dimensão interpretativa até a

ocasião da escrita. Penso que esta questão é pertinente para apreender, baseada em Certeau (1982) e Ricoeur (2007), que é na imbricação entre pesquisa e escrita que a operação historiográfica acontece.

Galvão e Lopes (2010, p.81), autoras do campo de estudos da história da educação, explicam que na exploração e categorização dos documentos o historiador precisa “interpretar e explicar o passado, fazendo o maior número de associações e relações”. Ainda, segundo as autoras, a escritura da história materializa todo o trabalho realizado e ele é parte da própria operação historiográfica.

Não se trata simplesmente de relatar os resultados da pesquisa: as opções de como organizar o texto definem e expressam a configuração do próprio objeto. Um dos desafios dos novos historiadores é evitar que o leitor tenha a impressão de que a história narrada é coerente e isenta de contradições. Na verdade, o relato ordenado que o historiador apresenta como resultado de pesquisa é muito mais fruto da linguagem e narrativa do que da própria pesquisa histórica. (GALVÃO; LOPES, 2010, p.81)

É possível compreender, até aqui, que as efervescentes discussões a respeito da cientificidade da história, desencadearam, de algum modo, a emergência da história cultural. Esta, por sua vez, priorizou entre seus princípios, uma suspeição às macro interpretações, ou seja, assumiu preferência pela compreensão do particular ou do específico na sua relação com a sociedade mais ampla. Práticas particulares, objetos específicos, usos determinados, ao invés de um propósito totalizante, considerado impossível, conforme Chartier (2004).

Pesavento (2012) retoma a posição de Chartier relativamente à noção complexa de cultura e lista objetos, temas e documentos de que a história cultural vem se ocupando, dentre eles: no âmbito das Artes, da Literatura e da Ciência, podem ser analisadas condições sociais e culturais de produção, circulação e apropriação dos objetos de arte e literatura. Segundo a autora, a história cultural se interessa pelos sujeitos produtores e receptores de cultura, cuja abrangência vai dos intelectuais, escritores, ou pensadores até o leitor “comum”. Sob este aspecto, os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas são alvo de interesse

para a pesquisa. Para além dos sujeitos e instituições que produzem a cultura, a história cultural se propõe a estudar os meios através dos quais a cultura se produz e se transmite, ou seja, as práticas – “compreender como determinadas visões de mundo – materializadas em produtos culturais – foram produzidas e disseminadas por diferentes grupos sociais” (GALVÃO; LOPES, 2010, p.33).

António Castillo Gómez (2003), no artigo “Historia de la cultura escrita: ideas para el debate”, explicita que o escrito, além de seu aspecto instrumental ou literário, é, em si mesmo, no cotidiano de suas funcionalidades, um fenômeno de cambiantes interpretações, sendo, por isso, objeto de distintos pontos de vista. Empreender estudos sobre a cultura escrita implica em dispor-se a caminhar com vistas à reconstrução de um quebra-cabeça de sua história.

*A la postre, saber por qué razones se há hecho uso de la escritura em cada momento y sociedad, conocer la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se ha experimentado su recepción y apropiación, en fin, las prácticas de la escritura y de la lectura, es una forma de hacer historia cultural. (CASTILLO GOMÉZ, 2003, p.96)*

A citação acima indica o ponto de diálogo entre a história cultural e a história da cultura escrita e as fecundas ideias que podem ser inter-relacionadas para pensar os abecedários.

Para Castillo Gómez (2003), se a escrita for entendida como um simples código ou signo, reduziremos, inevitavelmente, suas múltiplas funcionalidades. É preciso, no entanto, que estejamos conscientes de que as potencialidades do escrito dependem do tipo de sistema que prevalece(u) em cada sociedade.

*Desde esta perspectiva la escritura adquiere pleno valor como categoría de análisis histórico cuyo estudio debe atender a las consecuencias sociales y culturales derivadas de la implantación y extensión del código escrito. En suma, el proyecto que sostiene la historia de la cultura escrita transcende la consideración de la escritura como un mero sistema gráfico para interrogarse principalmente por sus distintas funciones y las consiguientes prácticas materiales, siempre en referencia a las respectivas sociedades históricas y teniendo en cuenta que en cada momento de la sociedad ha estado formada por alfabetizados y analfabetos. (CASTILLO GOMÉZ, 2003, p.96)*

Se o abecedário foi um dos artefatos que possibilitou a consolidação do código escrito de uma época, é preciso que estudemos, na perspectiva da história da cultura escrita, *“el significado y el uso que le han dado las respectivas sociedades a lo largo del tiempo”* (CASTILLO GOMÉZ, 2003, p.96). Penso que a partir desta concepção, fica evidente, primeiramente, que a escrita produz distintos significados para os sujeitos inseridos na escola e fora dela, que justifica a análise dos abecedários sob duas grandes divisões: seu uso em contexto escolar; sua presença em âmbitos sociais e culturais diversos. Parafraseando Castillo Gómez (2003), é preciso que interroguemos as diferentes funções da escrita em determinados momentos da sociedade.

Conforme Galvão e Lopes (2010, p.32), a história cultural tem instigado estudiosos a darem visibilidade a temas que antes eram pouco valorizados no interior da própria história da educação, *“ampliando os objetos, as fontes e as abordagens tradicionalmente empregados na pesquisa historiográfica”*. Houve, efetivamente, uma mudança na seleção dos objetos de pesquisa e na maneira de abordá-los. *“Os pesquisadores deslocam seu interesse das ideias e políticas educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos”* (GALVÃO; LOPES, 2010, p.35). As autoras observam, também, que mesmo os temas considerados tradicionais na história da educação (ensino e pensamento pedagógico), permanecem sendo estudados, porém com as lentes dessa tendência historiográfica. Assim, ressaltam que os grandes modelos explicativos têm perdido força, o que demonstra uma possível influência da história cultural.

Galvão e Lopes (2010, p.43) argumentam que atualmente não é mais possível falar em história da educação no singular. A crescente aproximação dos pesquisadores da história da educação com *“outras ciências humanas e com outras áreas da história contribuiu para que as crianças, os jovens, os intelectuais, o livro e a leitura, as mulheres etc. também se tornassem objeto da disciplina”*. As autoras observam, ainda, a importância dos estudos acerca da história da alfabetização, do livro e da leitura, como empreendimento daquelas pesquisas inscritas na história cultural (GALVÃO; LOPES, 2010, p.47). Esclarecem, então, que os historiadores da educação ao se ocuparem do livro e da leitura, buscam focar os três principais momentos do circuito da cultura: a produção, a circulação e a apropriação dos materiais de leitura.

Esta dissertação se depara com o circuito de difusão dos abecedários, sua circulação e possíveis apropriações, questões formuladas no capítulo de apresentação deste texto.

Conforme Galvão e Lopes (2010, p.49),

os estudos que se detêm sobre as formas de circulação dos objetos de leitura discutem como os materiais escritos eram disponibilizados para os potenciais leitores em diferentes sociedades e épocas.

O problema central desta dissertação volta-se a analisar um *corpus* documental de abecedários ilustrados em circulação no Brasil, especialmente localizados em acervos no Rio Grande do Sul (porque isso não significa que sejam do estado, uma vez que as editoras que imprimiram os livros fizeram circular pelo Brasil suas publicações), do século XX, buscando observar os modos em que foi ofertado à leitura. Este foi o investimento que levou a realização da investigação que recai sobre os abecedários. Além disso, demonstrar que os abecedários têm uma tradição secular<sup>14</sup> e o curioso é que tal tradição parece resistir a todas as revoluções dos suportes de escrita e leitura ao longo dos séculos. Eis que os abecedários se apresentam, ainda, renovados, e ao mesmo tempo, nas formas mais antigas que os engendram como dispositivo de acesso à cultura escrita de diferentes culturas, línguas, povos e lugares.

Durante a primeira fase da pesquisa realizei algumas visitas a dois arquivos públicos do estado do Rio Grande do Sul. Um deles foi o Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho de Porto Alegre. Nesta instituição, tive acesso ao acervo vinculado à educação, na seção intitulada: “fundos documentos executivos”. Encontrei diversos relatórios elaborados entre 1924 a 1962, pela equipe gestora das escolas, direcionados ao intendente municipal ou prefeito do município ou secretários em exercício. Neles constam registros sobre a prestação de contas sobre o número de alunos matriculados, nomes de professores, descrição das instalações e dos mobiliários permanentes, distribuição da merenda, etc. Localizei exemplares de revistas de cunho pedagógico que foram elaboradas pela Secretaria Municipal da Educação (Porto

---

<sup>14</sup> Assim como demonstram os estudos de Jean Hébrard (2002), Anne-Marie Chartier (2004), Jean Duvallon (2010).

Alegre). Nos documentos analisados, não há nenhuma menção à aquisição de materiais didático pedagógicos para as escolas primárias, portanto, era preciso outra alternativa de acervo.

O outro arquivo consultado foi o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. O foco de atenção neste local foram os documentos sobre Instrução Pública<sup>15</sup>: correspondências, atas, relatórios diversos, etc. Dentre os materiais que consultei, observei a existência de relatórios em que as escolas municipais solicitavam materiais didático pedagógicos para o ensino. Os pedidos eram diversos, a saber: mapas, cadernos de tabuada, cartilhas, livros de leitura, giz, caneta tinteiro, mata-borrão, entre outros. Realizei o levantamento de documentos relacionados à Instrução Pública dos seguintes municípios: Triunfo, Vacaria, Uruguaiana, Tahim, Taquara, Torres, Rio dos Sinos, Soledade (1º, 2º e 3º distrito), Taquari, Tapes, Três Forquilhas, Três Portas (São Leopoldo). Nesta busca, chamou atenção que nenhum município gerou relatório com pedido de materiais, exceto Triunfo e, este, por sua vez, mantinha o requerimento de modo bastante frequente. Não encontrei nos relatórios a menção a abecedários, embora repetidas vezes, o Livro de Leitura de Hilário Ribeiro tenha sido citado.

Após a defesa do projeto, realizei a releitura do texto, a leitura atenta dos pareceres emitidos pelos professores que compuseram a banca, algumas decisões precisaram ser tomadas. Se investisse no retorno ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul obteria, a partir dos relatórios emitidos pelos professores, a presença ou ausência de abecedários no contexto escolar. Não teria acesso, portanto, à materialidade ou a uma descrição detalhada da composição desses impressos. Esse foi o principal motivo que me levou a buscar a composição de um acervo de abecedários ilustrados a partir do qual pudesse folheá-los, obter informações de publicação e edição, conhecer seus recursos tipográficos de acordo com a época de sua impressão, etc.

Manusear abecedários do século XIX e XX? Onde localizá-los? Na tentativa de composição da empiria para a pesquisa, essas foram as primeiras perguntas que me mobilizaram a fazer a leitura de um artigo intitulado “Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no século XIX”, de autoria de

---

<sup>15</sup> Foram estes materiais que encontravam-se disponíveis para a consulta e pesquisa.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade, pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Neste artigo a autora faz um mapeamento de impressos para o ensino da escrita no século XIX a partir de importantes acervos brasileiros: a Biblioteca Nacional, o Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (LIVRES), da Universidade de São Paulo (USP) e o Centro de Referência do Professor. Segundo a autora

precisamos continuar a procurar abecedários e/ou silabários para constatar algumas diferenças e similitudes em relação a outros contextos, como o francês, por exemplo. Mas se esses materiais circularam e foram popularizados, constatamos sua ausência em acervos. (FRADE, 2010, p.276)

No início deste capítulo me vali da evocação da lenda grega, “O fio de Ariadne”. A partir dela usei a metáfora do labirinto e referi que no itinerário da minha pesquisa provavelmente eu retomaria os passos de outros pesquisadores a fim de subsidiar minhas escolhas e embasar metodologicamente os argumentos por mim formulados.

Isabel Frade percorreu importantes acervos e constatou a ausência de abecedários conservados do século XIX. A partir disso, outra importante escolha foi feita para compor a empiria desta dissertação: concentrar nos abecedários ilustrados do século XX, em especial até a década de 1980, e buscá-los nos acervos da região de Porto Alegre<sup>16</sup>. Os locais selecionados para a busca foram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, a Biblioteca Pública Lucília Minssen da Casa de Cultura Mário Quintana, as Bibliotecas da UFRGS (são espalhadas em diversos *campus* da universidade), a Biblioteca Central da PUCRS Irmão José Otão e a Biblioteca do Instituto de Educação General Flores da Cunha, além da pesquisa virtual em sebos, por meio do site da Estante Virtual<sup>17</sup>. Foram selecionadas dentre tantas, por serem instituições de referência na capital e que poderiam ter conservado abecedários ilustrados em meio a tantos títulos de livros que acolhem em seus acervos.

---

<sup>16</sup> Devido a necessidade de tornar a pesquisa viável diante da pouca disponibilidade de tempo.

<sup>17</sup> Os sebos selecionados para a pesquisa localizavam-se em Porto Alegre.



Com os locais de pesquisa definidos realizei a busca nos catálogos das bibliotecas. Para todas elas usei os mesmos descritores abc, abecedário e alfabeto. Compartilho abaixo os achados;

- a) Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul: para “abc” foram localizados 13 exemplares, para “abecedário” 1 exemplar e no descritor “alfabeto” 15. Totalizaram 29 títulos, contudo nenhum deles se configura como abecedário ilustrado.
  
- b) Biblioteca Pública Lucília Minssen: para “abc” 25 itens foram encontrados. Dentre esses 25 exemplares, 3 deles são abecedários ilustrados, mas fogem da delimitação definida. Outrossim, 9 deles não se configuram como abecedários. Há **9** títulos que são abecedários ilustrados, mas se somados os exemplares que se repetem em ano de publicação e/ou edição, o total eleva-se para 13. Para o descritor “abecedário” foram identificados 5 exemplares, todos do mesmo título e que não se assemelham ao material selecionado para a análise. Por fim, para “alfabeto”, 43 exemplares foram localizados. Desse total, 13 deles coincidem com o descritor “abc”, sendo todos do grupo de abecedários ilustrados. No acervo da biblioteca foram localizados 6 exemplares de abecedários ilustrados que se diferenciam do grupo idêntico ao descritor “abc”, mas contabilizando somente os títulos com ano de publicação e/ou edição diferente há **5**. Há 10 exemplares encontrados que não compõe a empiria, pois ultrapassam ao recorte temporal estabelecido. Ainda, 14 exemplares não se configuram como abecedários. Somando os 9 do descritor “abc” com esses 5 referentes ao descritor “alfabeto”, há **14** abecedários que foram localizados no acervo da Biblioteca Lucília Minssen e são pertinentes à pesquisa.
  
- c) Bibliotecas da UFRGS: percorri o catálogo virtual (SABI) das bibliotecas da universidade. O sistema mapeia, a partir da inserção dos descritores, todos os livros que constam nos acervos das bibliotecas. Quanto ao descritor “abc” foram localizados 186 exemplares. Deste total, somente **4** deles se configuram como

abecedários ilustrados e todos estão na Biblioteca da Faculdade de Educação. Um dos exemplares tem publicações em dois anos diferentes, o que representa 3 títulos. Para “abecedário”, 13 itens, e para “alfabeto” 70 exemplares. Nesses dois últimos descritores não foram encontrados abecedários ilustrados.

- d) Biblioteca Central da PUCRS Irmão José Otão: para “abc” encontrei 236 itens, quanto ao descritor “abecedário” 7 títulos e para “alfabeto” 24 exemplares. A busca totalizou 267 achados, contudo nenhum deles é efetivamente um abecedário ilustrado.
- e) Biblioteca do Instituto de Educação General Flores da Cunha: essa biblioteca não possui catálogo online. A consulta só pode ser feita no local. Em todas as minhas idas ao Instituto não pude ter acesso ao acervo, pois o mesmo estava fechado. A equipe diretiva me recebeu e explicou que não há um bibliotecário concursado para atender e cumprir as demandas, por isso a biblioteca fica a maior parte do tempo sem acesso. Relataram que havia um professor que atendia pela manhã, mas assim mesmo, nas vezes que me dirigi à escola nesse turno, a biblioteca estava com as portas trancadas.
- f) Busca online no *site* da Estante virtual: como registrei antes na nota 14 anteriormente, filtrei a pesquisa em sebos de Porto Alegre. Para “abc” foram encontrados 222 títulos diferentes. Porém, contabilizando todos os exemplares, mesmo os de títulos repetidos, há 290 livros, sendo que 15 são novos e 275 são usados. Desse total, adquiri **3** abecedários ilustrados (foi tudo o que localizei). Para “abecedário” 6 itens com títulos diferentes. Abarcando todos os exemplares localizados, até aqueles com o mesmo título, foram encontrados 7. Deste total, 1 livro novo e os outros 6 usados. Quanto ao descritor “alfabeto”, 17 títulos são diferentes. Incluindo todos exemplares de títulos repetidos, foram mapeados 31 livros, sendo que 17 são novos e 14 usados. Para os descritores “abecedário” e “alfabeto” não foi encontrado abecedário ilustrado.

A composição do *corpus* aconteceu a partir do acervo da Biblioteca Lucília Minssen, da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS e da Estante Virtual. O total de abecedários que fazem parte da empiria é vinte e um.

Todo o material repertoriado foi devidamente fotografado e arquivado por titulação, ano de publicação, número de edição, quantidade de páginas, universo temático das imagens, tipos de letras, notas de editores e/ou autores. Elaborei tabelas para organizar as informações relevantes. Estas, constam junto ao capítulo que se dedica a analisar esses abecedários.

A partir do mapeamento dos abecedários ilustrados reunidos, algumas questões pontuais referentes ao ofício do pesquisador, neste caso, de uma jovem pesquisadora que pretende narrar uma história dos abecedários me sobrevieram.

Inicialmente, a partir de Farge (2009), compreendi que privilegiar determinado arquivo, determinado acervo e/ou documentação supõe uma escolha e produz, de alguma maneira, um itinerário de pesquisa a percorrer. Tomo essa ideia, no entanto, como parte da operação historiográfica, de uma narrativa dos abecedários ilustrados, que formulo nesta dissertação.

Diante do *corpus* que analiso, talvez haja a necessidade de um gesto de artesão. É possível pensar a organização do conhecimento como a montagem de um mosaico, organizar as partes na intenção de formar uma “imagem”, uma “peça”. Entendo, entretanto, que será a capacidade interpretativa e argumentativa que unirá as peças desse mosaico e, conseqüentemente, proporcionará inteligibilidade ao estudo.

Vestígios, rastros, indícios são expressões para essa reflexão. Diante da vasta lista de livros impressos durante séculos, de acervos e bibliotecas com as prateleiras cheias de livros do teto ao chão, de sebos espalhados pelas cidades com coleções de livros antigos, usados e novos, onde estarão os abecedários ilustrados? Talvez não haja uma resposta para essa pergunta, mas ela leva a pensar a respeito da constituição dos acervos brasileiros e a cultura do guardar a todo preço ou do descartar a todo preço.

Um jornal francês<sup>18</sup> publicou uma matéria em 30 de dezembro de 2013, cuja manchete foi “*On garde ou on jette?*”<sup>19</sup>, o texto é de *Murielle Bacheller*. Na matéria está em debate, a ação de guardar ou descartar objetos. A jornalista comenta em seu texto, sobre a publicação de um livro, escrito por *Valérie Guillard*, que intitula-se “*Garder à tout prix*”<sup>20</sup>. O autor explica que tinha muita curiosidade em saber o motivo pelo qual algumas pessoas mantêm muitos objetos guardados. Um dos aspectos que o fascinou nessa pesquisa é que as pessoas não estão imunes aos objetos, mas as relações que estabelecem com eles também as constituem, de algum modo.

A jornalista cita o caso de um jovem que desde a infância adquiriu o hábito de guardar, colecionar. Para o jovem, tal costume faz parte da educação que recebeu. Sente medo de descartar algo e depois de um tempo se arrepende. Confessa, inclusive, que é capaz de manter objetos quebrados se perceber que há a possibilidade de recuperá-los.

A leitura desta matéria suscitou pensar que a relação durável com o objeto, dentre tantos outros motivos, é também um traço cultural. Um acervo qualquer, por conseguinte, pode nos dizer de uma cultura. Essa questão remete a um aspecto teórico e metodológico importante: é preciso desnaturalizar o que restou. É necessário questionar o que está guardado nos acervos. Pode-se observar, então, as recorrências, mas também as ausências, as raridades.

Arlette Farge (2009), em seu livro “O sabor do arquivo”, comenta a operação historiográfica que realizou ao manusear os arquivos judiciais da França, sobretudo os parisienses. Relatou com detalhes os sentimentos provocados por essa experiência. Propõe uma premissa

O arquivo supõe o arquivista; uma mão que coleciona e classifica, e embora o arquivo judiciário seja, com toda a evidência, em todas as bibliotecas ou depósitos de arquivos departamentais, o mais ‘brutalmente’ conservado (isto é, simplesmente guardado em estado bruto, sem encadernação, sem capa, apenas reunido e atado com um feixe de palha), de certo modo está preparado para um uso eventual. (FARGE, 2009, p.11)

---

<sup>18</sup> O jornal francês chama-se “*A nous Paris*”. Disponível em: <http://www.anous.fr/paris/nos-essentiels/article/17-paris/2969-on-garde-ou-on-jette->

<sup>19</sup> Tradução livre: “A gente guarda ou a gente descarta?”

<sup>20</sup> Tradução livre: “Guardar a todo preço”.

A argumentação da autora leva a indagar sobre os abecedários que não foram descartados e os motivos que asseguraram seu armazenamento. Será pela conservação do material? Será pelo apreço aos autores ou ilustradores da obra? Será pelo hábito de guardar livros? Será pelo apego ao livro e uma relação de afeto com ele? Que critérios nortearam a ação dos arquivistas?

Ouso comentar que a raridade da existência de abecedários ilustrados nos acervos e bibliotecas consultadas, pode ser interpretada, sob determinado ponto de vista, como decorrente de práticas aleatórias de conservação, outras não intencionais ou, baseadas em critérios de guarda e/ou descarte pouco explícitos. Seria uma conservação ou descarte ao acaso, por razões fortuitas não explicitadas, cuja memória das razões já se perdeu? Pode-se pensar, também, que os abecedários ilustrados foram reféns das decisões de um bibliotecário ou decisão de uma gestão institucional que não registrou seus motivos. Carlo Ginzburg (1989) sugere que a raridade, e aponto o caso desta dissertação, a raridade de abecedários ilustrados, também pode dizer muito sobre determinada questão. Não é preciso, segundo o autor, ter uma grande escala para compreender um fenômeno complexo. É preciso que nos pormenores saibamos visibilizar realidades profundas.

A Biblioteca Lucília Minssen foi o local onde mais exemplares dos abecedários ilustrados foram encontrados. Essa biblioteca conta com um acervo especial chamado “Tesouros Juvenis”. A história da biblioteca<sup>21</sup> ajuda a pôr em reflexão os aspectos relacionados ao descarte e/ou conservação de livros. Sua história começa a partir da Lei 2343/1954 que criou a Divisão da Cultura da Secretaria de Educação e Cultura com as diretorias de Ciências, de Letras de Artes. Sob os cuidados da direção de Letras, foram criados no estado do Rio Grande do Sul, o Instituto Estadual do Livro e a Biblioteca Pública Infantil (BPI). Assim, no ano de 1955 ela começou o atendimento ao público sob a supervisão da bibliotecária Lucília Minssen.

---

<sup>21</sup> Os apontamentos sobre a história da biblioteca, estão baseados a partir de um catálogo intitulado “Projeto Tesouros Juvenis da Biblioteca Lucília Minssen”, que trata do processo de higienização, recuperação, acondicionamento, catalogação, armazenamento e disponibilização à consulta de seu acervo especial.

Em outubro de 1968 iniciou-se uma leitura das estantes com a finalidade de conhecer o Acervo, e cada livro foi comparado com as informações do catálogo topográfico. Observaram-se muitas perdas por danificação ou por livros não devolvidos. Além desse aspecto, muitos livros já não seguiam o padrão ortográfico vigente e isso significava que as obras não deveriam permanecer nas estantes a fim de evitar que as crianças, a partir das leituras, memorizassem a grafia errada das palavras.

Um desses livros era “A festa das letras” de Cecília Meirelles e Josué de Castro, publicado no ano de 1936. Para evitar o descarte das obras, foi criada, assim, a Coleção Patrimônio que atualmente conta com uma infraestrutura de 50m<sup>2</sup> com móveis e equipamentos modernos que garantem espaço para a pesquisa.

Dessa breve história da biblioteca, pode-se compreender que a sobrevivência de livros depende de uma série de fatores. Fatores espaciais, estruturais, iniciativa de bibliotecários, dentre outros.

Evoco, neste momento, aspectos relacionados à história do livro e da leitura, articulando-as com as possibilidades teóricas e metodológicas que oferecem para a análise do conjunto de abecedários examinados.

Os objetos escritos sob a forma de manuscritos, pinturas, impressos e epígrafias, junto às práticas de leitura deles decorrentes, podem ser denominados, segundo Armando Petrucci (1999), de cultura gráfica. Os leitores, ao manusearem o texto veiculado em diferentes suportes, atribuirá múltiplos usos e diversas significações ao que lê, o que leva-nos a considerar a relevância dos dispositivos editoriais e textuais existentes nos abecedários aqui reunidos.

Lyons (1999) afirma que a história do livro está relacionada com o estudo da transformação de suas formas materiais. A forma física do texto, seu formato e a disposição do espaço topográfico na página são fatores que determinam a relação entre o leitor e o texto.

Os primeiros livros impressos, conforme Lyons (1999), permitiam que o leitor construísse seus próprios métodos para auxiliar a leitura, tais como a numeração de páginas, a indicação de letras maiúsculas e pontuação. O livro impresso herdou várias convenções dos manuscritos, mas gradativamente desenvolveu sua própria sistemática de configuração das páginas. Formas que contemporaneamente parecem naturais, contudo, baseiam-se na invenção de

técnicas datadas e transitórias. Chartier e Cavallo (1998b) destacam que o texto não existe em si mesmo, ele dependente de um suporte que o veicula.

Nesse contexto, para Chartier (2000a), os recursos tipográficos

Permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores. (CHARTIER, 2000a, p.98)

Desse modo interessa reiterar a importância do suporte, considerando as transformações na configuração gráfica da página e dos protocolos de leitura que produzem diversas atribuições de sentido ao que é lido.

Diante disso, convém esclarecer que os abecedários são examinados nessa dissertação, sob a relação triangular proposta por Chartier (1992), suporte-texto-leitura. São estudados a partir da caracterização do suporte por meio do formato, composição gráfica das capas e contracapas, além das relações topográficas entre letra, palavra e imagem inscritas no interior de suas páginas. Observa-se os protocolos de leitura explícitos sob a forma de prefácios autorais e editoriais, sob a forma das imagens figuradas nos impressos e a “semântica” dos temas que elas evocam. A análise, ainda, mapeia os diferentes traçados de letras ali inscritos na relação grafema/fonema.

Ginzburg (1989), narra a história de Giovanni Morelli que realizou um estudo a respeito da arte, ao fim do século XIX. Sob o pseudônimo de Lermolieff, deteve uma atenção peculiar a um tipo de detalhe das pinturas, as orelhas. O que pretendia, a partir de seu estudo, era auxiliar na identificação de quadros autênticos daqueles que não eram, fornecendo, também, maior precisão à atribuição das obras aos seus respectivos pintores. Isso porque muitas telas não eram assinadas e os exímios falsificadores eram impecáveis na cópia, embora muitos deles faltavam aos pequenos detalhes.

O que destaco no caso de Morelli é justamente o seu argumento. Afirma que as falsificações não estão nos elementos mais elegantes da pintura, mas nas partes mais obscuras, nos pequenos e singelos detalhes. Para levar a cabo o método proposto por Morelli, fazia-se necessário “[...] examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a

que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p.144). O método de Morelli ganhou força, embora tenha sido severamente criticado, acabou por identificar vários quadros.

A partir do que foi abordado pelo autor, percebe-se que o estudo dos detalhes não é um preciosismo, mas as peculiaridades também constituem o objeto de estudo. Com isto, entendo que a análise do conjunto de abecedários ilustrados examinados, sob o postulado suporte-texto-leitura evidencia, parafraseando Ginzburg (1989, p.144), “[...] os pormenores mais negligenciáveis”, ou seja, os “detalhes” que podem parecer singelos e podem passar despercebidos, em alguma medida, constroem uma história das práticas de leitura.

O capítulo a seguir tem como objetivo identificar estudos a respeito do tema tratado nesse trabalho por meio de diferentes possibilidades de busca, a saber: os resumos existentes no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Revista Brasileira de História da Educação e os trabalhos publicados pelo Grupo de Trabalho (GT) História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

A revisão de literatura indica algumas pistas em relação ao tema da dissertação, oferecendo alguns dos argumentos aqui desenvolvidos. Aponta, por outro lado, a importância dessa investigação uma vez que a especificidade do que aqui é examinado traz novidades e contribuições à história dos impressos voltados para o ensino de leitura e escrita inicial.



## CAPÍTULO 2



### DE A a Z: UMA REVISÃO DE LITERATURA



**O**s abecedários foram objeto de atenção em alguns estudos que se voltam à história da escolarização, ou da alfabetização, ou história do ensino da leitura e da escrita, ou mesmo história das produções editoriais, dentre outros.

Proponho neste capítulo, a apresentação do mapeamento que realizei com o objetivo de inscrever essa dissertação numa trajetória mais ampla de estudos e, no mesmo movimento, demonstrar sua relevância e contribuições.

Início apresentando as produções acadêmicas realizadas no âmbito da pós-graduação nos últimos dez anos (2003 a 2012)<sup>22</sup>. Optei por gerar os dados com base nas informações contidas em resumos do Banco de Teses e

---

<sup>22</sup> Devido a implantação da Plataforma Sucupira e a conseqüente inacessibilidade junto ao Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mantenho a pesquisa que realizei no projeto de dissertação, defendido em outubro do ano de 2013.

Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>23</sup>.

O critério de seleção e classificação baseou-se na opção por pesquisas que contivessem em seus títulos, resumos ou as seguintes palavras-chave: abecedário, silabário, história da alfabetização, métodos de alfabetização, práticas de alfabetização, cultura escrita, ensino da escrita, ensino da leitura.

As teses e dissertações localizadas foram agrupadas de acordo com seus principais temas de estudo, selecionados com base no que os autores consideraram como sendo o objetivo do trabalho, ou, no caso dos resumos em que o objetivo não era claro, baseou-se no contexto geral apresentado. Saliento que para a busca não foram definidas áreas de conhecimento específicas, mas interessou todo e qualquer achado.

Embora o levantamento empreendido seja um meio significativo para sublinhar a relevância do estudo desta dissertação, o mesmo não contempla a totalidade das produções acerca do tema, pois esta é uma dentre tantas ferramentas de pesquisa para acesso aos estudos já desenvolvidos. Além disso, o levantamento empreendido junto ao Banco de Teses e Dissertações possui dupla função. Uma delas é realizar um mapeamento geral do que se tem produzido sobre os abecedários na interface com o campo da história da cultura escrita e outras áreas afins, como referi anteriormente. Por outro lado, reforça a relevância desta dissertação, em função da raridade ou dos focos diversos de estudos sobre a temática aqui examinada.

Passo, então, à exposição dos resultados da consulta às teses e dissertações. Quanto ao descritor “abecedário”, duas teses e duas dissertações foram localizadas. Dentre estas produções identifiquei a tese intitulada “Usos do livro didático de alfabetização no primeiro ano de ensino fundamental: uma abordagem etnográfica”. Tâmara Cardoso André (2011, UFPR, Educação)<sup>24</sup>. A autora refere, breves palavras, a existência de abecedários nos livros didáticos<sup>25</sup> selecionados para compor a empiria de sua pesquisa. Apresenta

---

<sup>23</sup> Cf. <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>

<sup>24</sup> Adotarei este modo de referência as demais pesquisas que menciono nesta seção. O ano da publicação do trabalho, a universidade e a área de estudo na qual se vincula.

<sup>25</sup> Livros didáticos analisados na tese: “Porta Aberta: Letramento e Alfabetização Linguística”, distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático, e o “Alfabetização Fônica: Construindo Competência de Leitura e escrita”, adquirido pela prefeitura de Foz do Iguaçu. O período analisado é referente ao ano de 2010.

problematizações acerca do modo como as professoras usam o livro didático de alfabetização; a importância do mesmo na cultura escolar; o que as professoras enfatizam na alfabetização, ou seja, o ensino do código escrito ou as atividades envolvendo os usos sociais e significativos da leitura e da escrita. A autora avalia dois livros didáticos selecionados, relacionando-os com as concepções e métodos de alfabetização que fazem parte da história da educação brasileira. Uma das conclusões a que chega é que as professoras mesclam com o livro didático, práticas arraigadas, como o método silábico e o uso de abecedários e silabários.

Embora as constatações assinalem algumas aproximações ao tema que aqui interessa, destaco que não se relacionam diretamente com este estudo. A tese, contudo, indica um suporte, uma materialidade na qual o abecedário continua a circular, o livro didático.

Os demais trabalhos que o portal apresentou a partir do descritor “abecedário” não possuem aproximação com o estudo que a dissertação realiza.

Para o descritor “silabário”, foi identificada uma tese cujo título é: “Reciclagem neuronal: o espelhamento de grafemas na leitura de um silabário” de Tania Mikaela Garcia (2008, UFSC, Linguística). Esta, investiga como se dá a dissimetria dos grafemas em fase inicial de leitura a partir da aprendizagem de um silabário especialmente elaborado para o experimento. Segundo a autora, insere-se no campo da Psicolinguística Experimental, e a partir do estudo pretende compreender as dificuldades relativas ao reconhecimento dos traços distintivos das letras na alfabetização de crianças e adultos. A temática tratada, portanto, não se aproxima se aproxima do problema de pesquisa desta dissertação.

Os demais descritores (história da alfabetização, métodos de alfabetização, práticas de alfabetização, cultura escrita, ensino da escrita, ensino da leitura) que inseri no campo de busca do catálogo de Teses e Dissertações serviram para localizar trabalhos que fazem alguma menção aos abecedários. Explico-me a partir de um exemplo: teses ou dissertações que apresentam no título ou no corpo do resumo a expressão *história da alfabetização* fazem alguma referência, na trajetória da investigação. Preciso esclarecer que me detive, inicialmente, na leitura dos títulos e, posteriormente, se havia indicação alguma

pista sobre o abecedário, realizei a leitura do resumo. Se o resumo, por sua vez, apresentasse aspectos potenciais ao tema, busquei o texto completo.

Através destes procedimentos, identifiquei a partir do descritor “história da alfabetização”, a dissertação intitulada “O ensino da leitura e da escrita em Mato Grosso na passagem do Império para República (1888-1910)”, de autoria de Paula Regina Moraes Martins Campos (2007, UFMT, Educação). A autora apresenta que seu estudo buscou averiguar/investigar “se o arranjo legal, vigente no período estudado, colaborou para a implantação de um método de ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas primárias” (CAMPOS, 2007, p.8). Embora a temática não seja de imediato semelhante ao estudo aqui apresentado, Campos (2007) elabora um quadro explicativo sobre a relação dos materiais utilizados no ensino da leitura e da escrita no período de 1888 – 1910, em Mato Grosso. Curiosamente, para o ano de 1889 aponta o uso de *syllabarios* elaborados por Miguel Maria Jardim, afirmando terem sido materiais previstos para o ensino da leitura e da escrita. Esse dado já sugere um uso escolarizado desse artefato, aproximação importante com os abecedários.

Ainda para este mesmo descritor, “história da alfabetização”, localizei a dissertação “Alfabetização na escola primária em Diamantino – Mato Grosso (1930 a 1970)” de Terezinha Fernandes Martins de Souza (2006, UFMT, Educação). Segundo a autora, o estudo pretende

[...] contribuir para a construção de uma história da alfabetização em Diamantino – MT, por meio da localização de fontes que permitiram a compreensão e análise das relações entre as normatizações (nacional e estadual), tematizações (produções teóricas para a alfabetização) e as concretizações (diários de classe, relatórios de inspetores, atas e depoimento de sujeitos da época) buscando indícios de uma apropriação por parte das professoras, sujeitos da pesquisa, dessas possíveis orientações para a sua prática alfabetizadora. (SOUZA, 2006, p.11)

Em determinado ponto desta dissertação, constam fragmentos de depoimentos orais de professoras idosas da região. Uma delas afirma que um dos primeiros ensinamentos dados aos alunos nos primeiros anos era o ABC, depois vinham os números, as letras para soletrar, aprender as continhas também, que eram de somar e diminuir. Tal relato não explicita claramente o uso de algum tipo de abecedário, mas há menção ao ensinamento do ABC como

tarefa inicial no ensino da leitura e da escrita. Posso lançar a hipótese de que o abecedário poderia estar exposto em fichas acima do quadro ou mural, poderia estar inserido em algum manual escolar, poderia estar em folha avulsa, etc. Há um vestígio de seu uso na escola, mas, especialmente neste caso, não há como afirmar sua materialidade.

Quanto aos descritores métodos de alfabetização, práticas de alfabetização, cultura escrita e ensino da escrita, nada foi identificado com relação aos abecedários.

Para o descritor “ensino da leitura,” foi localizada a dissertação “A leitura e a escrita na cultura escolar primária de Mato Grosso (1837-1889)” de Ana Paula da Silva Xavier (2006, UFMT, Educação). Estuda a história das disciplinas escolares, notadamente, ler e escrever, na cultura escolar de Mato Grosso entre os anos de 1837 e 1889. A investigação sobre o ensino da leitura e da escrita na província mato-grossense, sob o viés da cultura escolar, teve a intenção de reconstituir as práticas manifestadas no interior da escola. Em determinado ponto, a autora apresenta um quadro sobre a distribuição das classes de leitura e escrita, segundo o regimento interno das escolas de instrução primária da província de Mato Grosso – 1873. Na seção de leitura para a primeira classe, está previsto o uso do alfabeto em manuscrito e impresso e este mesmo item consta na seção de escrita, onde se recomenda o trabalho de traço de linhas, letras maiúsculas e minúsculas e algarismos na areia. Na seção de leitura para a segunda classe, está prescrito o uso de um silabário manuscrito e impresso e para esta mesma classe, na seção escrita, aconselha-se o traço de linha e de letras em lousas, entre regradados largos.

Embora o foco desta dissertação não tenha afinidade direta com o tema aqui formulado, ela demonstra o uso do alfabeto e silabário em classes iniciais do ensino de leitura e escrita no século XIX, o que permite afirmar a existência de mais um indício do uso destes artefatos com fins didático pedagógicos.

Considerando o exposto acerca dos resultados do levantamento realizado junto ao Banco de Teses e Dissertações da Capes, destaco que foram identificados apenas quatro trabalhos que efetivamente possuem vinculação aproximada à temática da dissertação, nenhum deles, porém, analisa a história da circulação dos abecedários no Brasil. Diante disso, ousou afirmar que é um tema relevante, pertinente e de certo modo inédito.

A partir do levantamento realizado e das leituras empreendidas no campo da história da cultura escrita pode-se compreender a centralidade dos usos do abecedário no contexto das sociedades grafocêntricas, e a demonstração dessa assertiva poderá agregar contribuições para a história da alfabetização no Brasil.

Além do catálogo de Teses e Dissertações, procurei identificar outros estudos em torno do tema em publicações periódicas e livros. Na Revista Brasileira de História da Educação, me vali dos descritores abecedário, abc, ensino da leitura e ensino da escrita. Os dois primeiros são mais específicos e estão diretamente relacionados ao estudo, mas para ambos não foi localizado nenhum resultado.

Quanto ao descritor “ensino da leitura” foram encontrados onze artigos, a saber: “As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX)” de Isabel Cristina Alves da Silva Frade, publicado em 2012, cujo objetivo é “analisar a utilização de recursos gráficos e tipográficos de sete livros franceses e cinco livros brasileiros do final do século XIX, dirigidos ao aprendizado inicial da leitura” (FRADE, 2012, p.171). A autora adota como pressuposto teórico a história do livro, da leitura e da alfabetização, apresentados nos estudos de Roger Chartier, Donald Mckenzie, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard. Busca analisar a *mise en page* suas instruções, além de compreender as funções cumpridas pela tipografia, espaçamento, colunas, cores, linhas, números e outros sinais. A partir da leitura do artigo observo que o mesmo sugere análises dos protocolos de leitura de materiais impressos de alfabetização. Tal exercício analítico se assemelha, de algum modo, ao que faço na análise do corpus empírico desta dissertação e, portanto, contribui sugestivamente para minha reflexão.

“O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX”, de Sandra Elaine Aires de Abreu, publicado em 2008, faz referência ao abecedário no ensino da leitura e da escrita no período de 1835 e 1893. Associa-o ao silabário e a cartilhas manuscritas elaboradas pelos professores que ensinavam as primeiras letras. Demonstra, então, mais um indício do uso de tal material para o ensino da leitura e da escrita inicial. Não há uma descrição específica de como este ele comparece no ambiente escolar, em livro, em cartazes, no caderno, ou em folhas avulsas, etc.

Realizei a leitura dos demais artigos listados na busca na intenção de localizar pistas a respeito do uso dos abecedários ou alguma caracterização mais detalhada deste material, contudo, não há qualquer descrição ou indício de uso. São estudos com temas bastante específicos e acabam não abrangendo o tema aqui examinado<sup>26</sup>.

Quanto ao descritor “ensino da escrita” foram localizados 13 resultados. Todavia há 6 artigos que coincidem com o descritor “ensino da leitura”, são dos seguintes autores: Thabatha Aline Trevisan (2009), Sandra Elaine Aires de Abreu (2008), Isabel Cristina Alves da Silva Frade (2012), Vera Teresa Valdemarin e Vera Lúcia Gaspar da Silva (2013), Mariléia dos Santos Cruz (2009) e, por fim, Gabriela Ossenbach Sauter (2001).

Realizei a leitura dos resumos dos artigos e não foi observado uma relação direta ou indireta com o tema da pesquisa<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> “O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d’Ávila: Práticas escolares (1940)”. Com autoria de Thabatha Aline Trevisan, publicado em 2009. “O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso”, de Roni Cleber Dias de Menezes, do ano de 2004. “A Cartilha maternal e algumas marcas de sua aculturação”, sob autoria de Iole Maria Faviero Trindade, publicado em 2004. “Políticas de ações negativas e aspirações de famílias negras pelo acesso à escolarização na província do Maranhão no século XIX”, de Mariléia dos Santos Cruz, publicado em 2006. “A pedagogia de Sílvio Romero e as suas notas de leitura - *Sílvio Romero’s pedagogical project and his reading notes*” de Jorge Carvalho do Nascimento, do ano de 2006. “A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/ Brasil-Portugal)”, escrito por Maria Teresa Santos Cunha no ano de 2013. “El concepto de “emancipación espiritual” en el debate sobre la educación en hispanoamérica en la primera mitad del siglo XIX”, de Gabriela Ossenbach Sauter com publicação em 2011. “Representações de negros em livros escolares de leitura utilizados nas escolas primárias pernambucanas” (1843-1897) de Adlene Silva Arantes, publicado em 2012. “Dossiê: Palavras viajeiras: circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil/Portugal, de meados do século XIX a meados do século XX)” de Vera Teresa Valdemarin e Vera Lúcia Gaspar da Silva, com publicação no ano de 2013.

<sup>27</sup> Os demais artigos encontrados são: “A institucionalização do ensino universitário de História no Brasil, de Simone Tonoli Oliveira Roiz, publicado em 2014. “Em defesa da imagem do Brasil no exterior: Frederico José de Santa-Anna Nery e a escrita da história da educação no Império”, sob autoria de Diana Gonçalves Vidal, no ano de 2010. “A carne do mercado: livros didáticos e o florescimento do comércio livreiro na cidade do Rio de Janeiro”, de Alexandra Lima da Silva, publicado em 2014. “Pesquisa historiográfica em instituições educativo-musicais: fundamentos e reflexões”, escrito por Rita de Cássia Fucci Amato e publicado no ano de 2007. “Circuito e fronteiras da escrita da história da educação na Ibero-América: experiência de escrita de Lorenzo Luzuriaga na Espanha e na Argentina e sua Apropriação no Brasil”, artigo de Roni Cleber Dias de Menezes referente ao ano de 2014. “A história da educação por Thomas Ransom Giles”, de Aline de Moraes Limeira Pasche, com publicação em 2014. “Paul Monroe e a circulação de uma modalidade de narrativa para se pensar e ensinar as histórias da educação”, sob autoria de José Cláudio Sooma Silva e Marta Regina Gimenez Favaro, 2014 é o ano da publicação.

Empreendi a pesquisa nos trabalhos publicados no Grupo de Trabalho<sup>28</sup> (GT) – História da Educação – da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) entre os anos de 2009 a 2013.

O caminho percorrido para o mapeamento de estudos foi realizado da seguinte maneira: primeiro a leitura do título, na indicação de relação com o estudo, realizei a leitura do resumo e se ele, por sua vez, apontou pistas parti para a leitura do texto completo.

No período escolhido, nenhum dos trabalhos apresentados no GT da ANPEd indicou aproximação com o tema da dissertação.

Com a revisão de literatura concluída ficou evidente a pertinência desta dissertação e as contribuições que trará ao campo da história da educação, especialmente à história da alfabetização e dos impressos.

Acrescento à justificativa do tema e ao problema de pesquisa já apresentado, um último aspecto: lançar olhares para o abecedário no contexto contemporâneo. O propósito é dar visibilidade ao modo que ele circula amplamente e seu uso tende a torná-lo corriqueiro, aparentemente comum, a ponto de parecer banal aos olhares de professores, coordenação pedagógica, linguistas, comunidade escolar, escritores, ilustradores, *designers*, etc. O sentido de invisibilidade, aqui, se refere ao campo das problematizações, das suspeições.

Mignot (2008), quando se refere aos cadernos escolares, faz esta mesma alusão e afirma que por fazer parte do universo escolar de modo intenso na atualidade, acabamos olhando para esses artefatos de modo tão naturalizado que parece, talvez, que o caderno sempre fez parte das instituições escolares, que sempre teve o mesmo *design*, que sempre serviu para registrar todos os exercícios de aula, entre outras certezas. Daí, não raro nos descuidamos de uma questão importante: tal artefato “fala sobre” alunos, professores, pais ou responsáveis, projetos pedagógicos, currículo escolar, práticas avaliativas e até sobre prescrições e interdições que acabam formatando sua produção, circulação e uso.

Estabeleço esta comparação entre abecedário e caderno porque hoje, indiscutivelmente, estamos diante de artefatos da cultura material escolar que

---

<sup>28</sup> Realizei a pesquisa no portal da ANPEd e não localizei a publicação dos trabalhos do GT de História da Educação nos anos de 2010 e 2014.



podem ser pensados, ambos, na direção do que alerta Mignot (2008) quanto a sua naturalização.

Reitero que a intenção de demonstrar a ampla difusão do abecedário na contemporaneidade é para afirmar a necessidade de historicizar sua materialidade e justificar a relevância do estudo desenvolvido nesta dissertação.

Para tanto, inicialmente, empreendi uma busca no *Google imagens* com os seguintes descritores: “jogos com alfabeto, jogos de abecedário, jogos de abc”.

Sobressaíram os jogos associados ao abecedário, com diferentes características, e com propostas variadas de manuseio e relações linguísticas. Alguns vinculam ao jogo personagens da literatura de histórias em quadrinhos. Outros usam a massinha de modelar e forminhas plásticas com a silhueta das letras (recomendados para crianças a partir de 4 anos). Podemos inferir que há uma ambientação e conhecimento inicial do formato das letras, da combinação das mesmas para formar palavras, da ordem alfabética. Tais possibilidades podem ser aliadas ao desenvolvimento psicomotor que é proporcionado pelo manuseio da massinha de modelar. Outros possuem as peças do jogo com ímãs (podendo usá-las na geladeira, em um mural metálico, etc.). Outros em material reciclado. Outros, ainda, em peças de madeira com a possibilidade de destaque das letras maiúsculas e minúsculas.

A partir de um desses descritores, localizei um jogo eletrônico nomeado “*mesa educacional alfabeto*<sup>29</sup>” que se propõe a familiarizar as crianças com a linguagem escrita na medida em que elas posicionam blocos móveis de letra para aprender a reconhecer o ordenamento do alfabeto, montar palavras, dentre outras possibilidades.

Com este exemplo, demonstro que o abecedário circula também através de jogos eletrônicos, e as tecnologias digitais têm proliferado no meio educacional como mediações ao ensino da leitura e da escrita.

Sob este aspecto Chartier (1999a) explica que a forma eletrônica tem repercussões muito intensas na atribuição de sentidos ao que se lê. Observa que a inscrição do texto na tela tende a distribuir, organizar e estruturar o texto

---

<sup>29</sup> Cf. <http://www.tepositivo.com.br/index.php/pagina/abrir/f45a67d2d25e29c4f8aaa5e75910d6d>

de modo muito diferente daquele do livro impresso com que o leitor está habituado.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1999a, p.13)

Com isto é possível colocar em reflexão uma ideia: que estilos de leitura a prática do texto eletrônico passa a fabricar em relação ao gênero abecedário?

A revolução no suporte material remete à questão do hipertexto. Se na materialidade do livro a criança é induzida a percorrer linearmente as letras do alfabeto, as palavras, frases ou textos, na tela poderá clicar aleatoriamente em uma letra, ser direcionada a uma série de imagens, ouvir letras de canções relacionadas ao link que selecionou, ouvir histórias narradas, percorrer jogos, dentre outras mídias eletrônicas.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica: a escola, nesse momento histórico, está vivendo o imperativo de ensinar seus alunos o domínio e interpretação de diversas linguagens.

Ainda no *Google imagens*, a partir dos descritores “livros de abc, livros com alfabeto” apareceram produções diversas, colocando em evidência outro suporte em que se inscreve, os livros de literatura. Ampliando a busca, vê-se sua aparição em folhas avulsas no formato de exercícios que relacionam a letra com a imagem correspondente, além dos exercícios caligráficos. Circula em murais de sala de aula que ordenam as letras alfabeticamente, outros murais que colocam objetos móveis abaixo de cada letra, por exemplo: um dado, dentro do lugar que corresponde a letra “D”.

Observo que os suportes se diversificam e se complexificam com o passar do tempo, contudo, ainda persiste o princípio de didatização dos abecedários para o ensino e aprendizado da leitura e escrita inicial. Em alguma medida, os abecedários em jogos manuais, digitais, livros, dentre outros, operam como uma

invenção paradidática da indústria que os comercializa na intenção de proporcionar outras experiências lúdicas para o aprendizado do alfabeto.

Em síntese, este mapeamento dos diferentes suportes que o abecedário circula, levou-me a ponderar a importância de historicizar o abecedário nas materializações que foi sujeito, a multiplicidade de usos que lhe foram conferidos oferece contribuição à compreensão de seu uso no ensino e no aprendizado da leitura e da escrita, do passado e da atualidade.

Nesse sentido, Chartier (2004) entende o quanto a cultura do escrito assume importância na circulação dos modelos culturais, em especial os impressos. Mesmo para aqueles que não sabem ler, a mediação da cultura da maioria “é profundamente penetrada pelo livro, que impõe suas normas novas, mas que também autoriza usos próprios, livres, autônomos” (CHARTIER, 2004, p.91).

Chartier (1999b) pontua a relevância de estudar os usos contrastados de materiais partilhados, no entanto propõe algumas premissas. A primeira delas é compreender que textos iguais podem ser diversamente apreendidos, manuseados e interpretados. A segunda é que a leitura não se restringe a uma operação do intelecto, mas é o envolvimento do corpo que ocupa um determinado lugar e está em relação consigo mesmo e com os outros. Daí a necessidade de oferecer atenção às maneiras de ler. Por fim, a terceira premissa, os autores escrevem textos e não livros. Segundo o autor, os livros são “fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas” (CHARTIER, 1999b, p.17). É possível entender a partir das três premissas, a relação indissociável entre suporte-texto-leitura, além de sublinhar o fato de que não há uma única compreensão ao que é lido.

Portanto, o estudo inscreve-se como contribuição ao movimento que busca compreender a emergência e circulação dos abecedários no processo de consolidação da cultura escrita, contrastando a história de sua circulação em distintos suportes com a dos múltiplos usos, buscando mapear os contextos e finalidades em que foram ofertados a ler. A partir da intenção apontada, o capítulo a seguir narra uma história secular dos abecedários.

### CAPÍTULO 3



#### ABECEDÁRIO: UMA HISTÓRIA SECULAR



**E**m estudo realizado por Stephanou e Souza (2013a), as autoras propõem tomar como ponto de partida do estudo dos abecedários uma reflexão a respeito dos seguintes vocábulos: alfabeto, abc, abecedário. O primeiro questionamento que formulam: será que os significados de tais vocábulos coincidem?

Para isso, inicialmente, buscam no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) os sentidos atribuídos à palavra “abecedário”, a saber: “a série completa de letras capitulares, ou uma sequência alfabética das assinaturas de cadernos impressos; ou mesmo o que está disposto alfabeticamente e, portanto, que é alfabético” (STEPHANOU; SOUZA, 2013a, p.1). Mas eis que encontram também o vocábulo “abecedariano”,

[...] expressão cuja história remonta ao século XVI e que, com a mesma formulação, diz-se de ou cada um dos membros da seita dos *Abecedários*, dissidentes do protestantismo que eram contra o aprendizado da leitura, pois acreditavam na ignorância absoluta como meio de salvação espiritual. Trata-se, portanto, de uma acepção relativa àquele que é ignorante, no sentido de que desconhece o alfabeto e, por consequência, não realiza a prática da leitura. E dizia-se da seita dos *Abecedários*. (STEPHANOU; SOUZA, 2013 a p.1-2)

A partir de Stephanou e Souza (2013a, p.2), pode-se compreender que os sentidos contrastados no tempo asseguram o quanto é fundamental refletir sobre a “[...] historicidade das designações, dos artefatos, significados e experiências a que elas se reportam. Não há um sentido estável nas palavras, tampouco naquilo que designam”. O mesmo sucede com o abecedário, que é o objeto de investigação e reflexão nesta dissertação.

Com a intenção de ampliar a busca de sentidos contrastados no tempo em relação aos vocábulos abc, abecedário e alfabeto, em outro estudo realizado por Stephanou e Souza (2013b), as autoras contemplam o *Diccionario Popular – Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, dirigido por Manoel Pinheiro Chagas (1876). “Abecedario” está entre os vocábulos da extensa coleção de palavras e assim é definido:

livro em que se aprende a lêr. Colleção das letras que constituem os primeiros elementos de qualquer idioma. Nos antigos documentos dos seculos IX, X e XI em Portugal figuram letras dos abecedarios gothicos, romanos, ou toletanos. Mas no século XII começam-se a encontrar as letras dos abecedarios francezes, que desde 1078 passaram dos livros eclesiásticos para quase todas as escripturas d’aquelle tempo. Só no tempo de João de Barros se começaram a usar de novo em Portugal as letras romanas, em vez das letras gothicas. (CHAGAS, 1876, p.81)

Stephanou e Souza (2013b) sugerem, a partir da definição de Chagas, que abecedário é livro de aprendizado da leitura. Chama atenção, aqui, que abecedário é associado ao livro e não a outro(s) suporte(s).

Sobre a questão do suporte, no Grande Dicionário da Língua Portuguesa, dirigido por António de Moraes Silva<sup>30</sup> (1949, p.85), a palavra “abc” significa: “[...] não saber o abc, não saber nada. Carta ou cartilha do abc por onde antigamente

---

<sup>30</sup> Arrola a seguir o ano da primeira edição dos dicionários utilizados na pesquisa. Silva (1789), Bueno (1956), Lello; Lello (1936). No dicionário organizado por Noronha (1921), não foi possível localizar o ano em que foi publicado a sua 1ª edição.

se aprendia a ler. [...]”. Neste dicionário, abc é associado à Carta do abc<sup>31</sup> ou cartilha do abc, possivelmente ambos relacionados ao suporte códice. O interessante, porém, é que se refere ao uso destes suportes como uma prática antiga para o ensino da leitura, supondo, então, que na época da elaboração do dicionário a prática de ensinar o abc estaria associada a outras materialidades. Poderia, também, continuar vinculado ao livro, porém o conteúdo e método seriam chamados ou reconhecidos como mais inovadores.

No Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa – Vocábulo, expressões da língua geral e científica-sinônimos, contribuições do Tupi-Guarani, dirigido por Francisco da Silveira Bueno (1963, p.12-13), a palavra “abecedário” significa: “O alfabeto, a cartilha para aprender a ler, composição em ordem alfabética; hinos abecedários”. Neste dicionário, o abecedário é associado a um tipo de manual escolar bem específico, a cartilha.

Torna-se possível afirmar, tendo por base os documentos apresentados, que de 1876 a 1963 os abecedários são relacionados ao suporte em formato de códice - livro, ou seja, nenhum dicionário mencionou o abecedário em jogos, letras móveis em caixa, na lousa ou em cadernos de caligrafia, etc.

Contudo, ao analisar os sentidos atribuídos pelos três dicionários ao vocábulo abecedário e abc, infere-se, também, que todos o vinculam ao aprendizado da leitura, e a escrita não é mencionada como um aprendizado a ser explorado com o uso do abecedário.

Retomando a definição de Chagas (1876), abecedário “é também coleção de letras e modelos de diferentes letras ou traçados, inicialmente existentes nos livros eclesiásticos, modelos para os copistas, fórmulas para os livros manuscritos das escrituras religiosas” (STEPHANOU; SOUZA, 2013b, p.3). A relação com a escrita parece se restringir ao uso pelo clérigo, servindo como instrumento de inspiração e modelo para os traçados.

As referidas autoras assinalam a partir de Duvallon (2010), que os abecedários podem estar relacionados ao uso das letras capitulares feitas por

---

<sup>31</sup> Segundo Côrrea e Silva (2008), de modo geral é possível dizer que as cartas de abc eram constituídas por abecedário maiúsculo e minúsculo; os silabários compostos com segmentos de uma, duas ou três letras e, por fim, as palavras soltas cujos segmentos silábicos apareciam separados por hífen. Esses elementos constitutivos das cartas de abc também estavam presentes na maioria das cartilhas em circulação na época de 1850-1900, tornando menos nítidos os traços distintivos entre as mesmas.

escribas que na Idade Média, copiavam as letras capitulares na composição de textos religiosos manuscritos. Eram envolvidas por adornos ou iluminuras e emolduravam os textos, as páginas, as margens das folhas ou ainda a primeira palavra e linha de uma frase. Stephanou e Souza (2013a, p.2) compreendem que, de algum modo, as capitulares “[...] foram alvo de atenções e, não raro, de coleções. Uma espécie de reunião dessas belas letras esboçava a emergência do abecedário como conjunto de letras do alfabeto”.

O abecedário, nestes moldes, serviu como inspiração para o traçado de belas e delineadas letras, uma prática de requinte vinculada à escrita. Sob este aspecto, Stephanou e Souza (2013b) apontam que no acervo da Biblioteca Nacional consta entre os livros ilustrados, um exemplar de iconografia sobre alfabetos e escrita, incluso na obra de Pierre Aa Vander<sup>32</sup>. Explicam que parte deste acervo da Biblioteca foi trazido pela Família Real portuguesa quando esta mudou-se para o Brasil, no início do século XIX. As imagens deste livro ilustrado possuem diferentes alfabetos caligrafados em desenhos adornados: alfabetos sírio, fenício, egípcio, armênio, chinês; abecedário cujas letras correspondem a desenhos de animais ou objetos, além das ilustrações de diversos apetrechos para a escrita (SCHWARCZ; AZEVEDO, 2003, p.147 *apud* STEPHANOU; SOUZA, 2013b, p.5).

Além deste exemplo, as autoras apontam que o abecedário consta em muitas obras<sup>33</sup> e manuais dedicados à prática caligráfica. Concluem que “os livros de caligrafia e a estética caligráfica dos traçados mostram-se muito presentes nos séculos XVII e XVIII, quando ainda a letra manuscrita é imprescindível na criação e reprodução, para conservação ou circulação dos textos” (STEPHANOU; SOUZA, 2013b, p.5).

---

<sup>32</sup> Cf. Stephanou e Souza (2013 b, p.4-5) Pierre Aa Vander foi geógrafo e editor-livreiro holandês, estabelecido em Leyde, nascido em 1659 e falecido 1733. Iniciou suas publicações no início do século XVIII, em especial um grande número de mapas e registros de viagens. Suas edições de obras sobre botânica, medicina e antiguidades por Vaillant, Malphigi e Gronovius, obtiveram muito sucesso. A coleção de *Pierre Aa Vander* encontra-se conservada no centro de arquivos de Montreal, Biblioteca e Arquivos nacionais de Québec. É rara e possui grande valor histórico, havendo poucos exemplares ainda conservados, um deles em nossa Biblioteca Nacional. *Galerie agréable du monde*, constitui uma coleção de gravuras com explicações históricas em 66 volumes *in-folio*. Ver: [wikipedia.org/wiki/Pieter\\_van\\_der\\_Aa](http://wikipedia.org/wiki/Pieter_van_der_Aa)

<sup>33</sup> *Estímulos Del Divino Amor, si agudos, suaves y dulces em doce Solilóquios Eucharisticos (1728-1729); La A es letra vocal y en orden de Alfabeto es la primera, así em Hebreo como em Griego, Latino y Callellano; Jose de Casanova, em Primera parte del'arte de escribir todas las formas de letras (1650); Nova escola para aprender a ler, escrever e contar de Manuel de Andrade Figueiredo.*

As mesmas autoras (2013a) indicam, a partir de outro exemplo, que durante a Idade Média, na Europa, os abecedários assumem usos sociais e culturais não direcionados exclusivamente ao ensino da leitura e da escrita. O abecedário completo era inscrito em tapeçarias. Esta arte era bastante difundida neste período. As paredes ficavam recobertas, também, das genealogias bordadas para guardar a memória das linhagens familiares.

É possível observar, a partir desta exposição, que o alfabeto possui uma circulação histórica mais extensa e, por vezes, possui propósitos diversos de colecionar letras, ou ordená-las segundo princípios próprios, ou estabelecer modelos para aprendizado e cópia, ou mesmo de ensinar a traçar com esmero, elegância, distinção social.

Cabe aqui elucidar uma importante ideia defendida por Viñao Frago (2008). Conforme o autor, não existe um objeto que possa ser o mesmo visto de diversos lugares, ou seja, perspectivas diferentes podem significar o mesmo objeto de inúmeras maneiras. Sob um determinado olhar, alguns aspectos do objeto, antes não visíveis ou não apreciados, podem ganhar visibilidade. “Tudo depende, pois, da posição que adota aquele que olha. O lugar de onde se olha condiciona não somente o que se vê, mas também como se vê o que se vê” (VIÑAO FRAGO, 2008, p.15). Uma perspectiva histórica da circulação dos abecedários em diferentes âmbitos do social, e não exclusivamente no sistema escolar, constitui um dentre diferentes olhares que podemos dirigir a eles.

Para Stephanou e Souza (2013a, p.2), “os abecedários têm uma longa história, remontam mesmo à invenção dos sistemas de escrita e das convenções elaboradas para sustentá-las”.

Ampliando a busca pelos usos sociais dos abecedários realizei a consulta ao Dicionário Lello Universal (Dicionário prático ilustrado: novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro – 4 volumes), dirigido por José Lello e Edgar Lello. Localizei no primeiro volume, o vocábulo “abecedária”, a saber: “Planta da família das compostas, de sabor acre e apimentado, sialagoga, que se atribui a propriedade de desenvolver a língua das crianças e facilitar-lhes a pronúncia. [...]” (LELLO; LELLO, 1968, p.14). O vocábulo está no feminino de abecedário e refere-se a um grupo de plantas (sialagoga<sup>34</sup>, medicamento que promove a

---

<sup>34</sup> Cf. <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>



secreção da saliva) que teria como atributo desenvolver a língua das crianças, facilitando, desse modo, a pronúncia.

No Dicionário Universal Ilustrado Linguístico e Encyclopedico dirigido por Eduardo de Noronha (1921, p.54) o vocábulo “abecedária” também aparece e é assim definido: “Planta indiana (u. scient *Acmella Linnaei*) da fam. das compostas, a qual, nas ilhas Molucas se atribuía a maravilhosa propriedade de facilitar a fala às crianças que a mastigasse, e por isso mesmo, assim chamada”.

No Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa – Vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos, contribuições do Tupi-Guarani dirigido por Francisco da Silveira Bueno (1963, p.12), o vocábulo “abecedária” consta com o seguinte significado: “Nome de determinada árvore do Ceilão, cujas folhas eram dadas aos meninos para que, mastigando-as, tivessem a língua solta para *aprender a soletrar*” [grifos meus].

É instigante observar a relação estabelecida as propriedades de uma planta e a ideia “abecedária”. Tal relação parece ocorrer pela prática de soletração associada ao abecedário. Segundo Anne-Marie Chartier (2004), uma das práticas vinculadas ao uso do abecedário é a soletração das letras, acompanhando ou não a ordem alfabética, ou ainda a soletração de letra a letra das palavras inscritas nos abecedários ilustrados, no caso dos franceses, ou ainda a soletração da letra e a busca pela relação com o som, o que indica a necessidade de decifração para seu uso.

De acordo com Cagliari (2003), quem inventou a escrita concebeu, ao mesmo tempo, as regras que permitem ao leitor decifrá-la. Para o autor, a humanidade não guardou nenhum nome ou personagem real que tenha sido o inventor da escrita, porque segundo ele, o mais provável é que esta invenção se constituiu como sistema através de uma atividade coletiva. Por este motivo, a alfabetização é tão antiga quanto os próprios sistemas de escrita da humanidade ocidental<sup>35</sup>. Segundo Cagliari (2003), no mundo de escrita em que vivemos, lidamos com inúmeros alfabetos, além de contarmos com caracteres não alfabéticos, como os pictogramas modernos, a escrita ideográfica dos números,

---

<sup>35</sup> Reconheço que parte da cultura oriental possui um sistema de escrita com características bem peculiares e específicas, diferindo do que é utilizado na realidade brasileira e em outras tantas. Neste momento, não se mostra pertinente abordar este viés, por isso, na intenção de evitar generalizações ou anacronismos, tomo como delimitação aquilo que podemos designar humanidade ocidental.

das abreviaturas, siglas, logotipos e inúmeras marcas e sinais que completam o nosso sistema de escrita. Ressalta, então, que o alfabeto, atualmente, é apenas uma parte do sistema de escrita que usamos, mas as letras ainda são a parte mais importante desse sistema.

O autor insiste em afirmar que tal invenção esteve preocupada em fornecer a chave de sua própria decifração. “Os sistemas de escrita nunca tiveram nada de muito estranho ou misterioso em si, pelo contrário, sempre foram simples e práticos” (CAGLIARI, 2003, p.13).

Na breve história da constituição do alfabeto, que é traçada pelo autor, aponta que uma das manifestações de escrita mais antiga foi encontrada nas hachuras feitas em cajados ou em ossos, com a finalidade de marcar a quantidade de gado, e esta forma de registrar números foi mais tarde retomada e apropriada pelos romanos, chegando até nós com o nome de números romanos.

Além das marcas de números, encontradas em várias partes do mundo e em diferentes localidades, as consideradas mais antigas representações de escrita apareceram na Mesopotâmia cerca de 5000 anos atrás. Comenta, ainda, que muito antes deste evento o homem já havia desenvolvido a linguagem oral bem próxima ao modo que conhecemos hoje.

A escrita surgiu com o começo da *Civilização*, ou seja, com a formação das primeiras cidades, isto é, de agrupamentos de pessoas estranhas, não necessariamente aparentadas, em uma pequena área. daquelas formas de expressão gráfica, iria se desenvolver a ideia de escrever: usar sinais gráficos para representar palavras e não apenas objetos materiais do mundo. (CAGLIARI, 2009, p.11) [grifo do autor]

No começo, eram os pictogramas. A escrita era feita com o desenho e este servia para representar as palavras. Essa escrita, chamada ideográfica, em determinado período foi fácil de ser compreendida em muitas línguas e serviu para o propósito de comunicação da época. Com o passar do tempo, no entanto, viu-se que havia um grande problema: os símbolos eram muito numerosos, assim como a relação de coisas a serem representadas, que se tornavam cada vez mais complexas. Os pictogramas cederam lugar, então, aos silabários, sinais representando os sons das sílabas. Mudou o ponto de partida da escrita, que passou do significado para o som das palavras, de ideográfica a fonográfica.

Com isso, houve uma redução enorme no número de caracteres necessários à composição de palavras.

Cagliari (2009) explicita que sucedeu outra modificação importante: os nomes dos caracteres foram perdendo a relação de conotação com as coisas representadas e adquirindo significado próprio. Porém, segundo o autor, o melhor tipo de caractere para representar os sons ainda era o silábico, que trazia muitas redundâncias. Se existiam “letras” como PA, BA, TA, AS, LA, RA ou PE, BE, TE, SE, LE, RE, podia-se simplificar mais ainda e formar uma nova classe de caracteres, como A, E, P, B, T, S, L, R, etc., ou seja, a escrita na forma alfabética. Segundo ele, esta é, na teoria, a lógica do desenvolvimento do alfabeto, mas na prática, as coisas não aconteceram de modo tão imediato e linear. A escrita não apareceu ao mesmo tempo e da mesma maneira em todos os povos, ocorreram práticas de representação similares, simultâneas, outras diversas, descontínuas, com algumas regularidades. O autor pontua, ainda, os modos pelos quais distintos povos (sumérios, semitas, gregos, romanos, entre outros), em diferentes tempos foram provocando mudanças na organização e representação do alfabeto até chegar ao que conhecemos atualmente. Faraco (2012) explica que o desenvolvimento da escrita acompanhou o surgimento de sociedades humanas cada vez mais complexas a partir das intensas atividades produtivas e comerciais, a partir do poder estatal e também religioso, etc.

Faraco (2012, p.57-58) entende, em suma, que

um sistema alfabético, tomando as consoantes e vogais como os elementos linguísticos de referência (e não as palavras ou sílabas), tem, como princípio de base, uma correlação entre fonemas (unidades sonoras abstratas) e grafemas (unidades gráficas abstratas).

Há outros sistemas de escrita que não funcionam com elementos gráficos representando os sons da fala. Sistemas pictográficos, por exemplo, são formados por desenhos mais ou menos realistas que evocam uma ideia (por exemplo: o símbolo de uma caveira afixado em um frasco de produto químico indica que ali dentro há conteúdo perigoso), situação ou objeto. Contudo, na perspectiva de que a escrita alfabética é formada por unidades sonoras abstratas (fonemas) mais unidades gráficas abstratas (grafemas), os silabários e abecedários parecem se mostrar como oportunos materiais ao ensino da leitura

e da escrita justamente por estabelecerem de modo específico tal relação, ou seja, a potencialidade da língua torna-se um convite à produção desses tipos de materiais.

Reitero com base nas reflexões tecidas por Cagliari (2009) e Faraco (2012) acerca da história da escrita, que entendo abecedário como desdobramento da noção de alfabeto. Alfabeto como conjunto de caracteres que compõe um sistema de escrita, que adota como referência a relação entre grafema/fonema. E abecedário como impresso, ou outro suporte, cujo objetivo é proceder à didatização de cada uma e todas as letras do alfabeto com vistas ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita. Convém ressaltar que abecedário e alfabeto não são sinônimos, embora visceralmente relacionados. Portanto, não coincidem, mas guardam entre si uma relação de implicação. Valho-me dessa acepção para examinar o conjunto de impressos reunidos nesta dissertação, que designo abecedários ilustrados.

Ao observar a materialidade desses impressos entendo que sua identidade se assenta no princípio didático de ensinar a quem manuseia o alfabeto, seus elementos e sua sequência, as relações entre grafema/fonema, e por vezes a palavra, texto e imagem. Embora possa haver outras definições a respeito dos vocábulos abecedário e alfabeto, essas são as acepções que adoto ao examinar a empiria da pesquisa. Outro aspecto que fundamenta meu argumento é que a empiria repertoriada não se intitula alfabetário, por exemplo. Além dessa questão, historicamente na França e em outros países esse tipo de impresso é nomeado abecedário ilustrado.

Proponho pensar uma hierarquia<sup>36</sup> dos modelos didáticos voltados para o ensino e aprendizado da leitura e escrita. O alfabeto enquanto conjunto de letras usadas na grafia de uma língua, precisa ser ensinado e aprendido por uma tradição secular que não é apenas um imperativo escolar, mas também cultural. O abecedário enquanto conjunto de letras do alfabeto que assume o papel didático de ensino e estabelece uma relação fonema/grafema, pode ser considerado o primeiro modelo da relação hierárquica. Em seguida, o silabário que complexifica um pouco mais as relações linguísticas, na medida em que

---

<sup>36</sup> A intenção não é propor a hierarquização de modelos na conotação do que seria melhor ou pior para o ensino e aprendizado da leitura e da escrita. Tampouco na intenção de estabelecer uma ordem de utilização dos mesmos.

estabelece combinações entre elas, fazendo agrupamentos entre consoantes e vogais, por exemplo: ba – be – bi – bo – bu. Assim como existem impressos que reúnem ambos, abecedários e silabários: são por excelência as cartilhas, segundo Choppin (2008). As cartilhas são modelos de impressos didáticos que ocupam a terceira posição.

Alain Choppin (2008) alude os abecedários e silabários que deram origem, posteriormente, às cartilhas. Foram usados por crianças em idade escolar a partir de meados do século XV na Europa e na América do Norte.

Primeiramente na Europa, durante a Idade Média, foi difundido o *hornbook*, em italiano *tavola*, em espanhol *tableta*, objetos feitos com uma espécie de pá de madeira com uma alça em couro fácil de segurar. Com a alça as crianças poderiam pendurá-lo no punho ou pescoço.

No *hornbook* estava inscrito o abecedário, as vogais, as consoantes, um conjunto de sílabas, numerais de 1 até 10 e uma oração. Com o passar do tempo, estes abecedários e silabários também foram feitos com uma variedade de outros materiais: marfim, metais diversos, couro e papelão.

A imagem abaixo mostra a materialidade dos *hornbooks* mais próxima da descrição feita por Choppin. Contudo, empreendendo uma busca no *Google imagens* é possível observar a variedade de tipos de letras utilizada na inscrição do abecedário e escolha pela presença ou ausência de pequenos textos de conteúdo religioso e os numerais de 1 até 10 ou de alguns conjuntos de sílabas.

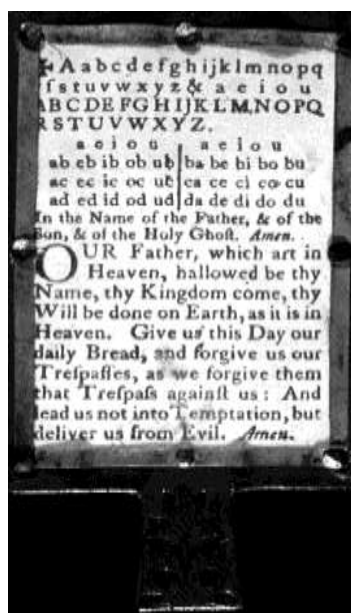


Figura 1 – *Hornbook*

Fonte: <http://histoire-education.revues.org/565>

Choppin (2008) explica que derivado do *hornbook*, o *battledore* foi largamente difundido na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos até metade do século XIX. Com o aspecto de uma raquete, o *battledore* é uma folha de cartão dobrada em duas ou três partes, sob as quais de um lado está grafado o texto e, de outro, as ilustrações. Choppin (2008) comenta que apesar da sua aparência e nome (*raqueta* significa "barulho" em Inglês), os *battledores* nunca foram utilizados como jogos.



Figura 2 – *Battledore*

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Battledore.png>

Conforme Choppin (2008), na Suíça o abecedário é designado pelo termo *palette*, encontrado desde o século XV. A *palette* tem a forma de pequena raquete triangular com uma parte lisa, onde se pode colar ou grafar um alfabeto manuscrito, e uma extremidade que a criança pode segurar com as mãos. A denominação *palette* permaneceu até o século XIX, sendo utilizada para diferentes materiais.

Stephanou e Souza (2013a), apoiadas em Carrete e Péron (2007), comentam que no contexto francês, o abc ou abecedário, era frequentemente utilizado como método de ensino-aprendizagem desde o século XV. Hébrard<sup>37</sup>

<sup>37</sup> O autor procede a uma espécie de arqueologia da leitura e da escrita, em especial referindo-se à realidade francesa e aos possíveis usos do abecedário nessa longa trajetória. Algumas das práticas descritas pelo autor podem ser contrastadas em sua regularidade e permanência com a presença/ausência desses materiais na história do Brasil.

(2002, p.11) apresenta uma classe de livros da *Bibliothèque Bleue*, compilados em Troyes, na França do século XVII. O conteúdo tratava das funções didáticas destinadas aos escolares ou “àqueles que querem aprender sem mestre”. Entre essas produções, o autor destaca o abecedário, referindo- o como:

[...] aquele que, certamente, representa a maior promessa de venda. Sob o nome de Instruções Cristãs – é assim que são chamados na França do leste – ele é, por excelência, o livro escolar do iniciante e, frequentemente, o único livro que ele possui. É verdade que ele oferece em um mesmo conjunto os instrumentos da primeira alfabetização e os textos essenciais da liturgia católica. (HÉBRARD, 2002, p.12)

Ainda que os abecedários sejam classificados como livros escolares, o autor ressalta que não é possível restringi-los somente a esta utilidade, uma vez que estas obras e a transmissão dos conhecimentos elementares não estão diretamente relacionadas a um processo imediato de aprendizagem escolar. Ainda, o objetivo de escolarização tem características específicas para cada época e, portanto, os materiais utilizados no ensino das primeiras letras (doméstico, escolar, religioso) também podem ter sido distintos.

Baseada nos estudos de Anne-Marie Chartier (2004), Isabel Frade (2010) menciona que inúmeros abecedários ilustrados circularam na França para um público mais restrito. Isso pode ter acontecido por se tratar de um material mais luxuoso, daí que seu uso se reduziu aos espaços privados e domésticos. Além disso, Frade (2010) afirma que os livros de imagens tinham como objetivo estimular o interesse da criança pelo desejo de aprender a ler. Mesmo que apresentassem uma sequência de letras, eles podiam ser folheados aleatoriamente, uma vez que seu formato, em códice, permitia tal manuseio. Sobre os gestos de leitura, discute que a criança, durante a interação com o objeto, poderia focalizar uma letra ou ilustração e com o auxílio de um adulto, ler o que ali estava inscrito. Além disso, poderia memorizar a ordem das letras, seus nomes, identificá-las quando fora da ordem, gravar um conjunto de sílabas e de palavras a serem soletradas. Tratando tais aspectos, Frade (2010) esclarece que esse tipo de abecedário era direcionado às elites, e essa posse mais restrita desencadeava diferentes apropriações do material.

Quanto a este aspecto Duvallon (2010) registra que na França, abundantemente difundidos desde o início do século XIX, os abecedários,

chamados também de alfabetos ou ABC, eram destinados a serem utilizados em casa para a sensibilização das pequenas crianças à aprendizagem do alfabeto, passagem obrigatória para aceder à leitura e à escrita. É instigante o fato deste autor não mencionar que começam a ser usados no início do século XIX para o ensino na escola. Outro destaque importante se refere as diferentes designações dadas aos abecedários. O autor comenta ABC e alfabeto, isso indica que os sentidos variam conforme o tempo e lugar, mas guardam o mesmo conteúdo dos abecedários.

Até aqui se observa que a produção de abecedários parece transitar entre o uso social mais amplo, como o foro doméstico, e o uso escolar. Contudo, há uma semelhança: em ambos os espaços eles estão associados à uma intencionalidade vinculada ao ensino inicial da leitura e da escrita.

Consoante ao uso escolar, Choppin (2008) entende que o conteúdo do livro escolar também pode ser fator relevante para sua classificação. Em uma distinção mais tradicional, a literatura escolar é classificada em dois grandes conjuntos: de um lado os livros que apresentam os conhecimentos (livros de matérias) e, de outro lado, os que visam a aquisição dos mecanismos de leitura (livros de leitura).

Choppin (2008) demonstra interesse especial pela segunda categoria da definição mais tradicional de livros escolares que compreende os métodos de leitura, como os alfabetos e abecedários. Divide esta segunda categoria em três tipos:

a) Alfabetos e abecedários:

Inglês – *alphabet book*.

Italiano – *abecedario*.

b) Silabários:

Inglês – *spellers*.

Espanhol – *silabário*.

c) Livros de leitura:

Inglês – *primers readers* (assim designados porque constituem os primeiros livros).



Espanhol – *Libro de lectura*.

Português – Livro de leitura.

A partir desses autores franceses como Hébrard (2002) e Chartier (2004), acrescentaria ao primeiro item (a) o seguinte: no Francês – *abécédaire*, pois a França apresenta longa tradição de produção deste tipo de material.

Segundo Hébrard (2002, p.12), o abecedário no século XVII é, efetivamente, um dos produtos de base de todos os pequenos impressores da realidade francesa. “Uma prensa e algumas fundições de caracteres são suficientes para imprimir um abecedário”. O autor analisa o inventário de um importante impressor e constata:

Perfazem mais de 10 mil exemplares [de abecedários] aos quais seria necessário somar os alfabetos que se encontram, entre os outros títulos, num lote de 198 ramos e 4 mãos de folhas ainda não dobradas. A título de comparação, para os livros de salmos, uma das produções importantes da empresa, não se contam mais de 6 mil exemplares (mais de uma vintena de ramos). Quanto aos livros de horas, fabricados também para as livrarias de numerosas dioceses distantes, encontram-se apenas 1.500 exemplares no estoque. Uma das outras grandes tiragens, *Le Miroir de la confession*, atinge apenas 2 mil exemplares. Isso indica a importância da produção dos abecedários. (HÉBRARD, 2002, p.14) [grifo meu]

De acordo com Duvallon (2010) outro autor francês que se dedica ao tema, os abecedários constituem uma fonte inesgotável de informações sobre as transformações da sociedade, pois pertencem ao nosso patrimônio e são, por vezes, ricos documentos históricos. Permitem, notadamente, retratar a evolução da arte e das técnicas de impressão e da ilustração após a descoberta da imprensa e da gravura sobre madeira até a tiragem em grande número sobre as rotativas offset. Na França, da Revolução até o início dos anos sessenta do século XX, três centenas de exemplares, escolhidos dentre os mais representativos, não são mais que uma parte da abundante produção.

Quanto à questão de classificação dos manuais escolares, o autor espanhol Augustin Escolano (2000, p.27) afirma que na Espanha havia diferentes tipos de livros de textos no ensino primário: os que se caracterizavam por “exercícios de leitura” e as obras destinadas ao estudo das demais matérias.

No primeiro grupo, incluem as obras destinadas à aprendizagem da leitura, ou seja os abecedários, silabários, cartilhas.

Segundo Escolano (2000), uma primeira aproximação à análise dos gêneros textuais que formam parte da literatura didática, questão que ainda está por estudar com rigor e sistematicidade, os livros escolares podem ser classificados segundo dois tipos de critérios: a função didática que contemplam e os modelos textuais que a tradição tem estabelecido. Penso que seja possível demonstrar que, de certa forma, os abecedários articulam ambos critérios.

De acordo com o primeiro critério, de natureza pedagógica, os livros escolares podem ser inscritos em alguma das seguintes categorias propostas por Escolano (2000, p.28-29):

- a) Livros de iniciação.
- b) Séries cíclicas.
- c) Modelos enciclopédicos, textos de caráter sincrético.
- d) Livro-guia.
- e) Livro de consulta.
- f) Livro ativo.

Os abecedários e silabários, conforme Escolano (2000), integram o primeiro grupo, os livros de iniciação. Neste aspecto, Choppin (2008) e Escolano (2000) compartilham da mesma concepção, pois trata-se de materiais que possuem uma função didática para o exercício inicial da leitura.

Quanto ao segundo critério, os modelos textuais estabelecidos pela tradição, Escolano (2000, p.16) sugere, inspirado em Roger Chartier (1991), que os manuais escolares como gênero didático e literário criam uma espécie de “comunidade de leitores” porque seus usuários compartilham determinadas “tradições de leitura”. Reportando-me aos abecedários, posso lançar mão de algumas tradições de leitura das comunidades que os leem, como a soletração letra a letra em voz alta, a associação das letras iniciais com outras palavras como exercício oral ou escrito, a memorização da ordem alfabética, a transcrição dos modelos de letra (script, caligráfica) nele apresentados para cadernos, folhas avulsas, etc., dentre outros processos.

Neste capítulo procurei mostrar a história secular dos abecedários, seus múltiplos usos sociais e escolares, história de sua circulação em diferentes suportes, em diferentes épocas, sociedades e lugares. Entretanto, há algo inusitado na história dos abecedários: a sua persistência como artefato, e, no caso dos artefatos impressos, a permanência de características básicas do texto ABC nesses impressos, tais como o destaque de cada letra, sua rigorosa ordenação conforme o alfabeto e, em geral, a associação grafema/fonema como princípio de aquisição da língua escrita, mas igualmente inusitadas as mutações que sofreu ao se adaptar a outros usos; sua inscrição nas cartilhas escolares, sua capacidade de moldar-se à literatura infantil e sua profunda relação com a alfabetização, ou seja, como aprendizado inicial da leitura e da escrita.

O próximo capítulo examina o conjunto de impressos intitulados abecedários ilustrados no período de 1936 a 1984, tendo como suporte teórico a relação triangular proposta por Chartier (1992) entre suporte-texto-leitura.

## CAPÍTULO 4



### ABECEDÁRIOS ILUSTRADOS (1936-1984): UMA APRESENTAÇÃO DO SUPORTE



**C**hartier (1992) explicita que o historiador precisa considerar três elementos que são indissociáveis para se fazer uma história da leitura: o suporte, o texto e a leitura.

Segundo Galvão e Lopes (2010, p.51), “tão importante quanto estudar os leitores e os modos de ler, para reconstruir as apropriações da leitura, é investigar os diversos usos da leitura nas diferentes sociedades e épocas”. Para tanto, uma das maneiras possíveis de aproximação às apropriações reside na análise dos objetos de leitura em sua materialidade. A questão do suporte é, portanto, fundamental.

Conforme Chartier (1992), o texto não existe fora do suporte que lhe confere legibilidade e, por sua vez, ambos serão, de algum modo, postos em múltiplas utilizações pelo leitor. Seja na leitura do foro privado, na leitura coletiva, na leitura silenciosa, na leitura oralizada, na leitura individual, na leitura tutelada, no ver/ler, no ouvir/ler, na leitura intensiva, na leitura extensiva, enfim, nas diversas utilizações do impresso. Essas leituras certamente produzem diferentes

significações para o leitor e as práticas culturais em torno do impresso se multiplicam.

A partir da tríade – suporte, texto e leitura – é o suporte, ou mais precisamente, o impresso abecedário ilustrado, que será examinado neste capítulo. A materialidade ganhará evidência, através da apresentação dos formatos dos abecedários, considerando a diagramação, dos aspectos editoriais referentes ao ano de publicação e edição, além da composição gráfica, atentando às capas e contracapas.

A apresentação do suporte será feita seguindo ordem crescente da publicação localizada, iniciando por aqueles que não apresentam o ano de impressão. Aqueles exemplares que possuem títulos iguais, mas com ano e edição diferentes, são reagrupados de modo a ficarem juntos, uma vez que possuem características muito semelhantes, de formato e composição gráfica, o que facilita a descrição.

Inicialmente, a atenção se volta à apresentação e descrição dos detalhes que apontei acima. Logo, levanto questões interpretativas sob a ótica dos estudos e postulados de Roger Chartier.

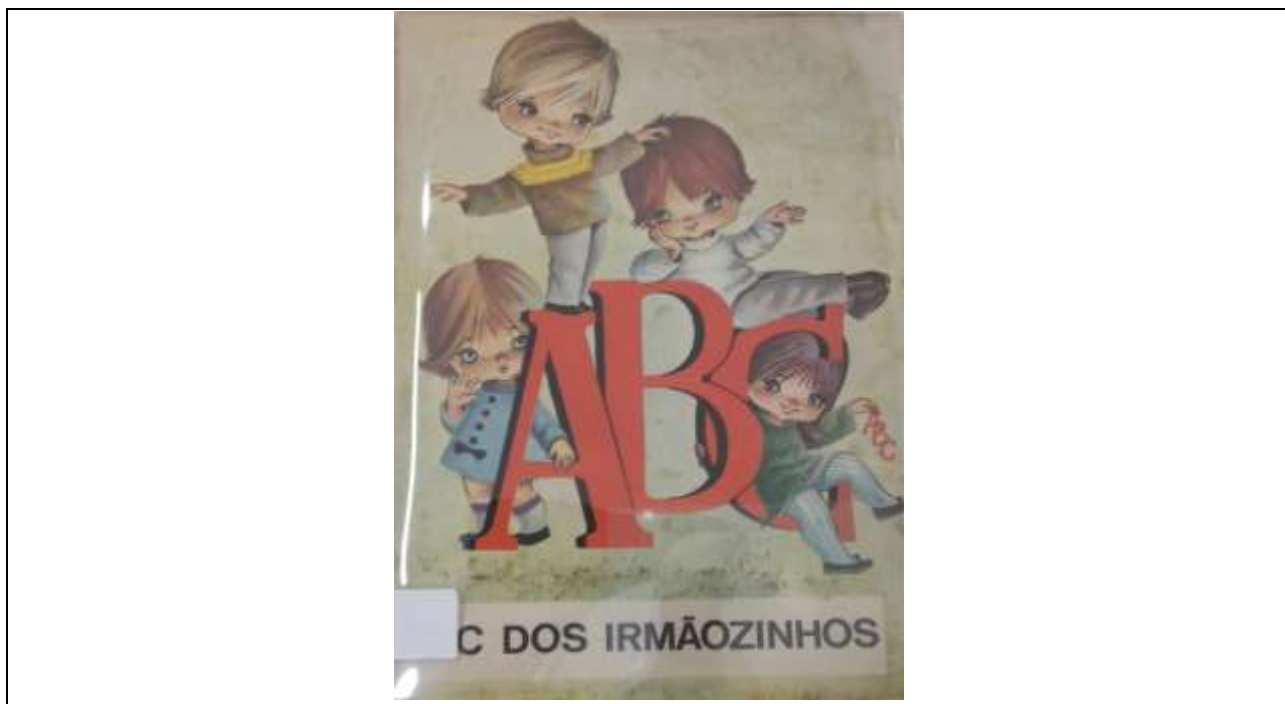
Segue a tabela que apresenta as características dos abecedários.

Abecedários repertoriados nos acervos consultados – Brasil – 1936 a 1984

<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
s/d	Meu ABC	5ª ed.	Sem autor Ilustrador: Dorca Edições Melhoramentos Série Vagalume	23 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen
196?	Meu ABC	4ª ed.	Sem autor Ilustrador: Dorca Edições Melhoramentos Série Vagalume	24 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca da Faculdade de Educação UFRGS
1965	Meu ABC	12ª ed.	Sem autor Ilustrador: Dorca Edições Melhoramentos Série Vagalume	24 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca da Faculdade de Educação UFRGS

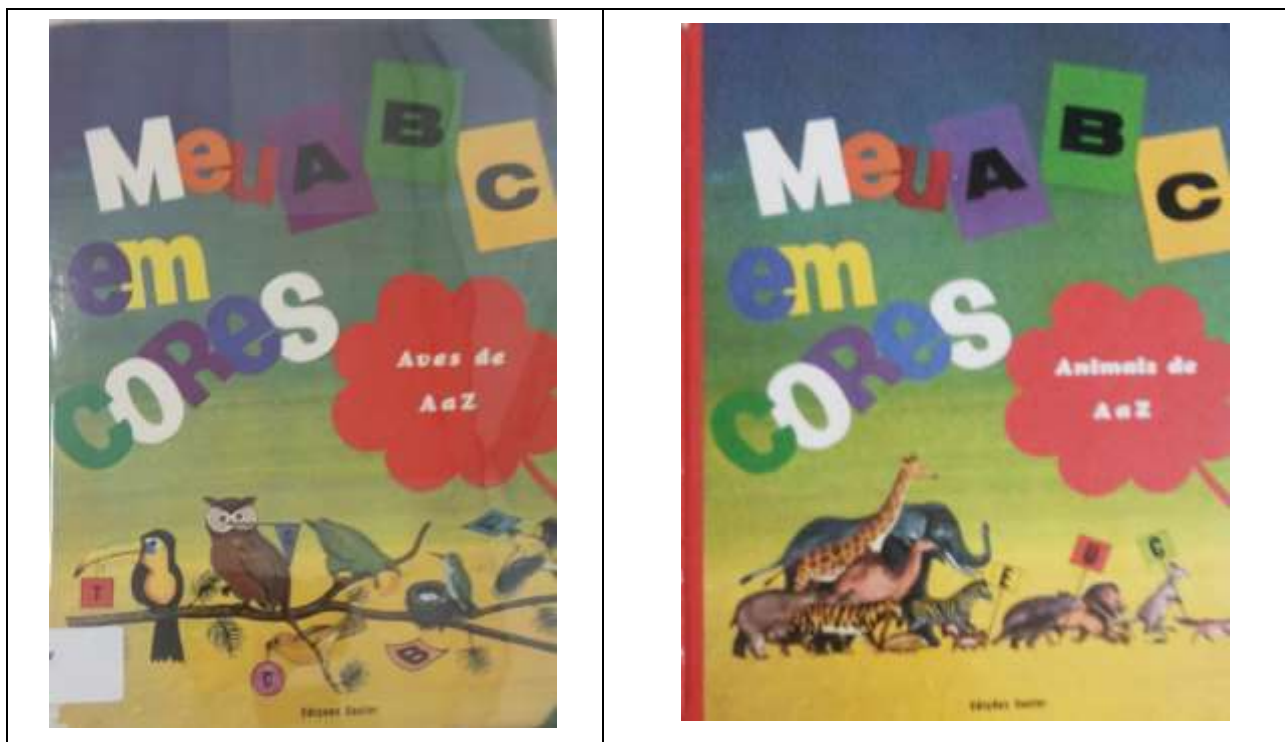
	<p>Nessa amostragem do abecedário “Meu ABC”, as capas, de modo geral, permaneceram inalteradas. No exemplar de 1965 não há a indicação de sua edição na capa como nos anteriores e o nome da editora aparece abaixo do cavalinho de brinquedo e não como este da imagem ao lado.</p>
	<p>Na contracapa dos três exemplares, é apresentado ao leitor 8 livros que compõe uma série chamada “Brincar e aprender”. O texto diz: “Esta coleção é composta de oito interessantes títulos. Na última página a Mamãe Babá dá claras informações a fim de que as crianças, em idade para curso pré-primário, possam se divertir amplamente, ao mesmo tempo que exercitam o senso de observação, aprendendo a distinguir formas e côres. Os títulos dos álbuns expressam bem a sua importância como material educativo”.</p>

<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
s/d	ABC dos irmãozinhos	s/e	Sem autor e ilustrador Editora Bruguera	10 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
s/d	Meu ABC em cores: animais de A a Z	s/e	Autores: Yara Schramm e Jupira Ilustrador: Flávio Tâmbalo Coleção Minha primeira enciclopédia	53 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas maleáveis de gramatura mais espessa.	Estante Virtual
1973	Meu ABC em cores: aves de A a Z	s/e	Autores: Yara Schramm e Jupira Ilustrador: Flávio Tâmbalo Editora: Castor Coleção Minha primeira enciclopédia	53 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas maleáveis de gramatura mais espessa.	Biblioteca Lucília Minssen
1976	Meu ABC em cores: aves de A a Z	s/e	Autores: Yara Schramm e Jupira Ilustrador: Flávio Tâmbalo Editora: São Paulo Editoras Coleção Minha primeira enciclopédia	53 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas maleáveis de gramatura mais espessa.	Biblioteca da Faculdade de Educação UFRGS





<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
s/d	ABC das aves e ABC dos animais	s/e	ABC das aves Sem autor Ilustrador: Renato Demonte Ferraz. ABC dos animais Sem autor Ilustrador: Liese Modern	100 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura sem imagens coloridas (brancas) e folhas mais espessas.	Estante Virtual





<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1936	Meu ABC	s/e	Autor: Érico Veríssimo Ilustrador: E. Zeuner Editora Globo Biblioteca de Nanquinote	25 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas de espessura mediana.	Biblioteca Lucília Minssen



As crianças brasileiras estão alvoroçadas depois que viram os livros da Biblioteca de Nanquinote – lindos entre os mais lindos.

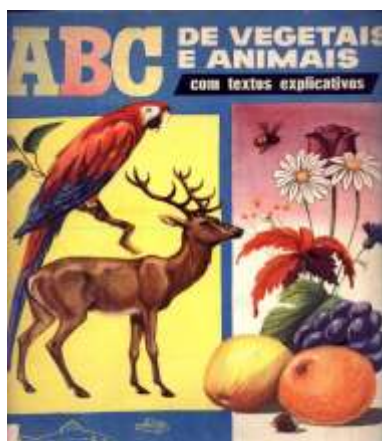
Os pais de família estão satisfeitos porque podem dar a seus filhos os livros bons, bonitos e interessantes por 4500 o volume.

Em cada livro – uma aventura engraçadíssima ao lado de figuras maravilhosas em muitas côres!

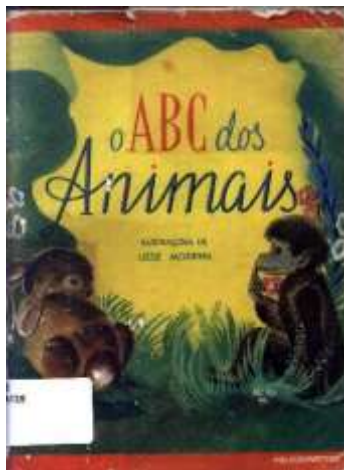
<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1937	A festa das letras	s/e	Autores: Cecília Meireles e Josué de Castro Ilustrador: J. Fahrion Editora Globo	54 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas de espessura mediana.	Biblioteca Lucília Minssen



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1954	ABC de vegetais e animais	s/e	Sem autor e ilustrador Editora Melhoramentos	47 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1954	O ABC dos animais	s/e	Sem autor Ilustrador: Liese Modern Editora Melhoramentos	24 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen



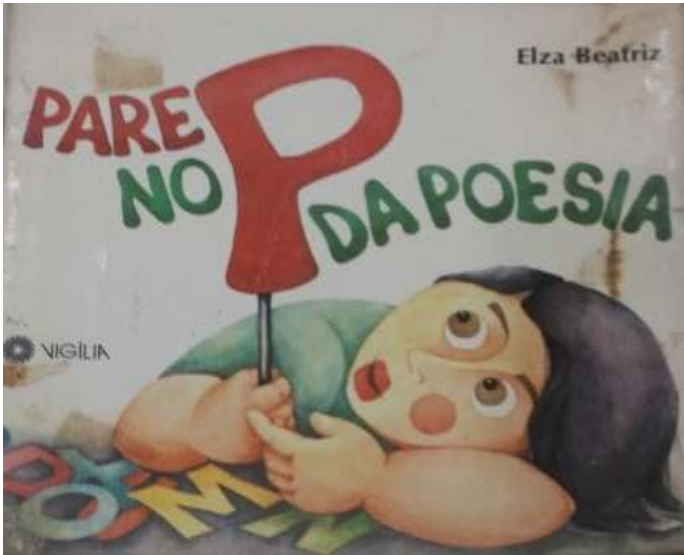
<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1962	ABC infantil	s/e	Sem autor e ilustrador Editora Brasil - América	10 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1965	O ABC das aves	s/e	Sem autor Ilustrações: Renato Demonte Ferraz Edições Melhoramentos	46 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen
1965	O ABC das aves	3ª ed.	Sem autor Ilustrações: Renato Demonte Ferraz Edições Melhoramentos	48 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca da Faculdade de Educação UFRGS

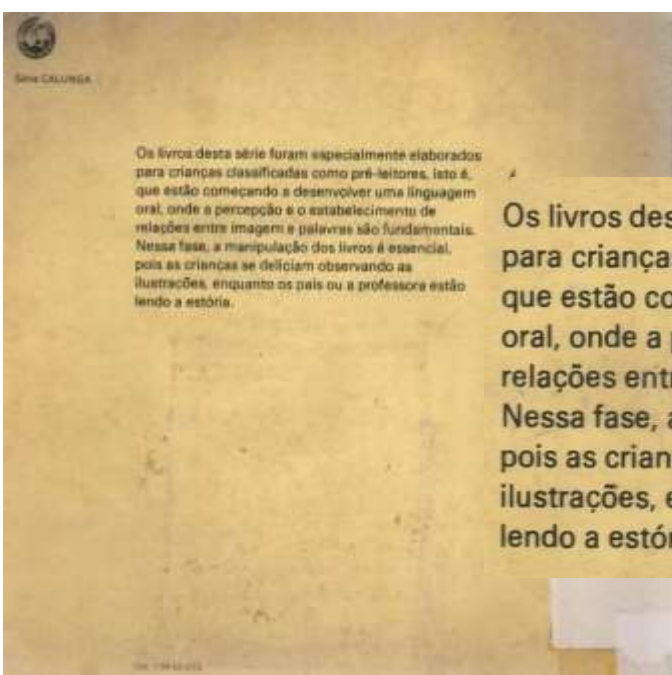


<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1980	Pare no P de poesia	s/e	Autor: Elza Beatriz Von Döllinger Ilustradores: Isabel Cristina de Azevedo Passos,	28 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen

			Liliane Izabovits Romanelli, Marcia Meyer Ferreira Guimarães e Paula Regis Editora Vigília Coleção copo-de-leite				
							

<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1981	Aventuras do ABC	s/e	Autor: Walmir Ayala Ilustradora: Claudia Scatamacchia Editora Melhoramentos Série Calunga	16 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen
1983	Aventuras do ABC	2ª ed.	Autor: Walmir Ayala Ilustradora: Claudia Scatamacchia Editora Melhoramentos Série Calunga	16 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen





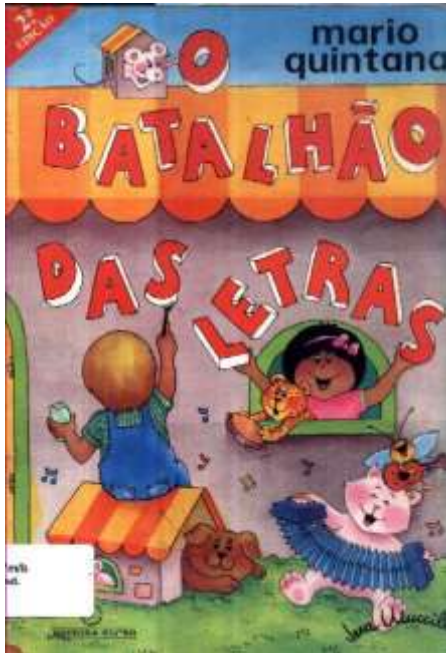
Os livros desta série foram especialmente elaborados para crianças classificadas como pré-leitores, isto é, que estão começando a desenvolver uma linguagem oral, onde a percepção e o estabelecimento de relações entre imagem e palavras são fundamentais. Nessa fase, a manipulação dos livros é essencial, pois as crianças se deliciam observando as ilustrações, enquanto os pais ou a professora estão lendo a estória.

<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1982	De avestruz a zebra	s/e	Autor: Maiti Frank Carril Ilustrador: Rodrigo Frank Série Lagarta Pintada	47 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1984	ABC dos coelhinhos Título da edição original: <i>ABC des petits lapins</i>	s/e	Autor e ilustrador: Jean Tourane Texto: Micheline Bertrand Tradução e adaptação: M. Graciete Teixeira Porto Editora	27 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa dura e folhas do tipo revista.	Estante Virtual



<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Edição</u>	<u>Autor, ilustrador, editora, coleção ou série</u>	<u>Número de páginas</u>	<u>Imagens e cor</u>	<u>Estilo do impresso</u>	<u>Acervo</u>
1984	O batalhão das letras	2ª ed.	Autor: Mário Quintana Ilustrador: Eva Furnari Editora Globo	31 páginas	Sim	Encadernação em formato de brochura. Capa e folhas maleáveis.	Biblioteca Lucília Minssen
							
Quadro 1 – Abecedários repertoriados nos acervos consultados – Brasil – 1936 a 1984 <sup>38</sup>							

Ao observar os aspectos gráficos e editoriais que os abecedários acima indicados apresentam nas capas e contracapas, é possível afirmar o quanto é fecundo investir nos estudos sobre os protocolos de leitura. Eles indiciam uma didatização especial voltada ao ensino inicial da leitura e da escrita que se vale, sobretudo, da visualidade.

Tal constatação parte do que é impresso nas capas e contracapas, mas também na íntegra dos impressos reunidos nesta dissertação. Contemplam a inserção e associação de um campo imagético diverso. Chartier (1998a, p.15) assegura que *“a imagem é muitas vezes uma proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a correcta compreensão do texto, o seu justo significado”*. Os

<sup>38</sup> Vale ressaltar que não há como mapear se aconteceram alterações entre a 1ª edição dos abecedários ilustrados com as edições que estão aqui representadas.



abecedários que compõe a empiria são repletos de imagens que evocam a relação entre grafema e fonema, o que demonstra o quanto a questão linguística está implicada nessa composição gráfica.

Entretanto, diversas capas e contracapas, não apresentam uma relação imediata com a questão da língua. Há aí um jogo de imagens de escolha aleatória?

Dentre os vinte e um exemplares examinados, a maioria possui animais impressos na capa ou contracapa. Imagens de crianças, ocupam a segunda posição e outros abecedários ilustram com vegetais. De modo geral, essa é a “semântica” das imagens que figuram nos abecedários do conjunto examinado. Esse fato sugere uma associação lúdica das imagens que fazem parte do universo de experiências das crianças ou que despertam a curiosidade (animais) supostamente eficaz para a memorização por associação do símbolo – imagem, ou devido a uma tradição secular em torno dos abecedários ilustrados para as crianças. Convém ressaltar que capas e contracapas são importantes dispositivos editoriais, portanto, precisa-se considerar a ideia de que as formas também produzem os sentidos<sup>39</sup>.

Quais as intencionalidades relacionadas à seleção dessas imagens inscritas nas capas e contracapas dos abecedários? Os abecedários não explicitam nada a respeito desse assunto em notas, prefácios ou prólogos. Contudo, é curioso observar que em alguns abecedários consta a autoria das imagens, ou seja, há destaque à figura do ilustrador.

A autoria das imagens consta impressa nos seguintes abecedários: “Meu ABC” com as ilustrações de Dorca; “O ABC dos animais”, cujas ilustrações são feitas por Liese Modern; “O ABC das aves” conta nos dois exemplares com o trabalho ilustrativo de Renato Demonte Ferraz e o abecedário compilado “ABC das aves e ABC dos animais”, Renato Demonte Ferraz e Liese Modern, respectivamente. Esses abecedários não referem a figura do autor. Seria um exemplo de parceria entre ilustrador e editora, ou o ilustrador seria o autor, uma vez que o texto ABC é invariável.

Há outros abecedários, no entanto, que não registram nem o ilustrador, nem o autor. Existe somente a indicação da editora que imprimiu o livro. São

---

<sup>39</sup> Cf. Chartier (2000a, 2004).

eles: “ABC dos irmãozinhos”, da editora Bruguera; “ABC de vegetais e animais”, das edições Melhoramentos e “ABC infantil” da editora Brasil América.

Para pôr em reflexão essa questão, valho-me da ideia de Hèbrard quando refere-se aos abecedários publicados a partir da lógica da *Bibliothèque Bleue*, na França do século XVII.

[...] o abecedário situa os impressores do lado de uma tradição editorial que se apoia nas obras sem autoria, repostas ano após ano, sem a preocupação de inovar, em um domínio no qual a permanência e a perenidade continuam os maiores critérios de uma qualidade que se obtém sem despesas. (HÉBRARD, 2002, p.15)

Essa prática editorial apresenta algumas nuances quando em comparação com a dos abecedários apresentados neste estudo: a autoria indicada nos abecedários refere-se à ilustração, com omissão da autoria daquele que pensou sobre os usos dos variados tipos de letras, a inclusão ou não de palavras, ou de frases, etc. Tais aspectos podem estar relacionados ao projeto gráfico, e por isso, hipoteticamente, não haveria necessidade de indicação da autoria dos demais aspectos do impresso.

A possibilidade de visibilizar a materialidade do impresso se dá por meio de sua forma e composição gráfica. Desse modo, os textos podem ser lidos e postos em utilizações e significações múltiplas. Esse fato, porém, implica no processo de criação. Em outras palavras, a mediação editorial.

Relacionado ao processo de mediação editorial, Darnton (2010) sugere um modelo geral para acompanhar o surgimento e difusão do livro nas sociedades ocidentais. Contemplaria um mapeamento do circuito de comunicação do livro. Tal modelo analítico indica que o circuito de comunicação passe por seis agentes que respondem por sua invenção: o autor, o editor, o impressor, o distribuidor, o livreiro e, por fim, o leitor/autor. Segundo ele, o circuito de comunicação:

[...] transmite mensagens, transformando-as no caminho, enquanto passam do pensamento à escrita e daí aos caracteres impressos, até voltarem ao pensamento. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais – no ambiente que o cerca. (DARNTON, 2010, p.194)

Nesse sentido, portanto, observa-se que cada parte que compõe todo circuito de comunicação do livro interessa sobremaneira àqueles que pesquisam a história do livro e da leitura. Adoto como recorte de tal circuito o agente “editor” uma vez que pode ajudar a pensar sobre a escolha das imagens nos abecedários aqui analisados.

Assim, a mediação editorial relaciona-se com todo o processo de produção do impresso, pois é ela que assume um texto inicialmente invariável: a sequência do alfabeto. Dito de outro modo, é o suporte que veicula o ABC e as respectivas imagens.

Chartier (2004) demonstra o quanto a mediação editorial corrobora para as diferentes atribuições de sentido ao que se lê. Para isso, o autor analisa os livros da *Bibliothèque Bleue*, que, conforme ele, podem ser considerados uma fórmula editorial inventada pelo Oudot em Troyes no século XVII. O propósito é fazer circular livros de custeio barato que são impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes.

Os impressores de Troyes são ávidos de novidades e se apoderam de bom grado dos títulos em moda, uma vez expirado o privilégio do seu primeiro editor. Sua política editorial, portanto, não pode absolutamente ser definida pela qualificação social dos textos que editam (estes não são ‘populares’ nem em sua escrita nem na sua primeira destinação), tampouco pelo gênero ou pela intenção destes, já que, como vimos, eles pertencem a todos os registros de elaboração erudita. (CHARTIER, 2004, p.270)

Após a caracterização da *Bibliothèque Bleue*, é possível deduzir a intervenção editorial que era realizada para a impressão do texto no formato livro. Os ajustes feitos nos textos eram pensados visando o público leitor, ou seja, visavam um tipo de leitor específico. As intervenções variaram: a remodelação da apresentação do texto por meio da criação de parágrafos, a divisão em mais capítulos, além da redução e simplificação do texto, em muitos casos.

Tais aspectos levantados por Chartier (2004) ajudam a pensar a respeito dos abecedários. Eles são elaborados para um público específico, neste caso, as crianças em aprendizado inicial da leitura e da escrita. Pode-se supor que o

projeto gráfico precisa ser, de algum modo, convidativo para ser lido e/ou manuseado. As imagens parecem ser um investimento que colabora com tal intenção. A temática das imagens presentes nas capas e contracapas, por sua vez, podem, então, ser interpretadas como um meio de atingir e captar atenção das crianças, visando uma eficácia da leitura por um público particular. Também sugerem um público a que se dirigem: as crianças, embora a aquisição, em geral, seja feita por um adulto, pais ou professores.

Ainda, a partir de Chartier (1998a), as imagens que compõem as capas dos abecedários podem ser consideradas protocolos de leitura, na medida em que elas exercem um papel comunicativo ao leitor. Cerceiam, em alguma medida, uma maneira de ler e atribuir significado ao impresso. De acordo com Chartier (1998a), a imagem pode tornar-se para o leitor um “lugar de memória”, que sugere, por meio de uma representação, a história, o ensinamento ou as informações e curiosidades que encontrará ao folhear o livro. No caso dos abecedários, a memória do grafema-fonema, memória da sequência das letras, recurso mnemônico que associa um objeto/coisa conhecida a uma letra.

Abordei até aqui os aspectos relacionados às imagens que figuram nas capas e contracapas dos abecedários, trazendo à discussão a existência/ausência de ilustradores e suas relações com a autoria e intencionalidade de aparição delas nos impressos observados.

Há um outro grupo de abecedários que compõe a empiria. São aqueles que, além do ilustrador, possuem a menção à editora e trazem a figura de um ou mais autores. São eles: “Meu ABC em cores: aves de A a Z” (1973, 1976) e “Meu ABC em cores: animais de A a Z (s/d). Ambos os títulos têm os mesmos autores: Yara Schramm e Jupira. O ilustrador é Flávio Tâmbalo. “Meu ABC” (1937) com autoria de Erico Veríssimo e as ilustrações são de E. Zeuner. “A festa das letras” (1936) de Cecília Meirelles e Josué de Castro, ilustrado por J. Fahrion. “Pare no P de poesia” (1980) tem autoria de Elza Beatriz Von Döllinger e os ilustradores são Isabel Cristina de Azevedo Passos, Liliane Izabovits Romanelli, Marcia Meyer Ferreira Guimarães e Paula Regis. Nos abecedários “Aventuras do ABC” (1981, 1983) o autor é Walmir Ayala e a ilustradora é Claudia Scatamacchia. “De avestruz a zebra” (1982) a autoria é de Maiti F. Carril e as ilustrações de Rodrigo Frank. “ABC dos coelhinhos” (1984) o autor e ilustrados é Jean Tourane com

tradução de M. Graciete Teixeira. “Batalhão das letras” (1984) é de Mario Quintana e as ilustrações de Vera Muccillo.

As informações de autoria e ilustrações, em geral, constam nas capas dos abecedários. A concepção de autoria nesse grupo de abecedários está ressaltada pela ideia de um autor que elaborou algo a mais a partir do ABC e que este se materializou no suporte livro, como uma confirmação de que se há um texto, é porque um autor o escreveu. Há dois tipos marcantes<sup>40</sup>: abecedários que se aproximam de uma perspectiva literária ou empregam recursos estilísticos da literatura como onomatopeias, aliteraões e aqueles com características de uma espécie de enciclopédia, que coleciona saberes científicos e/ou curiosos associados a cada letra e palavra. Analisando sob essa perspectiva, haveria um motivo explícito para a existência da figura de um autor. Desdobrarei essa questão de modo mais específico no capítulo a seguir.

A capa pode contar ainda com três elementos: conteúdo temático, estilo e uma composição gráfica. Tal composição pode ser caracterizada por elementos verbais e não verbais. Estes aspectos compõem o *layout* da capa, são eles: as imagens, as letras, em seus formatos e as cores, além das dimensões.

Os elementos não verbais abordei acima quando destaquei as imagens. Quanto aos elementos verbais, mencionei a inscrição dos autores, ilustradores e nome da editora. Há, contudo, outra característica dos elementos verbais: os títulos dos abecedários.

Inicialmente, uma primeira constatação: se no título do abecedário as letras ABC não estiverem, certamente elas aparecerão na composição do plano de fundo da imagem. Há casos que outras letras aparecem, mas esse conjunto ABC é o que comparece de modo mais recorrente. Afinal, este o trio de letras remete ao conteúdo impresso que é o ordenamento das letras para o aprendizado do alfabeto.

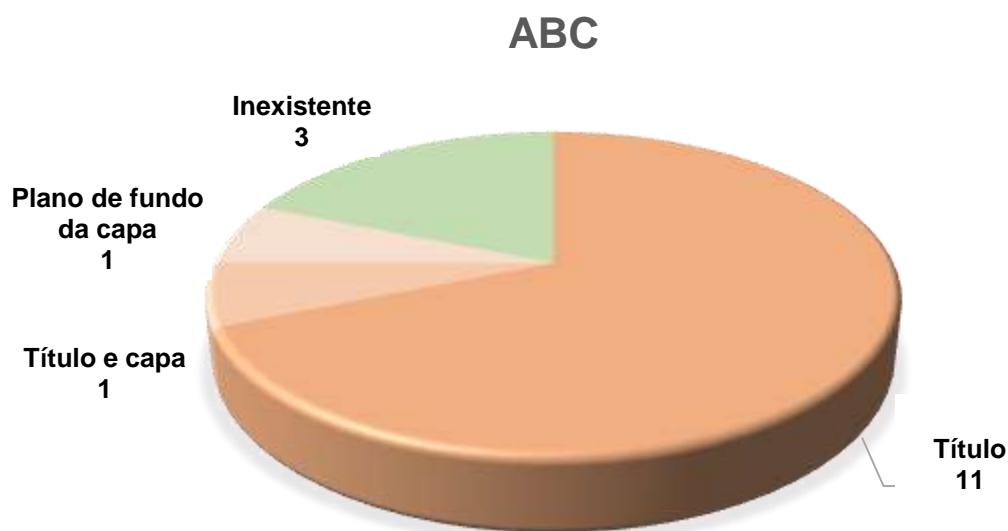
Esse conjunto de letras, que parece compor uma palavra, está (quase) sempre em destaque, seja pela fonte em caixa alta, seja pelo uso de diversas cores em realce. Para Armando Petrucci (1999), a página se compõe na combinação de vários signos. Por exemplo, na inscrição de um elemento verbal

---

<sup>40</sup> Cf. quadro 3 da página 98.

há também um complexo figurativo integrado pelos traços, curvas e desenhos da trama gráfica. Nas capas fica bastante visível que a inscrição do título está alinhada junto aos mencionados traços, curvas e desenhos da composição gráfica dessas capas.

Elaborei um gráfico para dar visibilidade ao conjunto dos abecedários aqui examinados, sobretudo de modo a observar quantos deles possuem a palavra ABC no título ou se há a palavra no título e na composição da capa ou se ABC não está no título, mas aparece no plano de fundo ou a inexistência dela em quaisquer das possibilidades apontadas.



Quadro 2 - ABC

O resultado desse levantamento mostra que do total de 16 títulos (não contabilizados os diferentes exemplares do mesmo impresso), onze deles (69%) têm a expressão ABC no título, um apresenta ABC no título e na composição da capa, representando 6% da amostra, um abecedário (6%) não possui a palavra ABC no título, porém a expressão está no plano de fundo como uma imagem e três (19%) não possuem impressa a palavra ABC no título ou no plano de fundo.

Se tomarmos as três situações em que a expressão ABC aparece, isso perfaz 13 títulos, ou seja, a maior parte do conjunto examinado. Vale registrar que a palavra “abecedário” não consta em nenhum dos impressos, embora, na acepção aqui adotada, eles efetivamente constituam abecedários. No impresso

intitulado “De **A**vestruz à **Z**ebra”, o destaque (em maiúsculas e coloridas em vermelho) das letras “A” e “Z”, faz alusão à expressão “A à Z”, significando a totalidade do alfabeto.

Ainda quanto ao conceito de protocolos de leitura, Chartier (1992) indica que há estratégias de ordem explícitas, que se fundamentam no discurso, podem ser os prefácios, prólogos, comentários e notas; e as implícitas, que transformam o texto num “mecanismo que impõe uma compreensão legítima” (p.215).

Valho-me dessas indicações do autor porque há abecedários que inscrevem na contracapa um protocolo de leitura de ordem editorial. Esse movimento também ocorre no interior desses impressos, aspecto abordado no próximo capítulo.

Concentro aqui a atenção nos protocolos de leitura que se inscrevem nas contracapas de quatro abecedários.

Um deles é “Meu ABC” (1965), o outro é “Meu ABC” (1937), o terceiro é “De Avestruz a Zebra” (1982) e o último é “Aventuras do ABC” (1981,1983). Nos três primeiros as notas do editor são semelhantes. Elas instigam o leitor a conhecer outros livros e elaboram uma justificativa para a aquisição.

Retomo o que a nota editorial inscreve no livro “Meu ABC” (1965).

#### Série BRINCAR E APRENDER

Esta coleção é composta de oito interessantes títulos. Na última página a Mamãe Babá dá claras informações a fim de que as crianças, em idade para curso pré-primário, possam se divertir amplamente, ao mesmo tempo que exercitam o senso de observação, aprendendo a distinguir formas e cores. Os títulos dos álbuns expressam bem a sua importância como material educativo:

- Nº 1 – VAMOS BRINCAR
- Nº 2 – APRENDENDO BRINCANDO
- Nº 3 – VAMOS LER
- Nº 4 – VAMOS CALCULAR
- Nº 5 – BRINQUEDO DAS PROFISSÕES
- Nº 6 – DE QUE SÃO FEITAS AS COISAS
- Nº 7 – COISAS DE NOSSA CASA
- Nº 8 – VAMOS FAZER COMPRAS

(MEU ABC, 1965, s/p)

A nota faz a lista dos exemplares que compõem a série “BRINCAR E APRENDER” e antecede a lista com recomendações que explicam os motivos para aquisição dos exemplares da série. A explicação tem um cunho mais pedagógico e direciona os livros para o público infantil que ainda não frequenta

o primário, como uma espécie de conhecimentos prévios que a série se dedica em abordar.

O abecedário “Meu ABC” (1937) faz a seguinte nota na contracapa:

**BIBLIOTECA DE NANQUINOTE**

As crianças brasileiras estão alvoroçadas depois que viram os livros da Biblioteca de Nanquinote – lindos entre os mais lindos.

Os pais de família estão satisfeitos porque podem dar a seus filhos os livros bons, bonitos e interessantes por 4500 o volume.

Em cada livro – uma aventura engraçadíssima ao lado de figuras maravilhosas em muitas côres! (MEU ABC, 1937, s/p)

Nesse comentário há um apelo editorial para a compra de outros livros da coleção da Biblioteca de Nanquinote. O apelo sugere o encantamento com a leitura que as crianças e pais realizaram. Menciona, inclusive, a relação custo e benefício com a aquisição dos livros. Diferentemente do abecedário “Meu ABC” (1965), este mostra os outros exemplares da coleção imprimindo as fotos de suas capas, como estratégia para incentivar os leitores a adquirirem as demais obras.

No abecedário “De Avestruz a Zebra” (1982) a nota é

**Série Lagarta Pintada**

Lúcia já-Vou-Indo

A Zebra, a Girafa e outros bichos

O veterinário maluco

O vestido da Centopéia

A Centopéia e seus sapatinhos

O Ônibus Musical

Olaf, o esquilo Norte

O Gato do mato e o Cachorro do morro

Tungo-Tungo

O Passarinho Vermelho

Os Pregadores do Rei João

Maneco Caneco Chapéu de Funil

Panela de Arroz

O noivo da Cutia

De Avestruz a Zebra

Bule de café

Para crianças a partir dos 4 anos

A indicação da faixa etária é mera sugestão nossa.

A maturidade de cada criança é que deve determinar a escolha dos livros que lhe são adequados.

(DE AVESTRUZ A ZEBRA, 1982, s/p)



A editora nomeia todos os livros que fazem parte da série e sugere que os leitores tenham a idade a partir de 4 anos. Contudo, fazem uma ressalva de que a indicação da idade é meramente sugestiva e a maturidade da criança é que deveria definir a escolha.

Podemos inferir que esses conteúdos da intervenção editorial se voltam à ampliação das tiragens, e portanto do comércio editorial de coleções, através da divulgação de títulos impressos pela mesma editora.

No abecedário “Aventuras do ABC” (1981,1983), a nota editorial constitui uma espécie de propaganda do próprio livro que compõe uma série denominada Calunga.

Os livros desta série foram especialmente elaborados para crianças classificadas como pré-leitores, isto é, que estão começando a desenvolver uma linguagem oral, onde a percepção e o estabelecimento de relações entre imagem e palavras são fundamentais.

Nessa fase, a manipulação dos livros é essencial, pois as crianças se deliciam observando as ilustrações, enquanto os pais ou a professora estão lendo a estória. (AVENTURAS DO ABC, 1981, 1983, s/p)

Há nesta nota uma preocupação em explicar aos pais os motivos pedagógicos que tornam a série indispensável. Uma outra ideia implícita é a da leitura tutelada pelo adulto, que pode ser tanto o pai, ou a mãe, quanto a professora da criança. O comentário sugere que enquanto o adulto lê as crianças se deliciam com imagens, imagens essas relacionadas às palavras.

Encerro este capítulo após realizar a descrição de aspectos mais relacionados as capas e contracapas dos abecedários ilustrados, atentando para os aspectos de sua composição, com o objetivo de compreender suas especificidades.

Como assinali antes, o suporte não é irrelevante, pois guarda uma relação decisiva com o texto, pois “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o leitor” (CHARTIER, 1992, p.220).

O próximo capítulo examina a apresentação do ABC na superfície das páginas, em outras palavras, como as páginas são ofertadas à leitura. Folhear e observar os abecedários na materialidade do impresso, buscando compreender

as concepções de leitor, os dispositivos textuais e editoriais utilizados para assegurar o sentido do texto.

## CAPÍTULO 5



### POR ENTRE AS PÁGINAS DOS ABECEDÁRIOS ILUSTRADOS: TEXTOS, DESTAQUES, IMAGENS



A leitura é uma prática crescentemente difundida desde a ampliação da circulação de impressos (CHARTIER, 2000a). No senso comum, acredita-se que é uma prática invariável e que os significados atribuídos aos seus conteúdos são sempre os mesmos. Chartier questiona tais representações e afirma a leitura é uma prática cultural, portanto histórica, e que cada leitor estabelece múltiplos usos e distintos modos de apropriação ao que lê.

Consoante a tais afirmações, o autor acrescenta que a leitura é “uma criação secreta e singular” de cada sujeito leitor (CHARTIER, 1992, p.214). A leitura, portanto, não é uma prática universal e sua significação varia conforme as competências do leitor, as convenções de leitura, os usos plurais, os protocolos de leitura, as comunidades interpretativas, as memórias e experiências dos atos de leitura. Essas provocações propostas por Chartier (1992) desencadeiam, ainda, outras questões a analisar: a relação da leitura com o material impresso (suporte, formato, intervenções editoriais), a relação entre

gênero discursivo e suporte e a legibilidade que este pode propiciar, dentre outras.

Neste capítulo, os abecedários ilustrados são analisados a partir da relação triangular proposta por Chartier para o estudo da leitura: suporte, texto e leitura.

Tal relação triangular produz uma tensão, seja pelas diversas maneiras pelas quais o texto é ofertado a ler, seja pelos diferentes modos pelos quais é manuseado, e como, através da leitura, o texto é interpretado pelo leitor. Dessa tensão decorrem múltiplas possibilidades de produção de sentido que o leitor é capaz de realizar.

Enquanto no capítulo anterior dediquei maior atenção às capas e contracapas e sua caracterização, neste, passo a discorrer sobre os aspectos relacionados ao texto e à leitura, com destaque aos protocolos de leitura de ordem textual e editorial presentes nas páginas dos abecedários.

Depois de evocar alguns elementos de contextualização da história da leitura, julgo necessário esclarecer o que passo a considerar como indícios das práticas de leitura, inspirada pelos autores que fundamentam esta dissertação. Aponto três indícios. O primeiro deles é o relato do leitor sobre as leituras que realiza. “Ler é entendido como uma ‘apropriação’ do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto” (CHARTIER, 1992, p.115).

O segundo indício são os protocolos de leitura e é preciso “tentar interrogar os objetos lidos eles próprios, em todas as suas estruturas, jogando com os protocolos de leitura inscritos nos próprios textos e com as disposições de imprimir” (CHARTIER, 2000a, p.236). Trata-se, então, de identificar as estratégias realizadas por autoridades, em especial pelos editores, que tentam “impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (CHARTIER, 1992, p.215).

Os protocolos de leitura que compõem o corpus de atitudes do ato de ler podem ser caracterizados em dois tipos: uns são puramente textuais e concernem ao autor, e aos elementos que este inscreve no texto de modo a garantir ou ao menos sugerir a apropriada interpretação do que escreve. Diz Chartier (2000a, p.10) que esses elementos do autor “[...] inscrevem no texto a

imagem de um leitor ideal, cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretende escrevê-lo”.

São como instruções que repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo uma boa leitura. (CHARTIER, 2000a, p.96-97)

Outros, dizem respeito à matéria tipográfica, ou melhor, ao editor e à edição impressa do texto. O editor também idealiza um leitor que necessariamente não se assemelha ao idealizado pelo autor. Por exemplo, é possível observar nos impressos voltados para o ensino da leitura e da escrita o uso de recursos tipográficos que visam a sua didatização. Dominique Julia (1990) promove um debate a respeito das inúmeras inovações que ocorreram em Paris durante o século XVIII. Os preceptores particulares e os mestres de pensões aristocráticas tiveram destaque nesse cenário. O autor comenta que neste período o ensino da leitura naquele país iniciava com o método da soletração *port-royal*. A pedagogia, então, se preocupava com a ludicidade e sentia a necessidade de proporcionar sentido ao ensino da língua. Para isso era preciso que ocorresse uma inovação nos dispositivos tipográficos, que foram inventados, segundo o autor, para servir de apoio mnemônico.

Py-Poulan de Launay utiliza caracteres tipográficos vermelhos ou itálicos para distinguir, no interior de uma página de leitura, letras que não é necessário pronunciar. Louis Dumas propõe “A.B.C em preto, em vermelho, em azul e em mais cores. Esta diversidade é sempre em benefício do aluno: os recursos podem ser empregados indiferentemente no começo, mas, em seguida, as letras pretas e vermelhas servirão para distinguir o romano e o itálico, o latim e o francês, na função ou na composição a ser feita sobre um quadro de um escritório tipográfico. (JULIA, 1990, p.626)

Segole Le Men (1984) também analisa abecedários do século XIX que tinham uso tanto doméstico quanto escolar e cita como o recurso tipográfico poderia ser útil para a aquisição da leitura:

A divisão se reporta *scritto sensu* à disposição tipográfica particular que permite ao aprendiz-leitor ver a palavra silábica após sílaba e a soletração designa o método de soletração, mas ela pressupõe o artifício tipográfico que é implícito na maioria dos casos. (LE MEN, 1984, p.132)

Escolano (1997), por sua vez, aborda que nos manuais escolares espanhóis do século XIX figuraram diferentes modos de organização da página. Aspectos como a composição, a encadernação, as tipografias e as ilustrações bem características, ofereceram aos livros certa identidade. É importante ressaltar que os livros de iniciação à leitura apresentavam recursos ainda mais peculiares, uma vez que desejavam demonstrar a associação da visualidade com os aspectos linguísticos e formais dos conteúdos a serem ensinados. O autor apresenta um exemplo curioso acerca do movimento higienista no século XIX, enfatizando o quanto ele produziu efeitos sobre a apresentação do manual escolar. Tal movimento impôs algumas regras que incidiam sobre a espessura do papel, a cor da folha, o tamanho e cores da impressão, a medida das margens, bem como um “gosto artístico” pelas imagens.

Chartier (1999b, p.8) comenta que mais do que nunca os historiadores das práticas e sociabilidades culturais reconhecem os efeitos que as formas materiais produzem nos sentidos da leitura.

No caso do livro, elas [formas materiais] constituem uma ordem singular, totalmente distinta e outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro. (CHARTIER, 1999b, p.8) [grifo meu]

Chartier (1999b) alerta que os sentidos atribuídos às formas e aos seus motivos não são os mesmos para todos, pois dependem das competências ou das expectativas dos leitores que delas se apropriam, o que vale para o caso dos abecedários aqui examinados, ou seja, a descrição dos dispositivos textuais e tipográficos não implica em afirmar que tenham produzido os mesmos efeitos para todos os seus leitores, embora indiquem potencialmente quem eram esses e como liam.

Retomando outros exemplos que podem indicar as práticas de leitura, Chartier (1992) comenta que na gestualidade do corpo e nas práticas de

sociabilidade do escrito estão envolvidos o leitor, os lugares de leitura, as maneiras de ler. Esses aspectos são fundamentais para uma abordagem que pretenda compreender e interpretar como os textos foram lidos, manuseados, já que estabelecem convenções de leitura.

Com base em tais provocações e/ou questionamentos que Chartier (2000a) dedica-se a pesquisar sobre a história das práticas de leitura. Ao fazê-lo, Chartier (2009, p.77) afirma no artigo “Práticas de leitura”, que pretende “examinar as condições possíveis para uma história da leitura”, contudo tal tarefa não é de fácil execução em função da raridade dos vestígios e da complexidade de interpretação dos indícios indiretos. A formulação dessa ideia sinaliza, em alguma medida, o desafio desta dissertação quanto às práticas de leitura dos abecedários aqui analisados.

O objetivo da dissertação, como foi indicado anteriormente, consiste em analisar um conjunto de vinte e um impressos designados aqui como abecedários ilustrados, em circulação no Brasil entre as décadas de 30 a 80 do século XX. É possível fazer uma história da leitura, com contribuições à história da alfabetização, na ausência dos leitores que manusearam tais materiais? É um empreendimento que pode ser perseguido, pois segundo Chartier (2009a), e como sinalizei acima, os historiadores podem recorrer ao objeto impresso em si, embora não se possa construir uma história da leitura com uma coleção de estudos de caso. Para o autor, é preciso esclarecê-los por um enfoque que retorne ao objeto impresso, porque este

[...] traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios de leitura que seu editor supõe existir nele e os limites de sua possível recepção. Um tal estudo, feito de corpus em corpus, não considera mais o impresso um suporte neutro, nem como uma unidade válida para ser colocada em série, mas como um objeto cujos elementos e estruturas remetem, de um lado, a um processo de fabricação cujas dificuldades eram grandes na época da composição manual e da impressão manual e, de outro, a um processo de leitura ajudado ou derrotado pelas próprias formas dos materiais que lhe é dado a ler. (CHARTIER, 2000a, p.96)

A partir desta ideia, a análise dos abecedários busca pistas de leitura e leitores na materialidade do objeto impresso. Isso porque na produção dos abecedários ilustrados, um leitor é idealizado tanto pelo autor quanto pelo editor. Pergunto-me se na produção dos materiais voltados para o ensino da leitura e

da escrita, neste caso, os abecedários ilustrados, haveria uma preocupação pautada em aproximar o conteúdo – baseado nas concepções de alfabetização – de sua impressão? Isso poderia ser entendido como um modo de idealização do leitor? Se o leitor “aprende” de determinado modo é preciso produzir materiais que o auxiliem nesse processo?

Mortatti (2000) aborda em seu livro “Sentidos da alfabetização”, que as concepções de alfabetização, na perspectiva da história das disciplinas escolares, demonstram que uma ação de alfabetizar, de disseminar o ensino da leitura e da escrita, de oferecer instrução primária acontece na medida em que são utilizados métodos de ensino e o mesmo alfabeto latino. Segundo a autora, a alfabetização sofreu demasiadas mudanças no decorrer do tempo, estando algumas delas inscritas nos materiais didáticos, no aprendizado por memorização, dentre outros exemplos. As mudanças ocorridas sofreram influência dos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Tal afirmação de Mortatti (2000) leva a pensar que na materialidade dos materiais didáticos, então, há indícios das concepções de alfabetização e, ainda, que a observação de diferentes materialidades em distintas épocas, torna possível acompanhar continuidades e descontinuidades de tais concepções no tempo. Há estudos de diferentes pesquisadoras brasileiras que buscaram demonstrar, em alguma medida, essas questões. Trindade (2004), Peres (2006), Cardoso (2011) e a própria Mortatti (2000), examinam cartilhas, cadernos escolares e diários de classe de professores.

No Brasil, depois da Proclamação da República, intensificaram-se os discursos que afirmavam que a escola era um espaço necessário para todos. Sob esse aspecto, dominar o código escrito, ou seja, saber ler e escrever se tornou uma ferramenta privilegiada de saber e acabou se configurando como um imperativo da modernização e do desenvolvimento social. O acesso à leitura e à escrita, contudo, ainda não era universal. Tal fato passou a incorporar os fundamentos da escola obrigatória, laica, gratuita e objeto de ensino e aprendizado escolarizados. Caracterizando-se como habilidades tecnicamente ensináveis, ler e escrever foram submetidos ao ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados e materiais que se propusessem a didatizar tais aprendizados.



Razzini (2010) comenta que com o advento da República e da ênfase ao ensino simultâneo, cresce a demanda de materiais escolares para uso individual do aluno, contexto em que há um aumento significativo na produção de livros escolares. O expressivo crescimento do mercado de livros precisa ser visto como “parte das condições de infraestrutura (física e cultural) criada para a consolidação dos sistemas de educação pública” (RAZZINI, 2010, p.107).

A par disso, Mortatti (2000) inicia da questão dos métodos e divide a história da alfabetização no Brasil em quatro momentos, no intuito de compreender os sentidos historicamente atribuídos à alfabetização e de que modo esses métodos passaram a ser alvo de preocupação de educadores, legisladores e administradores governamentais. Interessa, particularmente a esta dissertação, a caracterização feita pela autora acerca da disputa em torno de certas tematizações, normatizações e concretizações relacionadas com o ensino da leitura e escrita. Ela afirma que, em decorrência de tais disputas, ocorre, em cada um desses momentos, a fundação de uma nova tradição relacionada ao ensino inicial da leitura e escrita (Mortatti, 2000). Ao desenvolver o assunto, entende que é atribuída disputa pela hegemonia de determinados métodos de alfabetização, sobressaindo o papel desempenhado pelas cartilhas, instrumento privilegiado de concretização dos métodos e dos conteúdos de ensino.

Ao longo do texto desta dissertação, as análises de Mortatti (2000) ajudam a interpretar e problematizar o que a empiria aponta a respeito dos métodos de alfabetização.

## 5.1 ENTRE TEXTOS, DESTAQUES, IMAGENS: PROTOCOLOS DE LEITURA TEXTUAIS E EDITORIAIS

Optei por apresentar, inicialmente, os abecedários ilustrados que demonstram uma função didática<sup>41</sup> para o ensino e aprendizado da leitura e da

---

<sup>41</sup> A partir dessa opção de apresentação, adianto que o abecedário “A festa das letras” (1936) de Cecília Meirelles e Josué de Castro tem como principal característica promover o tema da alimentação saudável e a função didática de aprendizado do alfabeto não é seu foco central. Por este motivo ele é apresentado mais ao final do texto. Outrossim, para tornar o texto mais fluido à leitura, o abecedário “Meu ABC” (1936) de Erico Veríssimo é examinado logo depois de “A festa das letras”, uma vez que há aspectos que os aproximam, especialmente a temporalidade da década de 30.

escrita, propondo o conhecimento do alfabeto, seu ordenamento, relação entre grafema/fonema juntamente às imagens, palavras e textos. Portanto, para esse grupo de abecedários não haverá uma sequência temporal de apresentação que toma o ano de publicação de modo crescente, será de modo aleatório cumprindo o argumento especificado anteriormente.

Há características comuns nesses impressos, o que permite distingui-los a partir de características comuns: abecedários que se aproximam de obras literárias ou que utilizam recursos estéticos inspirados na literatura (rimas, onomatopeias, aliterações, etc.). E outros que assumem uma forma enciclopédica, ou seja, oferecem informações e curiosidades a respeito do tema que abordam.

<b>Literários ou com recursos estilísticos da literatura (rimas, onomatopeias, aliterações, etc.).</b>	<b>Enciclopédicos</b>
1936 – Meu ABC	1954 – ABC de vegetais e animais
1937 – A festa das letras	s/d – Meu ABC em cores: animais de A a Z.
1980 – Pare no P de poesia	1973 – Meu ABC em cores: aves de A a Z.
1981 – Aventuras do ABC	1976 – Meu ABC em cores: aves de A a Z.
1982 – De Avestruz a Zebra	
1983 – Aventuras do ABC	
1984 – ABC dos coelhinhos	
1984 – O batalhão das letras	
Quadro 3 – Categorias dos abecedários: literários ou com recursos estilísticos da literatura (rimas, onomatopeias, aliterações) e enciclopédicos.	

Ressalvo, no entanto que há um outro grupo de abecedários que não se enquadra nessas classificações, pois possuem características distintas. Não apresentam nenhuma oração ou texto. Apresentam uma relação entre letra, palavra e imagem, tão somente. Quanto a esse grupo, concentro-me na análise das escolhas dos caracteres, analisando, portanto, as mediações editoriais para a impressão desses livros.

Iniciarei pelo grupo que se caracteriza por promover aproximações com impressos enciclopédicos. Dentre os abecedários que se aproximam desse caráter, passo a analisar o que se intitula “ABC de vegetais e animais” (1954). Segue uma imagem de algumas páginas para tecer os comentários acerca de seus atributos.

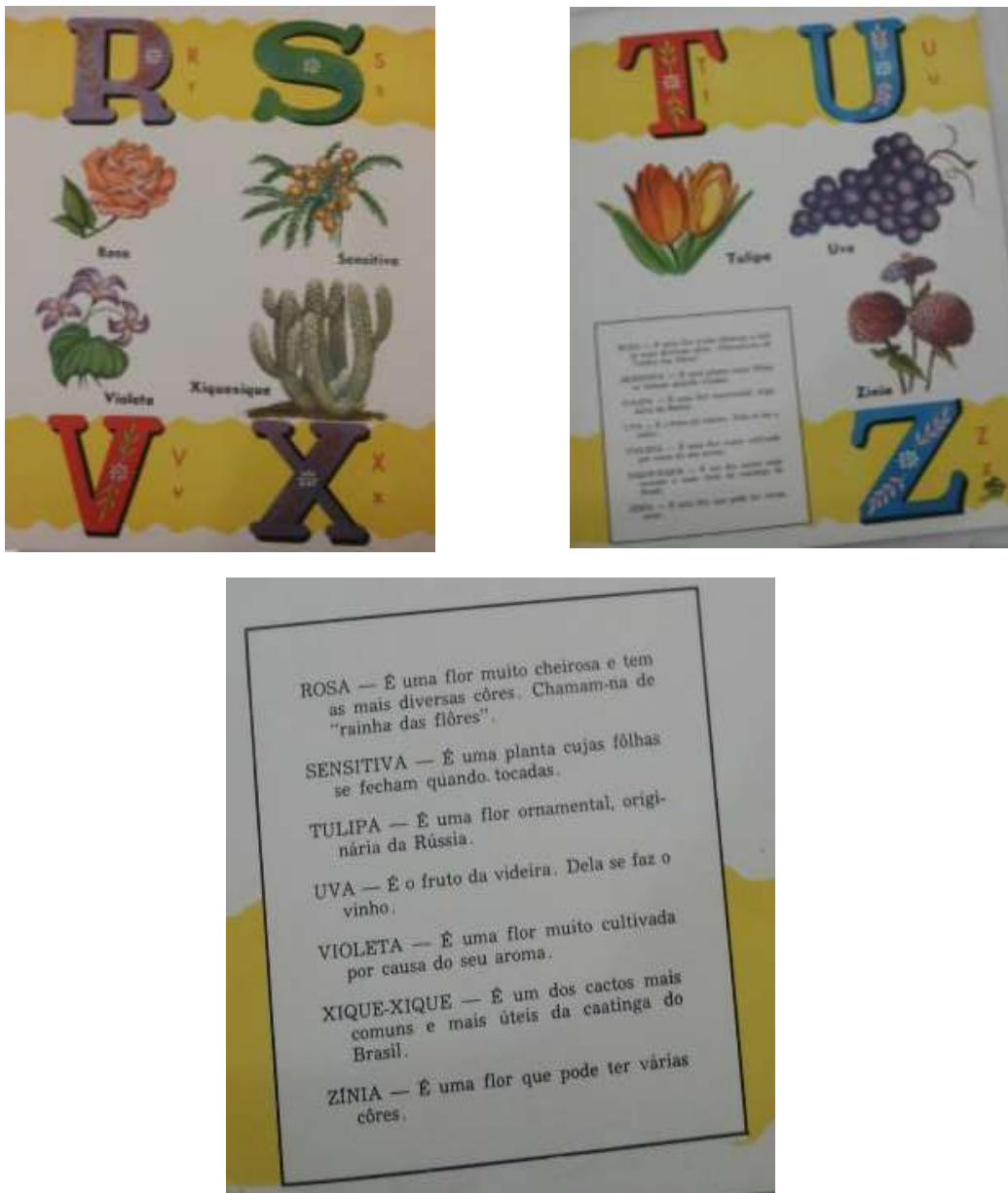


Figura 3 – “ABC dos vegetais e animais”

O abecedário faz o ordenamento das letras de A a Z, primeiro dos vegetais e depois dos animais. É interessante observar na composição das páginas, as imagens estão próximas, topograficamente, das letras e das palavras (forma

minúscula). O texto que explica as características de cada um dos vegetais é apresentado em uma moldura e em ordem alfabética. Nota-se que na caixa de texto, os nomes dos vegetais escritos estão em letra de forma maiúscula, diferente do outro modo. O leitor precisa inferir o ordenamento ou fazer a relação entre as letras para associá-las ao texto.

Dois diferentes títulos de abecedários ilustrados do conjunto analisado são da década de 70. Representam três exemplares, mas consistem em dois títulos distintos: “Meu ABC em cores: aves de A a Z” (1973 e 1976) e “Meu ABC em cores: animais de A a Z” (s/d), possivelmente da década de 70<sup>42</sup>. Possuem características que se assemelham quanto ao tipo de texto, cores, estilos de letras, etc. Segue abaixo o prefácio editorial do 1º volume:

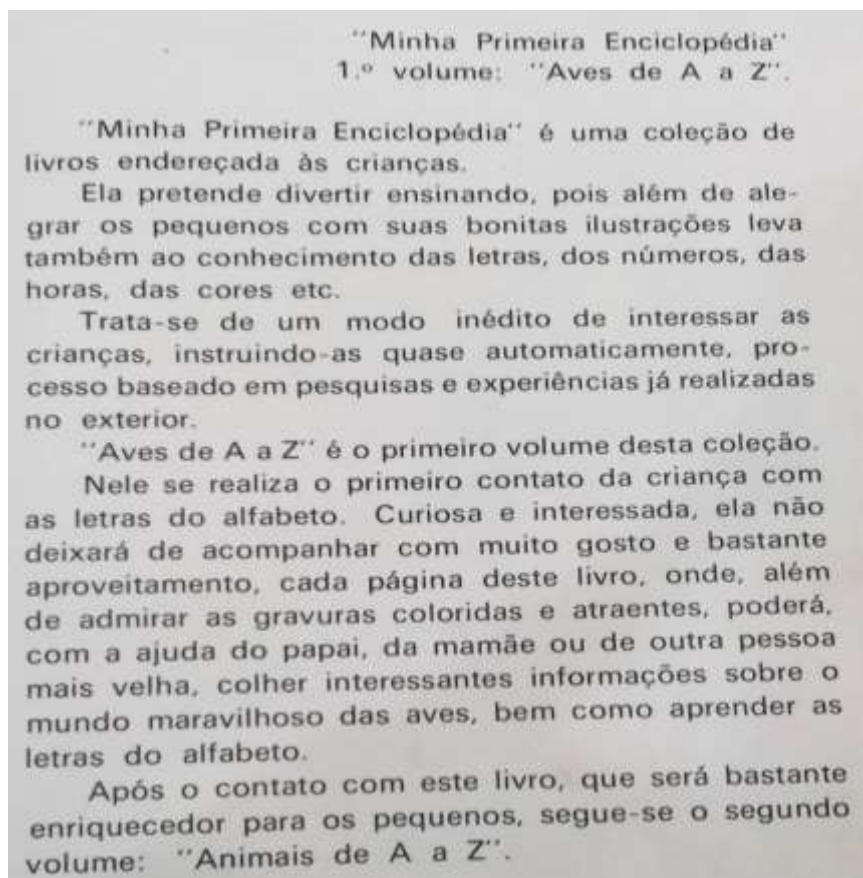


Figura 4 – Protocolo de leitura editorial

<sup>42</sup> Faz parte de uma coleção de dois volumes.

A proposta, segundo os textos do impresso, é divertir ensinando. Por isso, aposta na diversão que pode ser proporcionada pelas imagens em associação ao conhecimento das letras, cores, números, etc.

Consta, ainda, a defesa da ideia de ineditismo do material a partir de pesquisas realizadas no exterior. O material apresenta potencial para suscitar o interesse das crianças. Para elas fica reservado o conhecimento das letras e a admiração das imagens. Os pais ou adultos poderão ler as informações sobre as aves e ensinar sobre as letras do alfabeto. Repete mais uma vez a ideia da leitura tutelada por um adulto.

O leitor idealizado pelo editor é aquele que é curioso para conhecer o alfabeto e por não dominar ainda o sistema de escrita, mas espera-se que um adulto venha a ajudá-lo a ler o texto e a estabelecer relações com as letras. Sugere que as crianças conheçam também o 2º volume da coleção que se intitula “Meu ABC em cores: animais de A a Z”.

No 2º volume consta a apresentação da obra assinada pelo editor, contudo esta é mais sucinta em relação ao 1º volume.



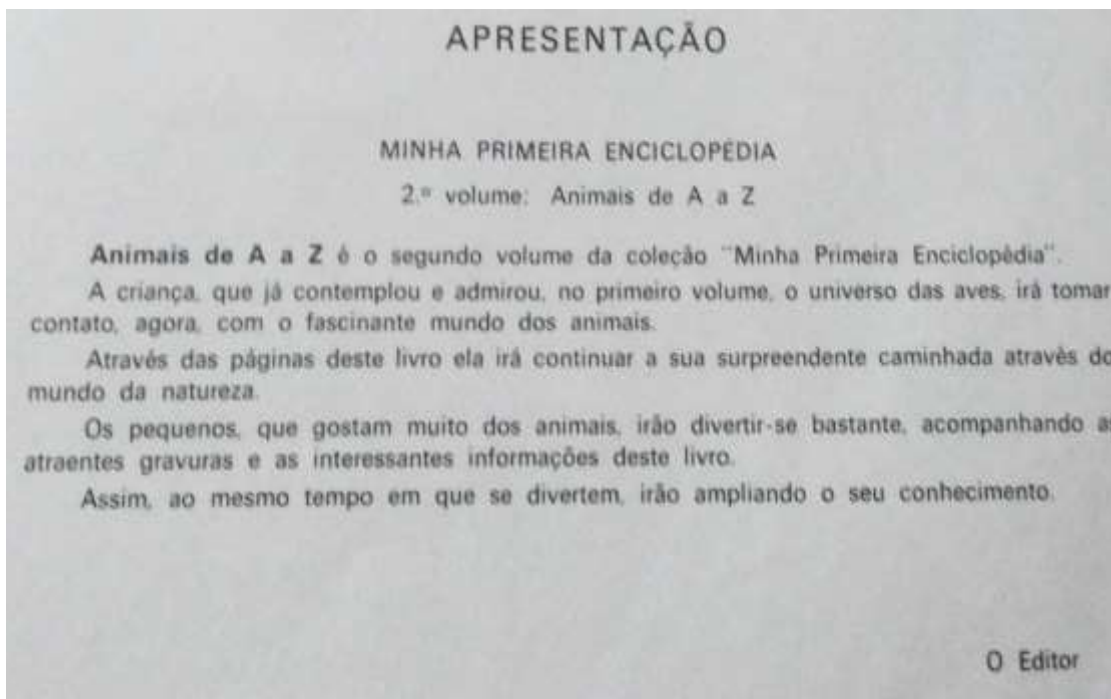


Figura 5 – Protocolo de leitura editorial

O editor parece pressupor que a criança conhece antes o primeiro volume e dispensa comentários mais detalhados como faz no primeiro. Usa a ideia de que neste livro a criança continuará a conhecer e se surpreender com a natureza e seus fenômenos. Volta a enfatizar o encanto das crianças pelas gravuras e pelas interessantes informações do livro. Trata-se, pois, de ampliar os conhecimentos brincando. Acrescenta uma imagem com seis crianças enfileiradas e cinco delas estão segurando um livro. Na frente da fila vai um gatinho.

Os dois abecedários possuem características muito semelhantes na estrutura dos textos. São pequenos e estão divididos em vários parágrafos. O título é o nome do animal, a letra inicial é em formato bastão e aparece em destaque em relação às demais e as outras também são maiúsculas, mas em tamanho menor se comparadas com a primeira. O texto narra curiosidades e características gerais dos animais.

O título dos abecedários sugere o que o leitor encontrará na leitura dos textos e na apreciação das imagens. O universo temático versa sobre animais ou aves.

No "Meu ABC em cores: animais de A a Z", a cada letra constam as ilustrações de dois animais e dois textos explicativos. O modo como alguns

animais aparece é algo curioso: desenhados de maneira mais infantil, usando acessórios como chapéus, lenços, camisas, coletes, calças, espadas, botas, laços, colares, etc.



Todos vocês já devem reconhecer este interessante animal.

É o gato caseiro.

Ele vive com o homem.

Gosta muito de brincar, dormir em lugares quentes e aprecia um bom pedaço de carne.

Há muitos tipos de gatos domésticos, como o gato angorá, o gato siamês e outros.

Além do gato doméstico, existe o gato selvagem, que vive no mato e caça para comer.

O gato selvagem é maior do que o gato doméstico.

Antigamente, no Egito, o gato era adorado como um deus.

Figura 6 – Gato

Pela observação da imagem, o leitor pode associá-la ao personagem “Gato de Botas”. No entanto, o texto nem faz referência a esse personagem dos contos infantis.

Chartier (1992), ao referir-se aos protocolos de leitura, entende que há

[...] aqueles impostos pela colocação em forma de texto, pelas estratégias de escrita e intenções do ‘autor’ [...] aqueles que resultam da manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter nada em comum com as expectativas do autor. (CHARTIER, 1992, p.220)

Parece-me que a idealização do leitor feita pelo autor é diferente daquela que o ilustrador imaginou. Enquanto o texto caracteriza-se por um conteúdo científico, se assim podemos nomeá-lo, o ilustrador traz elementos menos



realistas e mais fictícios. É possível afirmar que a série de imagens desse abecedário, pelo menos algumas delas, podem se emancipar do texto e evocar práticas diferentes daquelas da leitura.

Por outro lado, no “Meu ABC em cores: aves de A a Z”, as aves têm aspecto realístico mesmo se tratando de ilustrações e não de fotografias. Nesse abecedário, em geral, há a reprodução de duas aves ilustradas, mas somente para uma delas o texto informativo descreve características e/ou curiosidades. Pressuponho que essa diferença em relação ao outro impresso examinado ocorra porque este é nomeado pelo editor como o primeiro volume da coleção e haja expectativa de um leitor pouco habituado ao volume de texto impresso. Supostamente, ao final da leitura do primeiro volume, o leitor teria mais “preparo” para acompanhar dois textos.

Analiso, neste momento, o grupo que se caracteriza por promover aproximações com impressos literários ou que utilizam recursos estéticos da literatura. O primeiro abecedário examinado intitula-se “Pare no P de poesia” (1980).



Figura 7 – “Pare no P de poesia”



Esse abecedário assume uma característica literária na medida em que tanto os recursos estéticos adotados, quanto a variação temática das poesias, tornam sua apresentação bastante peculiar. Observa-se que a extensão do texto a ser lido e a organização espacial do título de forma não convencional pressupõem um leitor não iniciante ou uma leitura tutelada.

A partir do exemplo acima observa-se que a letra está em destaque em relação ao texto. Ela compõe as imagens ao mesmo tempo em que compõe o título da poesia “V de verde”. Os elementos verbais (neste caso a letra V) e não verbais (imagens) estão em fusão nesse abecedário.

Fazer o levantamento de suas ilustrações representou um desafio porque as imagens não estão estanques como na maioria dos demais abecedários, mas compõem um conjunto de informações, formando, de certa maneira, algumas paisagens.

Na intenção de explicitar minhas aproximações a este abecedário, realizei um mapeamento das imagens, cujo resultado consta na tabela abaixo.

<b>Tema</b>	<b>Ocorrências</b>
Pessoas	17
Animais	10
Objetos variados	9
Brinquedo	4
Paisagens	3
Partes do corpo humano	1
Construções	1
Planta	1
Quadro 4 – Universo temático das imagens “Pare no P de poesia”	

A presença das imagens não tem uma necessária vinculação com a letra e o som, como é o caso de outros abecedários. Não há uma explicação clara para a seleção das ilustrações, mas deduzo que, a partir do entendimento dos ilustradores, elas provocam a atenção das crianças uma vez que se aproximam de seus interesses, são coloridas, etc.

No abecedário “O batalhão das letras” (1984) as imagens também não estabelecem relação imediata com a letra e o som. Esse é um aspecto de semelhança entre eles, ambos são da década de 80. No entanto, no “O batalhão das letras”, as imagens formam uma espécie de narrativa que o texto, sob a

forma de quadrinhas (uma estrofe de quatro versos), busca contar. Contudo, há um protocolo de leitura (uso das letras em caixa alta) nas palavras que começam com a letra “S”, por exemplo. Esse aspecto se diferencia do abecedário “Pare no P de poesia” (1980). Pode ser uma maneira de atentar o leitor para uma coleção de palavras que iniciam com uma mesma letra.



Figura 8 – “O batalhão das letras”

“De Avestruz a Zebra” (1982), os textos também são escritos sob a forma de quadrinhas. O tema selecionado é sobre animais, como o próprio título leva a crer.

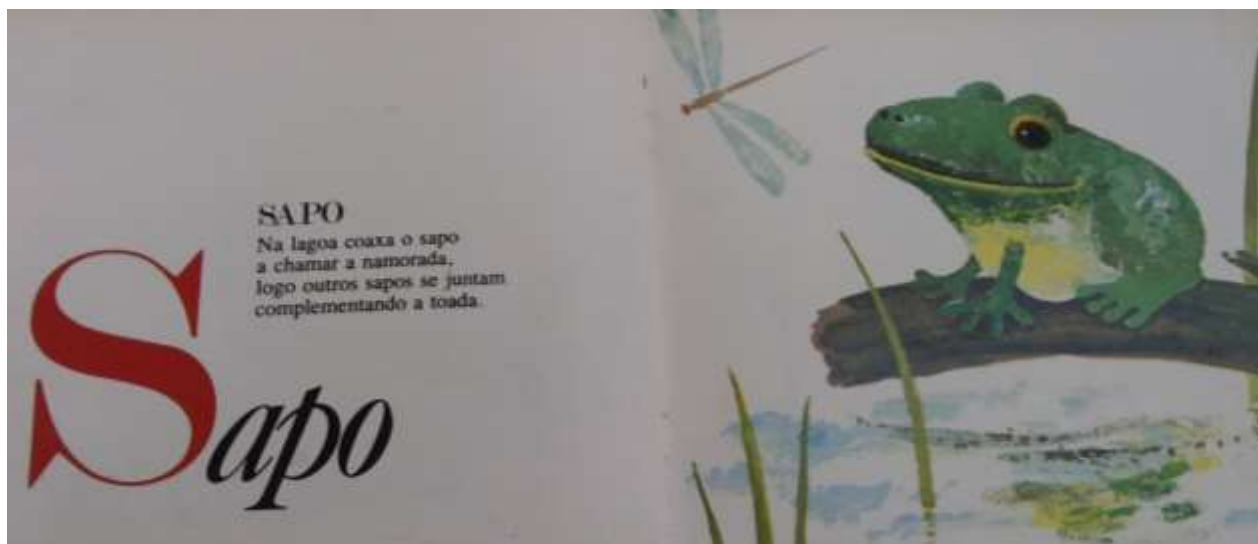


Figura 9 – “De Avestruz a Zebra”

A letra inicial em destaque, por tamanho e cor, não está topograficamente próxima da imagem. Não há o desenho de traçados de letra desvinculados da escrita da palavra.

Quanto ao abecedário “Aventuras do ABC” (1981, 1983), há aspectos que se distanciam dos demais que já foram apresentados. Uma ressalva é que embora os exemplares tenham anos de publicação diferentes, não apresentam nenhuma modificação no texto ou nas imagens que ilustram.



Figura 10 – “Aventuras do ABC”

As poesias utilizam o estilo literário em dois aspectos: as rimas e aliterações, pois estão em evidência as letras no ordenamento da página. Neste caso, as imagens ali representadas não apresentam relação entre letra e o som. Entretanto, os versos procuram descrever e comparar o formato do traçado das letras, particularidade desse abecedário. O som semelhante está destacado ao final das palavras, na última sílaba. Essa característica também pode ser apontada como um aspecto diferente de abordagem.

A partir do início da década de 1980, em decorrência de novas urgências políticas e sociais que se fizeram acompanhar de propostas de mudança na educação, havia uma questão importante a enfrentar, o fracasso da escola na alfabetização de crianças.

Na busca de soluções para essa dificuldade, iniciou no Brasil um movimento de apoio ao pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pelas pesquisadoras argentinas Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

As autoras mostraram que a aquisição das habilidades de leitura e escrita depende muito menos dos métodos utilizados do que da relação que a criança pequena possui com a cultura escrita, com a vivência dos usos da cultura escrita, ou seja, com a televisão, rádio, propagandas, embalagens, cartas, bilhetes, jogos, recursos tecnológicos da informática, todos eles que proporcionam aprendizados àqueles que iniciam a escolarização.

Ferreiro e Teberosky (1999) discordam das teses que supõem que as crianças, antes de aprenderem a ler e a escrever, precisam adquirir algumas habilidades como a lateralização espacial, a discriminação visual, a discriminação auditiva e a coordenação viso-motora. Buscam compreender, por sua vez, a gênese do conhecimento humano a partir da epistemologia genética.

O construtivismo foi uma teoria que passou a valorizar a forma como a criança desenvolve a aprendizagem em relação à escrita, entendida como um sistema de representação. O construtivismo não é um modelo pedagógico, mas uma teoria do conhecimento, que afirma poder auxiliar na ação pedagógica escolar.

Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma

“revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. (MORTATTI, 2006, p.10)

As pesquisas demonstraram, como já referi, que a criança não começa a aprender apenas quando ingressa na escola, que o contato com a linguagem escrita inicia no âmbito social e que a aprendizagem supera a interação mecânica, uma vez que a criança elabora hipóteses para compreender a escrita através da experimentação do ler e escrever.

Nas experimentações, com as intervenções pedagógicas do professor, as crianças desenvolvem escritas espontâneas, que não são consideradas “erros”, mas segundo as autoras, por meio do levantamento dessas hipóteses, a criança faz construções progressivas, ampliando seu conhecimento sobre a escrita.

Essa teoria lançou aos professores o desafio de planejar e desenvolver ações pedagógicas a partir de uma nova compreensão sobre o processo de leitura e escrita, uma alfabetização contextualizada e significativa através da adaptação didática das práticas de leitura e escrita para sala de aula, fundadas na crença de que é possível realizar a descoberta do princípio alfabético quando as crianças são expostas a situações-problema. Em outras palavras, as crianças criam hipóteses no sentido de refletir sobre a escrita sem ensino explícito sobre o sistema.

Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores — quase nunca “confessos”, mas atuantes especialmente no nível das concretizações — dos tradicionais métodos (sobretudo o misto ou eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos, engendrando-se um novo tipo de ecletismo processual e conceitual em alfabetização. (MORTATTI, 2006, p.10)

A partir do momento em que o construtivismo começou a ser estudado e discutido, ser apropriado e ser revisto em pesquisas científicas, diversos documentos orientadores do ensino, assim como da formação inicial e continuada de professores, passaram a provocar efeitos nas instituições de ensino, mas também nos materiais elaborados para as crianças.

Talvez, por esse motivo, os abecedários da década de 80 apresentam entre eles características distintas. Essa pluralidade de perspectivas pode ter sido uma repercussão de uma espécie de “desmetodização<sup>43</sup>”.

Há também um aspecto comum e importante nos abecedários da década de 80: a presença do texto como unidade linguística privilegiada, conferindo suposto sentido a cada letra do alfabeto. Tal herança, vincula-se aos métodos analíticos ainda em voga.

Dentre os abecedários que podem ser considerados literários ou que se valem dos recursos estéticos da literatura (rimas, onomatopeias, aliteraões, diminutivos, etc.), resta analisar o último deles, “ABC dos coelhinhos” (1984). Propositamente é o último a ser abordado, pois sua apresentação é peculiar.



Figura 11 – “ABC dos coelhinhos”

O abecedário utiliza o ordenamento das letras e destaca, em cor, a letra que a página aborda (recurso de aliteração). Na imagem acima, é a letra “P”. Não importa a localização da letra na palavra, onde estiver ela é posta em evidência. O leitor pode inferir de maneira indireta as relações entre grafema/fonema se ao ver/ler ou ouvir/ler houver um destaque a sonoridade da letra.

<sup>43</sup> Embora a primeira edição do livro de Ferreiro e Teberosky (1999) no Brasil, seja somente no ano de 1985, é preciso considerar a importação de modelos dos materiais didáticos de outros países e a relação dos mesmos com os sistemas educativos.

Outro aspecto é que esse é o único abecedário que utiliza fotografias como ilustrações. Os coelhos fotografados aparecem narrados pelos textos a partir de atributos humanos, como nas fábulas. O conteúdo do texto é, muitas vezes, de cunho moralizante.

Passo agora a analisar o grupo de abecedários que possui apenas imagem, letra e palavra, sem a presença de textos, orações ou sílabas. São eles:

<b>Ano</b>	<b>Título</b>
s/d	Meu ABC
196?	Meu ABC
1965	Meu ABC
s/d	ABC dos Irmãozinhos
s/d	ABC das Aves e ABC dos Animais
1954	O ABC dos animais
1962	ABC Infantil
1965 s/e	O ABC das Aves
1965 3ª ed.	O ABC das Aves
Quadro 5 – Abecedários com imagem, letra e palavra	

Esse grupo de abecedários, pelas características que apresentam, parecem se preocupar com a relação entre letra/som da palavra que ela associa, trazendo a imagem para esse campo de significação. A expectativa idealizada pelos impressores/ilustradores (porque nesse grupo não há menção a autores) parece estar pautada tão somente nas relações linguísticas (letra-palavra-imagem).

Pode ser que o leitor, a partir das palavras impressas, possa colecioná-las, criar orações ou até mesmo pequenos textos, inventar histórias orais e compartilhá-las com seus pares, etc. O leitor, inspirado nas memórias de outras leituras, nas memórias de impressos semelhantes, pode ser levado a praticar usos diferenciais do escrito.

Um livro, segundo Chartier (1999b), tem como objetivo instaurar uma ordem, seja a ordem de sua correta decifração, seja a ordem no interior da qual

ele deve ser interpretado ou ainda, a ordem desejada por quem encomendou ou autorizou sua publicação.

Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Mesmo limitadas pelas competências e convenções, essa liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram. (CHARTIER, 1999b, p.8)

A prescrição de sentido almejada pelos protocolos de leitura consta nos destaques diferenciados das letras, seja pelas cores ou pelo formato distinto dos traçados, e, sobretudo, nas imagens.

Esse material é rico para problematizar as escolhas de letras e esse movimento integra os demais abecedários da amostragem que essa dissertação examina e, por isso, para a compreensão desse fenômeno, me proponho a descrevê-lo com maior atenção.

A tabela que segue foi elaborada de modo a demonstrar os traçados de letras adotados nos abecedários, com destaque à associação de palavra escrita em respectivo traçado. Esclareço que todas as letras guardam uma relação com as imagens que as acompanham e cujo som inicia com a mesma letra, por exemplo “L” de leão.

<u>Título, ano e edição</u>	<u>Forma maiúscula</u>	<u>Forma minúscula</u>	<u>Cursiva inclinada (maiúscula e minúscula)</u>	<u>Cursiva arredondada (maiúscula e minúscula)</u>
Meu ABC, s/d, 5ª ed.	X	X	X	X
Meu ABC, 196?, 4ª ed.	X	X	X	X
Meu ABC, 1965, 12ª ed.	X	X	X Palavra	X Palavra
ABC dos irmãozinhos, s/d, s/e	X (inspiração em letras capitulares)	Somente palavra		
Meu ABC em cores: animais de A a Z, s/d, s/e	X Palavra	X Palavra		X Palavra
Meu ABC em cores: aves de A a Z, 1973, s/e	X Palavra	X Palavra		X Palavra



<u>Título, ano e edição</u>	<u>Forma maiúscula</u>	<u>Forma minúscula</u>	<u>Cursiva inclinada (maiúscula e minúscula)</u>	<u>Cursiva arredondada (maiúscula e minúscula)</u>
Meu ABC em cores: aves de A a Z, 1976, s/e	X Palavra	X Palavra		X Palavra
ABC das aves e ABC dos animais, s/d, s/e	X Palavra	X Palavra	X Palavra	
Meu ABC, 1936, s/e	X	X Palavra		X
A festa das letras, 1937, s/e	X			
ABC de vegetais e animais, 1954, s/e	X (inspiração em letras capitulares – essa recebe maior destaque e a de forma maiúscula em tamanho menor)	X Palavra		
O ABC dos animais, 1954, s/e	X Palavra	X Palavra	X Palavra	
ABC infantil, 1962, s/e	X (inspiração em letras capitulares – essa recebe maior destaque e a de forma maiúscula em tamanho menor) Palavra	X		
O ABC das aves, 1965, s/e	X Palavra	X Palavra		X Palavra
O ABC das aves, 1965, 2ª ed.	X Palavra	X Palavra		X Palavra
Pare no P de poesia, 1980, s/e	X			

<u>Título, ano e edição</u>	<u>Forma maiúscula</u>	<u>Forma minúscula</u>	<u>Cursiva inclinada (maiúscula e minúscula)</u>	<u>Cursiva arredondada (maiúscula e minúscula)</u>
Aventuras do ABC, 1981, s/e	X (no movimento do corpo do personagem palhaço)			
Aventuras do ABC, 1983, 2ª ed.	X (no movimento do corpo do personagem palhaço)			
De Avestruz a Zebra, 1982, s/e	X	Palavra		
ABC dos coelhinhos		X		
O batalhão das letras	X			X
Quadro 6 – Traçados de letras dos abecedários				

Quanto aos traçados de letras que figuram nesses abecedários, é possível afirmar que a letra recorrente em todos eles é a de forma maiúscula, exceto no “ABC dos coelhinhos” (1984) que elegeu somente os caracteres em minúsculas. A letra de forma maiúscula consta diferenciada em relação às demais e há uma diferenciação de cor frente à forma minúscula que está inscrita ao lado. Parece-me que esse traçado de letra é referência para o ensino de leitura e escrita inicial. Um exemplo desse comentário consta no “Meu ABC em cores: aves de A a Z (1973, 1976):



Figura 12 – Diferentes traçados de letras – letra de forma maiúscula em destaque

Tomando todos os vinte e um exemplares da mostra, elaborei um gráfico que expõe quantos tipos de letras os abecedários imprimem para cada ordenamento.



Quadro 7 – Quantidade de traçados de letra por exemplar

A partir do gráfico, observa-se que a maioria dos abecedários, expressa por 38% (oito abecedários), opta por representar três tipos de traçado, sendo eles a de forma maiúscula, minúscula e uma das cursivas, ou a inclinada ou a

arredondada. Essa escolha é seguida por aqueles que elegem um tipo de traçado. Dessa porcentagem de 29%, cinco deles inscrevem a letra de forma e somente um a letra de forma minúscula. Há quatro exemplares de abecedários (19%) que imprimem os quatro tipos de traçados. Por fim, restam três (14%) que usam dois tipos de letras. A letra de forma maiúscula está em todos. Em três deles, ao lado dela está a de forma minúscula e somente em um figura o traçado da letra cursiva arredondado.

A existência de uma diversidade de traçados das letras da maioria (15 abecedários), leva-me a sugerir que esses impressos, dentre outras intenções, manifestam o propósito de seu uso para a cópia e aprendizado do traçado das letras.

Talvez, a inscrição dos traçados de letra cursiva esteja presente em alguns abecedários para garantir a compreensão dessas letras consideradas manuscritas. Em outras palavras, dar legibilidade a esse tipo de letra aos leitores iniciantes que manipulam esses impressos.

Com esta argumentação torna-se possível problematizar os abecedários para o aprendizado da escrita como um exercício de cópia, típico do manuscrito. No abecedário compilado “O ABC das aves” e “O ABC dos animais” (s/d), os vestígios de leitura nele deixados apontam uma apropriação quando o leitor repetiu o traçado das letras de forma maiúscula e minúscula ali impressas de modo manuscrito, provavelmente à caneta.

A segunda imagem demonstra a tentativa do leitor em escrever o formato da letra “E” em versão minúscula. Não há vestígios deixados por esse leitor nas palavras em traçado cursivo.

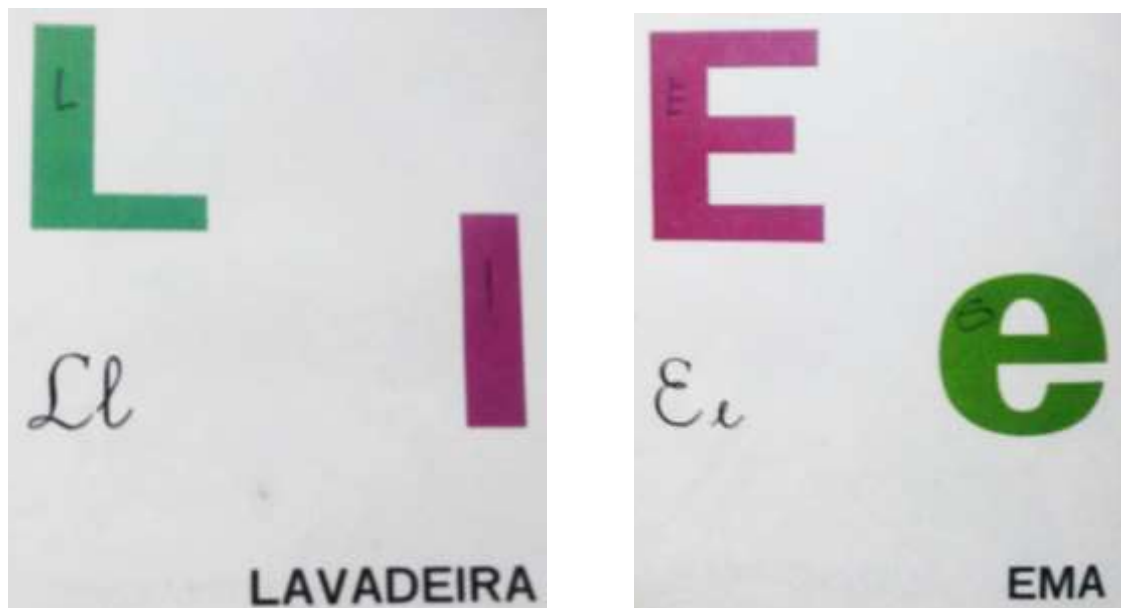





Figura 13 – Vestígios de leitura manuscrita

A partir deste postulado, é necessário pensar as maneiras de ler/escrever não apenas como decorrências do que foi esperado pelo autor ou editores que imprimiram as formas tipográfica, mas também como produções inventivas do leitor diante do texto.

Ainda quanto aos traçados das letras, observo aqueles em que a letra de forma maiúscula está impressa com estilos diferenciados. Por vezes se assemelham às letras capitulares, pois apresentam um *layout* com curvas, além de linhas internas coloridas. Do conjunto de vinte e um exemplares, três deles adotam esta forma, além desse tipo de letra se sobressair entre as demais.

Letras com inspiração nas capitulares

<u>Título, ano, edição</u>	<u>Imagem</u>
ABC dos irmãozinhos, s/d, s/e	
ABC dos vegetais e animais, 1954, s/e	
ABC infantil, 1962, s/e	
Quadro 8 – Letras com inspiração nas capitulares	

A inexistência de informações acerca da escolha por esses formatos leva a inferir que sua presença se pauta como um ornamento gráfico. Pode servir de exemplo aos leitores e desencadear cópias, novas criações, ou mesmo uma coleção delas.

Daqui em diante examino o abecedário “A festa das letras” (1937) de Cecília Meirelles e Josué de Castro e em seguida, “Meu ABC<sup>44</sup>” (1936) de Erico Veríssimo.

No tocante às intenções explícitas, o impresso “A festa das Letras” (1937) apresenta um prefácio dos editores.

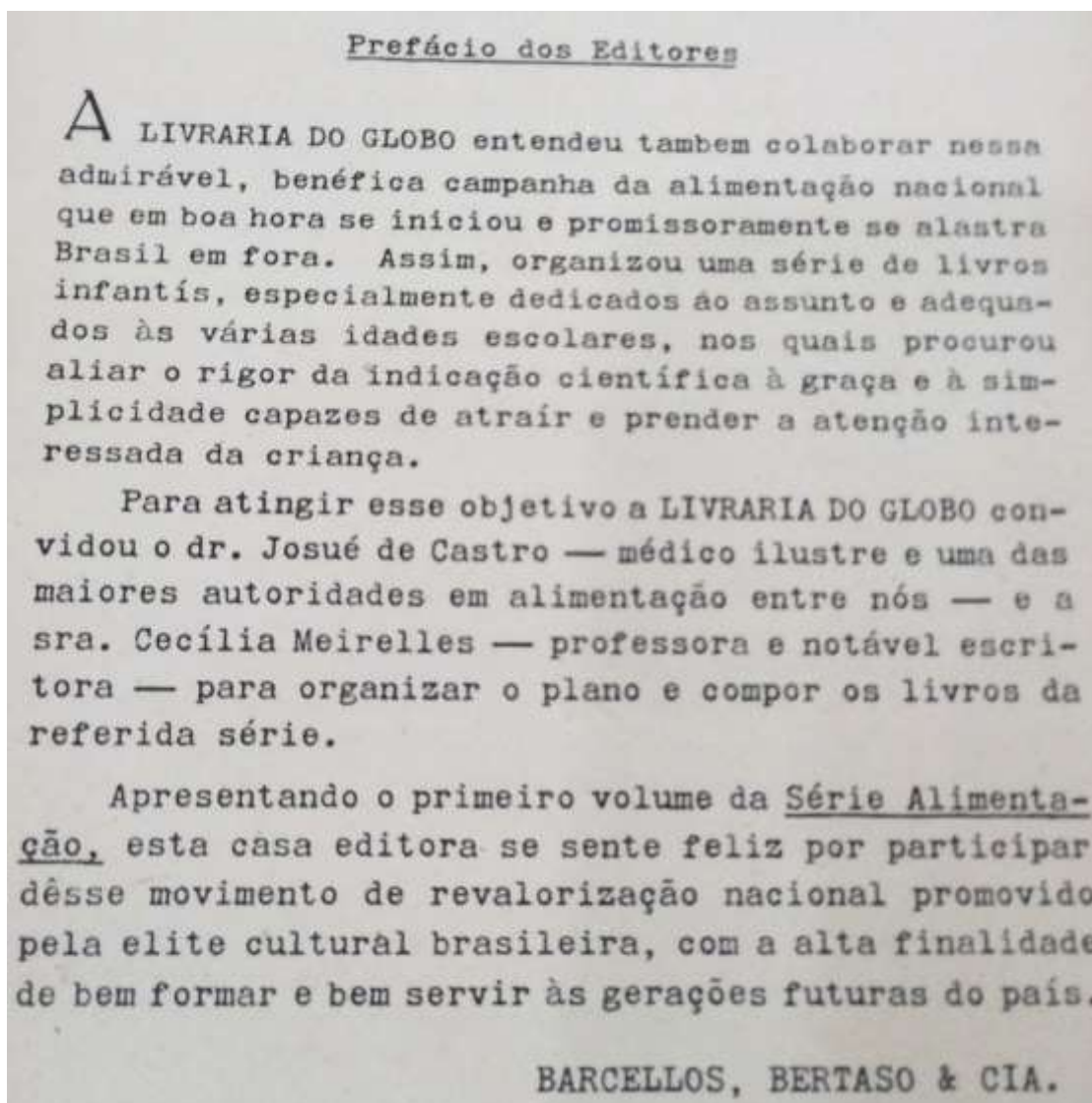


Figura 14 – Prefácio dos editores - “A festa das letras”

O prefácio deixa claro, inicialmente, que a temática da alimentação era uma preocupação nacional e a intenção da Livraria do Globo era poder contribuir com

<sup>44</sup> ROSA, Cristina Maria. Onde está meu ABC de Erico Veríssimo?: notas sobre um livro desaparecido. Pelotas: Editora da UFPEL, 2013. Evoco a referência desta obra uma vez em que ela dedica-se a analisar exclusivamente o abecedário “Meu ABC” (1936).

livros infantis que se dedicassem ao assunto, ou seja, adequar os livros a essa temática e para diferentes idades escolares. Outra característica marcante é a necessidade de associar uma “voz autorizada” da medicina de modo a integrar a composição do texto, o rigor científico e o tema selecionado. Ao mesmo tempo, argumenta a importância das contribuições de Cecília Meirelles, que além de professora era escritora. Sua presença garantia a atenção e interesse à leitura por parte do público infantil.

De acordo com Santos e Oliva (2004), entre os séculos XIX e XX observa-se a constituição de parcerias comuns na criação literária nacional, ou seja, em várias composições escritas, profissionais de áreas diferentes se reuniam para criar textos que se tornavam livros de leitura voltados a diversos públicos. Pode-se destacar, por exemplo, as parcerias entre Olavo Bilac com Manuel Bomfim na publicação de três obras, a saber: o Livro de composição em 1899, o Livro de Leitura em 1901 e Através do Brasil em 1910. Olavo Bilac juntamente com Coelho Neto, em 1909, escreveram Pátria brasileira. Essa última parceria rendeu a publicação de livros no gênero infantil, que reverberaram em grande reconhecimento. Integram-se também, ao grupo de livros de uma linha utilitarista, nacionalista e de amor à pátria e aos deveres cívicos.

Que motivos poderiam ter levado à parceria entre Cecília Meirelles e Josué de Castro?

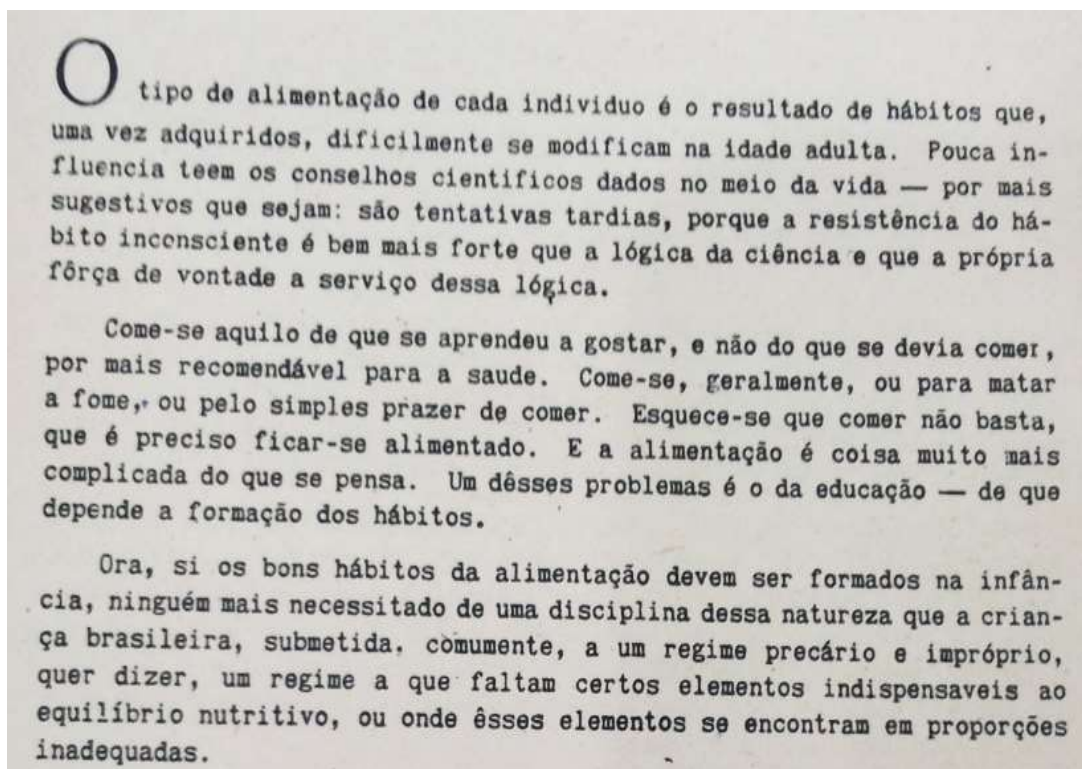
Conforme Acuña e Cruz (2003, p.117) a política de alimentação no Brasil até a década de 30 “limitou-se ao âmbito do abastecimento e da fiscalização de alimentos, com a criação, em 1918, da ‘Comissão de Alimentação Pública’, para atender à ‘crise de carestia’ agravada pela Primeira Guerra Mundial”. Segundo os autores, foi nesse contexto que destacou-se Josué de Castro, médico pernambucano que dedicou parte de sua vida pesquisando sobre os problemas alimentares. Na década de 30 ele tomou a questão da alimentação como responsabilidade do Estado e realizou enquetes junto a população a fim de avaliar as condições alimentares nas diferentes regiões do país. Os resultados por ele apresentados desencadearam, nas autoridades governamentais, a necessidade de intervenções nas questões relacionadas à alimentação e à nutrição.

Depois de visibilizar o modo como o tema da alimentação estava sendo abordado, tratado e discutido no país, pode-se observar que problematizar a



respeito da alimentação se configurava como uma emergência. Neste caso, o faro editorial compreendendo a situação vislumbrou um nicho de mercado a ser explorado.

A composição do livro apresenta diversos alimentos, prescrições de higiene e hábitos de vida saudável e cada letra do alfabeto traz informações específicas a respeito desses assuntos. O lançamento da obra foi em 1937 pela Livraria do Globo. Foi reeditada em 1996, pela editora Nova Fronteira, dentre outras reedições. O livro foi mantido de forma integral, seja pela autoria do texto ou pela autoria das imagens de J. Fahrion. Este impresso conta também com uma nota dos autores, que enfatizam o hábito de uma boa alimentação a ser iniciado desde a infância, daí porque o livro torna-se um espaço educativo propício para essa formação. Os autores explicitam que desejam, com a obra, evitar “a sintonia das recomendações didáticas, a antipatia dos conselhos e a austeridade dos princípios científicos (MEIRELLES; CASTRO, 1937, s/p).



Esses defeitos, verificados na alimentação infantil, em casa e na escola, são tanto mais para lamentar quando, precisamente nessa idade é que o organismo exige maior fornecimento de matéria e energia para o seu pleno desenvolvimento.

As estatísticas, e as observações dos especialistas têm demonstrado que esses defeitos de alimentação mantêm as crianças brasileiras num permanente estado de desnutrição, predispondo-as a um grande número de doenças e sendo ainda os responsáveis pela elevada percentagem da mortalidade infantil no nosso meio.

Os livros da serie ALIMENTAÇÃO, que com êste volume se inicia, têm por objetivo criar e cultivar os bons hábitos alimentares na criança, em suas várias fases de desenvolvimento. Neste primeiro volume, procurou-se apenas apresentar à criança os elementos essenciais, imprescindíveis a uma alimentação completa e harmônica, estimulando-lhe a simpatia por

certos alimentos insubstituíveis, com os quais ela não se encontra, em geral, familiarizada, ou pelos quais, em virtude de hábitos dominantes, não se acentua, como era de desejar, a sua preferência. Exatamente êsses elementos que, como o leite, os legumes frescos e as frutas, p. ex., por seu valor nutritivo absoluto tornam recomendável qualquer tipo de alimentação.

De acôrdo com êsse critério, foram excluídos os alimentos de valor secundário, cuja ausência num regime alimentar equilibrado em seu conjunto, não acarreta maiores prejuízos. Tal razão científica dissipa a estranheza que pudesse causar, no leitor desprevenido, a falta de determinados alimentos que predominam nos regimes habituais.

Uma propaganda dessa natureza, junto à criança, exige, para dar bons resultados, ser feita de maneira acessível, aproveitando o interesse infantil nas suas várias modalidades. Evitando quanto possível a monotonia das recomendações didáticas, a antipatia dos conselhos e a austeridade dos princípios científicos, procurou-se dar a êste livro uma feição sugestiva e suave, com êsse espírito recreativo que anima a infância, tão rica de imaginação e de ritmo.

"A Festa das Letras" procura ser um pretêsto agradável para fazer chegar às crianças, revestidos de certo encantamento, êsses primeiros preceitos de higiene alimentar, indispensáveis à sua vida.

OS AUTORES.

Figura 15 – Prefácio dos autores - "A festa das letras"

Os autores pretendem, a partir do livro, demonstrar hábitos saudáveis de modo sugestivo e com suavidade, por isso o estilo literário parece ser um meio de que se valeram. O texto é poético, ao mesmo tempo que possui tons de moralidade. Esse pode ser o modo que encontraram para evitar um tipo de texto

prescritivo, enfadonho e com linguagem científica. A proposta de texto convida o leitor a conhecer o mundo da alimentação saudável fazendo um jogo de palavras em meio a imagens divertidas que acabam por compor as páginas.

Conforme Coelho (1991) e Zilberman (2001), os abecedários são modelos literários que foram amplamente utilizados por escritores brasileiros. No mesmo período da publicação da obra “A festa das letras”, Erico Veríssimo publica pela Livraria do Globo o “Meu ABC”. Já em 1939, o mesmo autor lança “Aventuras no mundo da higiene”. Infere-se que, nesse momento histórico, há uma preocupação voltada a duas questões centrais, a alfabetização e os aspectos associados à higiene como parte do movimento de nacionalização.

Nas décadas de 1920 a 1940 a literatura infantil nutriu o viés utilitarista e no período de 1930, segundo Coelho (1991), está posta em proeminência uma certa incompatibilidade entre realismo e fantasia. O que pode ter produzido tal incompatibilidade é a propagação de diferentes concepções pedagógicas, de estudos psicológicos, sociológicos e por meio das políticas de reformas educacionais que os estados estabeleciam.

[...] por um lado, a necessidade de se conhecer a realidade de nosso país, de nosso governo, do caráter do brasileiro e de sua verdadeira natureza; por outro lado, o confronto entre o ensino leigo e ensino religioso. Tais divergências levam certos setores educacionais a se colocarem contra a Fantasia na Literatura Infantil e a exigirem, em seu lugar, a Verdade, o Realismo. (COELHO, 1991, p.242)

Em “A festa das letras”, os autores parecem pretender uma maior visibilidade à dimensão realista visto que desde o uso da linguagem e sua significação, procuram desenvolver a temática da alimentação de maneira concisa, objetiva, o que acaba por demonstrar um cerceamento do sentido, por meio do dispositivo textual.

Observa-se no poema referente à letra “E”:



Figura 16 – Poema da letra “E” - “A festa das letras”

Cecília Meirelles e Josué de Castro utilizam um jogo rimado de palavras a fim de conferir ao texto um caráter de ludicidade e até a possibilidade de facilitar a memorização. Para Marly Amarilha (1997), contudo, essa estratégia não confere ao texto o *status* de produção literária. Pode-se considerar que eles estabelecem uma brincadeira com as palavras, todavia não o fazem no tocante ao tema do texto. “A significação do texto está limitada pela mensagem de ‘saúde’ que deve ser veiculada”. Em outras palavras, Cecília Meirelles e Josué de Castro organizam o poema de modo a “[...] transmitir uma informação precisa. Embora o resultado seja agradável, esse texto não é literatura” (AMARILHA, 2001, p.47).

O abecedário segue, rigorosamente, a ordem do alfabeto e procura dar destaque ao caractere, que por vezes, aparece repetidamente na página, como a imagem a seguir demonstra. Além dessas características, observa-se que todas as vezes que uma palavra inicia com a letra correspondente ao ordenamento, esta é destacada. Tal destaque pode ser entendido como uma aliteração, ou seja, um recurso estético que a editoração lança mão. Pode-se

inferir, por outro lado, que a letra “A” em evidência constitui também uma estratégia didática para chamar a atenção do leitor às diversas palavras que iniciam com a mesma letra, ou seja, um modo de repertoriar a associação letra/som.

Para refletir sobre esses aspectos e articulá-los aos métodos de alfabetização, evoco Mortatti (2000). A autora divide os sentidos ofertados à alfabetização no Brasil em quatro grandes momentos. Um deles é aquele da oficialização dos métodos intuitivos e analíticos. As disputas que aconteceram nesse período fundam outra tradição: o ensino da leitura abrange inevitavelmente as questões didáticas e o como ensinar está em pauta a partir das habilidades motoras, visuais e auditivas da criança. Portanto, a ordem didática subsidia as questões de ordem psicológica infantil.

No período da década de 30, segundo Mortatti (2000), os métodos intuitivo e analítico foram postos em uso de distintas maneiras, seja através de palavras, frases ou historietas. No contexto do método analítico havia uma disputa entre os defensores da palavração e os defensores das historietas. Ambos opunham-se ao método sintético e valeram-se de dois argumentos dessa teoria para criticá-la: aquele que deixava de lado o sentido do que era aprendido, e o outro que supunha que a criança não reconheceria uma palavra sem antes reconhecer sua unidade mínima.

O método analítico ao romper com o processo de decifração proposto pelo método sintético (conhecimento da parte para o todo, ou seja, da letra – menor unidade da língua, para o texto – maior unidade da língua) propôs formas de trabalho que priorizavam a análise e compreensão, defendendo a inteireza do fenômeno da língua e do processo de percepção infantil. Seu ensino tinha como unidade de análise a palavra, ou a frase e/ou o texto adotando, como estratégia inicial, a compreensão global para posterior análise das unidades menores. Alguns autores argumentavam que era dessa maneira que uma criança aprendia a falar, portanto deveria ser da mesma forma que deveria aprender a ler e escrever. Em outras palavras, o aprendizado deveria partir do todo (textos/historietas, sentenças, palavras) decompondo-o, mais tarde, em unidades menores (sílabas, letras). Para eles, era indispensável ressaltar a importância que a criança tem de ler e não decifrar o que está escrito.

O método analítico se caracteriza da seguinte maneira: a palavração é o estudo das palavras. Não há necessidade de decompô-las imediatamente em sílabas tal como quando as crianças conhecem determinadas palavras pelo significado, é proposto que componham pequenos textos; a sentencição propõe-se que se formem as orações. Depois de criada uma oração, ela seria decomposta em palavras, depois em sílabas; o conto tem como ideia principal fazer com que a criança compreenda que ler é desvendar o que está escrito. As modalidades anteriores tinham a pretensão em decompor pequenas histórias em partes cada vez menores: sentenças, palavras, sílabas e letras.

A intenção nesta dissertação foi demonstrar, a partir de Mortatti (2000), quais disputas por métodos de alfabetização estavam ocorrendo na época em que acontece a publicação da obra “A festa das letras”.

O recurso gráfico de ressaltar em negrito a letra inicial das palavras estaria pautado na perspectiva do método analítico e/ou intuitivo, na medida em que vai listando palavras que iniciam com a mesma letra? A partir dessa listagem de palavras, o leitor poderia formar sentenças e depois, quem sabe, um pequeno texto? Ou esse recurso não levou em consideração uma escolha de método ou uma questão própria da língua e associa-se simplesmente ao processo de soletração?

Sabe-se que o processo de soletração era muito praticado por meio dos abecedários. Anne-Marie Chartier (2004) discorre a respeito dessa prática que o abecedário dissemina, e abordei esse mesmo aspecto mais detidamente no capítulo 3. O abecedário, segundo a autora, podia ser utilizado por leitores de diferentes maneiras (ser lido individualmente ou coletivamente, silenciosamente ou de modo oralizado, alguém lê e outro(s) escuta(m), extensivamente ou intensivamente). Penso que a mediação editorial na faceta dos recursos gráficos, poderá permitir múltiplos sentidos ao que se lê.

O dispositivo textual que aqui foi mencionado se associa ao figurativo, um completa o outro. A imagem se constitui em um “lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história [...], que fornece o sentido global do texto, que uma leitura contínua e vagabunda poderia perder” (CHARTIER, 1998a, p.16).





Figura 17 – Poema da letra “A” - “A festa das letras”

É preciso destacar o quanto as imagens parecem dar movimento ao texto e ele, por sua vez, demonstra a intenção de estabelecer diálogo com o interlocutor por intermédio da fala da letra, neste caso a letra “A”. Esse movimento ocorre de modo subsequente com as demais letras e uma dialoga com a outra, dando coerência e coesão ao texto. Esse parece ser o modo de que os autores se valeram para cativar o leitor e, ao mesmo tempo, produzir maior eficácia de sentido e de interpretação correta do texto.

O abecedário traria esclarecimentos a respeito das escolhas realizadas para o uso dos recursos imagéticos? Para esse abecedário, em especial, pode-se fazer uma inferência das escolhas de imagens uma vez que tanto no prefácio dos editores quanto na nota dos autores o tema a ser abordado está evidente. Essa constatação leva a supor que o tema elegido desencadeou tanto a escrita do texto quanto a escolha das imagens.

O tema central é a alimentação, contudo aparecem outros elementos figurativos ao longo do abecedário. A partir de um levantamento das imagens e a devida tabulação delas o resultado, em ordem crescente das ocorrências.

<b>Tema</b>	<b>Ocorrências</b>
Pessoas (crianças e adultos vinculados a alguma atividade: se alimentando, fazendo exercícios, passeando com animais, etc.)	109
Vegetais	57
Utensílios domésticos	9
Derivados do leite	8
Instrumentos musicais	8
Proteínas	7
Animais	7
Carboidrato	3
Objetos de higiene pessoal	2
Elementos da natureza	2
Paisagens	2
Suco	2
Doce	2
Sal	1
Medicamento	1
Números	1
Brinquedo	1
Quadro 9 – Universo temático das imagens “A festa das letras”	

A partir da página do abecedário reproduzida acima (figura 17), é possível observar que em uma mesma página há muitos elementos desenhados, em geral de pequeno tamanho e coloridos. Dentre os itens dos desenhos listados, sete deles não têm relação imediata com o tema, mas vinculam-se de modo indireto.



O abecedário “Meu ABC<sup>45</sup>” (1936) de Érico Veríssimo, foi publicado em tempo próximo ao de Cecília Meirelles e Josué de Castro (1937) e há questões que podem ser abordadas de modo semelhante ao que foi feito até o presente momento.

Retomando as contribuições de Mortatti (2000) para pensar a relação dos métodos com a abordagem dos abecedários, trago uma imagem de uma das páginas do livro.



Figura 18 – “Meu ABC” – gato

É possível observar que o texto se assemelha a uma historieta e na leitura da íntegra percebe-se que há uma sequência de sentenças e em cada uma delas as palavras gato, gata ou gatinhos comparecem. Pode-se considerar que esse tipo de texto é um gênero de época, no caso da década de 30. O autor não se preocupa com as rimas. A imagem, no entanto, assume uma parceria

<sup>45</sup> O “Meu ABC” (1936) pode ser considerado um abecedário ilustrado com o propósito didático de ensino e aprendizado das letras, uma vez que estabelece relações grafema/fonema associadas à imagem, texto e diferentes grafias de letras.

indissociável com o texto, pois Veríssimo descreve-a com detalhes e por vezes faz questão de mencioná-la no texto, citando, inclusive, o ilustrador.

Além desse aspecto, nota-se que o texto dialoga com a imagem e há uma preocupação em fornecer informações baseadas no realismo. A fantasia, as invencionices e a ficção não fazem parte dos textos que compõem este abecedário.

Na sequência, é possível observar que o autor procura apontar explicações de cunho científico para desmistificar crenças populares. Veríssimo afirma que o povo acredita que vê, na Lua, São Jorge dominando um dragão, mas na verdade o que se vê são os vales profundos presentes na superfície dela.



Figura 19 – “Meu ABC” – lua

Conforme Bastos (2013), a lição de coisas é um procedimento de ensino e se configura como uma das aplicações do método intuitivo, não seria propriamente uma disciplina, contudo deve se fazer presente em todas as atividades de ensino durante o período escolar. A justificativa se pauta na ideia de que a lição de coisas abrange tudo que alude à vida e aos fenômenos da natureza. Por isso precisa ser exposto desde o início e comparecer até o fim de

todos os estudos experimentais, como lições de observação, de informação, de palavras.

Para o método intuitivo, segundo Bastos (2013), as ilustrações assumem relevância já que elas podem desencadear a observação de elementos a partir de uma relação concreta. O público alvo desse abecedário são crianças que frequentam os jardins de infância ou o primário e, para essa faixa etária, o senso de observação e realismo seria considerado fundamental.

Para Davallon (1999, p.28), a imagem enquanto produção cultural, que atua como uma “estratégia de comunicação”, é um operador de simbolização. De acordo com Martelli (2003), a imagem afere ao quadro da história a força da lembrança, registrando a relação entre aquilo que é subjetivo, mas também faz parte do coletivo e do social. Desse modo, as imagens congelam uma liturgia do âmbito escolar e educacional de um tempo específico. A leitura iconográfica, como atividade educacional, amplia a visão crítica, ensinando a observar o mundo e a organizar a experiência, produzindo, então, sentido às imagens.

Ao empreender um levantamento das imagens que figuram no abecedário Meu ABC (1965), pude observar que os elementos selecionados estão relacionados ao cotidiano da criança. Os animais aparecem no topo da lista.

<b>Tema</b>	<b>Ocorrências</b>
Animais	13
Meios de transporte	3
Instrumento musical	2
Brinquedo	1
Ser mitológico	1
Índio	1
Profissão	1
Elementos da natureza	1
Objetos variados	1
Jogo	1
Quadro 10 – Universo temático das imagens “Meu ABC”	

Contudo, há a presença de um ser mitológico, o dragão. Seria uma possibilidade de trazer aspectos da fantasia sem estabelecer relação com a realidade?



Figura 20 – “Meu ABC” – dragão

Inicialmente o autor faz a descrição do dragão baseado no modo como ele aparece na imagem. Em seguida, conta que esse personagem só aparece nas histórias de fadas e por isso ninguém precisa sentir medo dele. Narra mais uma vez o que a imagem mostra, a presença de um cavaleiro e de uma fada. O cavaleiro estaria procurando uma aventura, mas nem ele acredita que o dragão exista. É possível ressaltar que embora haja a presença de um personagem que poderia envolver a ficção, Veríssimo traz aspectos de realidade para a sua existência.

As imagens do abecedário estão localizadas topograficamente ao lado do texto, e segundo Chartier (1998), o seu significado e papel dependem do local onde estão impressas. Se as imagens estivessem distantes do texto, por exemplo, o leitor precisaria estabelecer uma abstração para compreender a relação que liga o texto à imagem. A possibilidade da imagem estar tão próxima ao texto, sublinha a função dela no objeto impresso.

O abecedário apresenta, em umas das primeiras páginas do abecedário, o personagem chamado Nanquinote<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> Nanquinote é um pseudônimo de Erico Veríssimo, logo essa apresentação e autoria do texto é dele.



Figura 21 – Protocolo de leitura autoral

Um personagem fictício é apresentado às crianças, o Nanquinote. O texto dá pistas de que ele teria supostamente sido rabiscado com nanquim por alguém e, de modo surpreendente, teria saído do papel para viver muitas aventuras. Há uma caracterização desse personagem e o modo como ele faz as viagens incríveis. O Nanquinote é apresentado como amigo das crianças e que guarda muitas surpresas. Consta a narrativa de que o heroico personagem teria resolvido criar uma biblioteca para as crianças e colocou nessa coleção de livros seu próprio nome. O livro "Meu ABC" faz parte da "Biblioteca de Nanquinote" e muitos outros também. Segundo o personagem, os livros dessa coleção são interessantes e contém figuras bonitas e coloridas. Esse parece ser um meio de chamar a atenção do público às obras da coleção. No final, uma mensagem: as crianças devem guardar o nome: NANQUINOTE. Usa-se as letras em caixa alta para chamar a atenção do leitor.

Depois dessa página de apresentação do personagem, segue-se a página da folha de rosto.



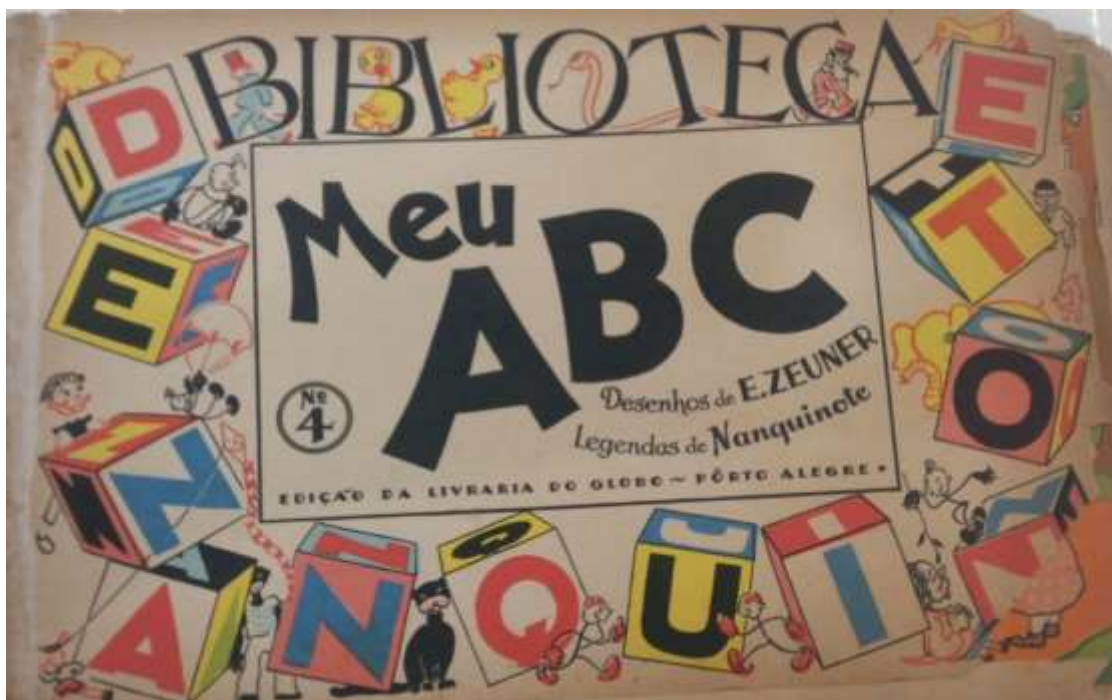


Figura 22 – Folha de rosto do “Meu ABC”

Vê-se que o ilustrador é apresentado, as legendas supostamente de autoria de Nanquinote e a edição sob a responsabilidade da Livraria do Globo. Dois aspectos chamam atenção. O primeiro deles é que o texto é tomado como legenda. De acordo com o dicionário Michaelis<sup>47</sup>, legenda é um “pequeno texto, geralmente descritivo ou explicativo, que se coloca logo abaixo das ilustrações ou fotografias a que se refere”. Pelas análises já demonstradas, é possível apreender que o texto acaba por se assemelhar a uma legenda, na medida em que procura descrever a imagem, e vice-versa, um cercando a atribuição de sentido do outro.

Ao final da leitura do abecedário, o leitor encontra comentários do editor que faz propagandas dos livros publicados pela Livraria do Globo. É estrategicamente posicionado a fim de suscitar o desejo de novas e outras aquisições.

A imagem, aqui, de algum modo também tem um caráter de legenda uma vez que a narração descreve que os cinco irmãos leem livros de coleções diferentes. Supõe uma leitura silenciosa, ao mesmo tempo podendo ser compartilhada entre irmãos, o que sugere as sociabilidades das práticas de

<sup>47</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>

leitura. O lugar da leitura é na intimidade, parece ser um quarto. O mobiliário apoia os livros, mas também os corpos. Os personagens estão mergulhados na leitura enquanto uma menina mostra-se entretida com um cão e o livro.

O curioso na descrição é que há uma especificidade do tipo de coleção para cada faixa etária. Além disso, há também uma distinção de gênero. Livros que as meninas leem.

Mais uma vez há um apelo voltado às imagens coloridas associadas a histórias interessantes. A nota editorial sugere que as crianças precisam pedir aos pais os livros da Livraria do Globo. Na página seguinte são sugeridos outros títulos que servem como uma indicação.



## O mundo das maravilhas

O mundo das maravilhas é o mundo dos livros.

Vejam esta figura... Cinco irmãos, num dia de chuva, estão se divertindo com os livros do Globo. O mais velho lê os romances de aventuras da Coleção Universo. Os mais moços lêem os livros da "Biblioteca de Nanquinote" e as meninas se deliciam com as aventuras de Heidi e de Alice, na Terra das Maravilhas.

Todos os meninos e meninas devem pedir a seus pais os belos livros de histórias que a Livraria do Globo publica. Todos trazem figuras coloridas! Todos são agradáveis de ler!

Vejam a lista que está no outro lado desta página...



Figura 23 – Protocolo de leitura editorial



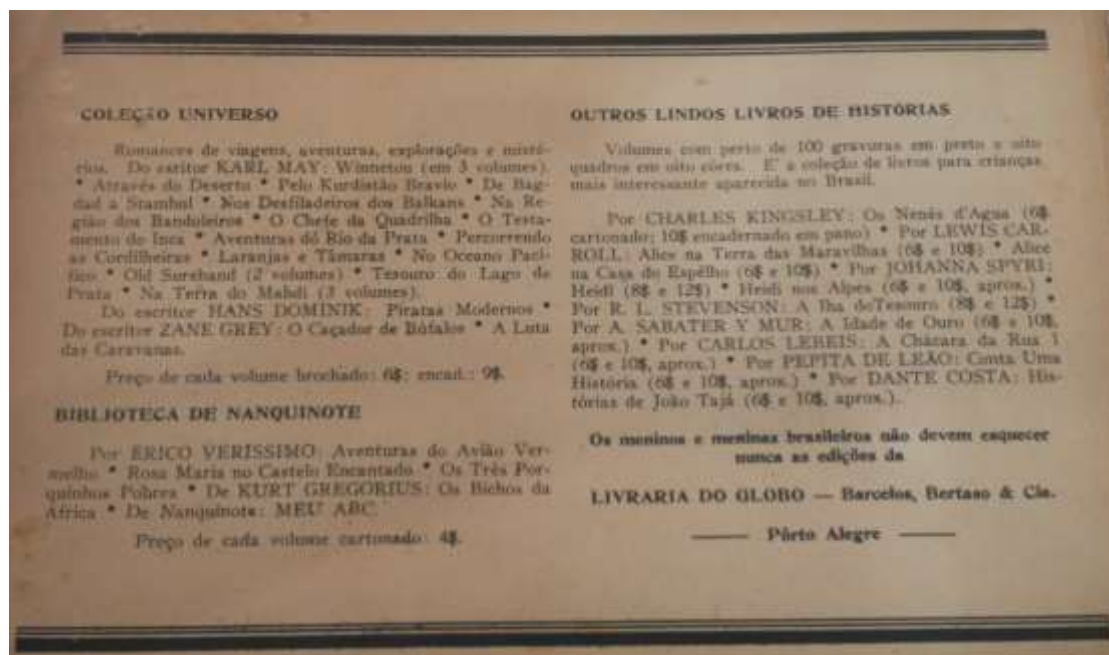


Figura 24 – Protocolo de leitura editorial

A propaganda que a editora promove em seus livros é com muitos adjetivos: lindos, bonitos, interessantes, coloridos, engraçadíssimos, etc.

Neste capítulo, a partir da relação triangular proposta por Chartier – suporte, texto e leitura – analisei o interior dos abecedários obtendo como foco de atenção os protocolos de leitura autoral e editorial, identificando, portanto, algumas possibilidades de sentido atribuídas ao texto lido.

**AS LETRAS. SEM ELAS, SOMADAS, NÃO PODERÍAMOS DIZER NADA.  
COM ELAS, PODEMOS DIZER QUASE TUDO<sup>48</sup>... TECENDO ALGUMAS  
CONSIDERAÇÕES**



**A** temática desenvolvida nesta dissertação consistiu em um estudo sobre abecedários, no contexto da história da cultura escrita com contributo à história da educação e da alfabetização no Brasil do século XX.

Para tanto, a análise apoiou-se no tripé suporte-texto-leitura. Esses eixos conduziram a investigação, que se preocupou em caracterizar a materialidade do suporte de um conjunto de abecedários ilustrados. Segundo o autor de referência, Roger Chartier (1992), isso consiste em caracterizar o objeto impresso, seus textos e suas possíveis leituras e apropriações. O pressuposto é que as relações incessantes entre esses três pólos de um mesmo fenômeno produzem efeitos múltiplos de sentido, seja pelas formas que materializam, seja pelos textos e seus usos.

Esta dissertação concentrou sua atenção sobretudo no suporte dos abecedários ilustrados e considerou que este encontra-se num jogo decisivo com os textos, imagens, e assim também de maneira recíproca entre eles, o que

---

<sup>48</sup> Essas palavras são de Luis Fernando Veríssimo em crônica intitulada: "Alfabeto do baú", publicada por Zero Hora (Porto Alegre, RS, s/d).

constitui o contexto de atribuição de sentidos pelos leitores, sobretudo crianças no aprendizado inicial da leitura e escrita diante do que lhes é ofertado a ler. Em outras palavras, a observação e compreensão das particularidades e composição dos abecedários ilustrados possibilita demonstrar que é por meio do suporte que o texto chega ao leitor e este, por sua vez, o lê e atribui sentidos.

A pesquisa, portanto, se propôs a historicizar os abecedários em sua materialidade, entendendo que esta não existe em qualquer sociedade, mas naquelas em que as letras e suas combinações, ou seja, o código escrito passou a assumir uma centralidade e, por isso, podemos considerá-las como sociedades grafocêntricas. Tal episódio, então, acabou por constituir diversas experiências culturais em torno da escrita, abrangendo os sujeitos nela inseridos, dentro e fora do contexto escolar.

A circulação dos abecedários tem uma tradição secular, sob formas gráficas mais antigas, que acompanham as sociedades ocidentais desde a sua emergência como dispositivo de acesso à cultura escrita em diferentes tempos, até as formas tipográficas e digitais mais atuais.

A pesquisa demonstrou que a difusão dos abecedários não se restringiu apenas para fins escolares, mas os mesmos estiveram presentes em diferentes práticas socioculturais em que houve a necessidade ou interesse pela coleção das letras do alfabeto, seu ordenamento com diferentes formatos, estilos de traçado, iluminuras. Os abecedários, contudo, distintamente da coleção de letras do alfabeto de um sistema de escrita, assumiram a função didática do aprendizado inicial de leitura e da escrita, seja na vida cotidiana, seja nas instituições educativas, sob os mais diferentes suportes.

As cartilhas e impressos em papel que portam o abecedário, embora naturalizados no presente, são produções culturais e historicamente datadas. Os *hornbooks* e os *battledores*, segundo Choppin (2008), foram suportes que antecederam as cartilhas, no aprendizado das letras para fins de escrita artística ou caligráfica. De outra parte, o modo como os abecedários são desdobrados em diversos manuais, ilustrações, cartilhas ou pranchas, findam por contemplar diferentes possibilidades de sua grafia: forma maiúsculas e minúsculas, caligráficas, em diferentes idiomas/alfabetos, desenhados, fotografados, associados a sílabas, palavras, frases, textos, ilustrações.

Foi possível constatar que há algo singular nos abecedários. A sua persistência e as transformações que sofreram ao se moldarem a outros usos. Sua história e surgimento nas cartilhas escolares, sua capacidade de adaptar-se à literatura infantil e sua intensa relação com a alfabetização, isto é, ao ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita, torna-os suscetíveis a transformações, muito embora a ideia de abecedário pareça associar-se a uma forma tradicional e invariável.

Nesse sentido, como demonstração de sua permanência no tempo, este estudo inventariou vinte e um abecedários ilustrados, no formato códice, a partir do mapeamento de exemplares em diferentes bibliotecas e acervos, com o propósito de identificar de que modo os abecedários se apresentaram nas décadas de 30 a 80 do século XX, impressos e em circulação no Brasil. Esse inventário está muito longe de abarcar a totalidade dos abecedários que foram impressos e circularam neste espaço-tempo.

A pesquisa interrogou como as letras que integram o abecedário compõem nesses impressos (tamanhos, formatos, tipos, ordenamentos); se apareceram sozinhas ou se formam sílabas, palavras, frases ou pequenos textos; se houve associação de grafemas com fonemas; se constam imagens associadas às letras; quais os universos temáticos das imagens que figuram e, em especial, os protocolos de leitura textuais e tipográficos desses impressos.

Foi possível constatar que a letra de forma maiúscula é recorrente em todos os abecedários, o que levou-me a compreender que ela pode ser tomada como referência para o ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Dos vinte e um abecedários analisados, quinze deles inscrevem mais de um tipo de letra. Geralmente, a de forma maiúscula e minúscula, por vezes a cursiva de traçado sugere inferir que esse material tem servido como inspiração para cópia de modelos de letras, ou seja, para além do ensino da leitura, esses abecedários desencadeiam práticas voltadas para o ensino da escrita.

Em relação ao tamanho das letras, averigui que a letra de maior destaque foi predominantemente a de forma maiúscula. Uma marcação editorial importante é a sua diferenciação pelo tamanho, mas igualmente pela cor ou formato diferenciado. As letras constam acompanhadas de palavras ou textos, as frases ou sílabas não foram uma evidência no conjunto examinado. As imagens, concebidas como ilustrações, no entanto, são presença proeminente.

No decorrer da análise, alguns questionamentos sugeriram problematizações a respeito das imagens. A utilização de diversas imagens seria um legado de modelos visuais de outros impressos? As imagens selecionadas estão relacionadas somente aos aspectos da língua materna? Se elas não estão diretamente associadas tão somente às questões linguísticas, qual seria a motivação das escolhas? Meramente editoriais ou inscritas nas tematizações de cada momento histórico?

Uma conclusão importante foi de que o ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita se pautam na visualidade, seja pela presença das imagens coloridas, seja pelas letras de tamanho, traçado, estilos e cores diferentes.

Os abecedários analisados evidenciam o quanto os aspectos estéticos e tipográficos, de alguma maneira, produzem efeitos no processo de aquisição da leitura e da escrita. Pelo menos essa parece ser uma das intenções dos autores que escrevem o texto, dos ilustradores que criam as imagens e dos editores que elaboram o impresso, muito embora não tenham sido localizados em prefácios editoriais ou autorais informações explícitas para existência dessas visualidades. Entretanto, pela recorrência, inferi que a necessidade de capturar a atenção do leitor para a relação de todos esses recursos tipográficos com a língua materna, um tipo de protocolo de leitura é produzido no contexto desses abecedários. As imagens e o colorido das letras podem, também, constituir um meio de aproximar o leitor ao livro, um meio de persuadir sua interpretação a respeito da leitura que empreende. Para fins de alfabetização, um recurso importante para a memorização dos caracteres e do alfabeto em seu conjunto e sequência.

Convém ressaltar que foram estabelecidas possíveis relações dos abecedários ilustrados com os métodos de alfabetização. Tais associações estão baseadas na pista de Mortatti (2000) quando indicou que os materiais voltados para o ensino da leitura e da escrita inscrevem em seu conteúdo o(s) método(s) de alfabetização.

Quanto ao universo temático das imagens, apenas as escolhas do abecedário “Festa das letras” (1937) são explícitas, uma vez que os prefácios apontam a escolha do tema alimentação. Nos abecedários que continham prefácios constatei a menção à presença das imagens coloridas como um aspecto para atrair o interesse das crianças. Penso que as imagens, concebidas como protocolos de leitura, visam também fixar uma relação entre fonema e

grafema, possibilidade de facilitar a memorização de palavras que iniciam com a mesma letra, de modo a desencadear o processo de soletração, em um jogo ou exercício. São inferências que formulo para pensar nas práticas de leitura, nos usos diferenciais do leitor diante do manuseio desses impressos.

Chartier (1992, p.227) entende que “o modo de ler, que é ditado pelo próprio livro ou por seus intérpretes, oferece o arquétipo de todas as formas de leitura, não importam quais sejam”. Os aspectos que mencionei podem ser entendidos como os paradigmas de leitura que predominam numa determinada comunidade de leitores em torno a um abecedário, como as crianças em uma sala de aula. Para o autor,

a caracterização desses modos de leitura é, portanto, indispensável a qualquer abordagem que pretenda reconstruir a maneira como os textos puderam ser apreendidos, compreendidos e manipulados. (CHARTIER, 1992, p.227)

Entre outros aspectos, observei que os animais são aqueles que estão no topo da lista das preferências para composição dos abecedários ilustrados, pois oferecem ilustrações de “A a Z”, com animais conhecidos e outros curiosos ou exóticos, de interesse no universo infantil. Mesmo quando nos abecedários há uma variedade das imagens, eis que entre elas constam animais representados. Crianças, adultos, brinquedos, instrumentos musicais, profissões, objetos, jogos fazem parte da figuração, possivelmente porque no entendimento de autores, editores e ilustradores essas imagens são interessantes para o público que idealizam.

Retomando meu itinerário, analisei a ampla circulação do abecedário em contextos sociais, culturais e em tempos diversos, tomando-o em sua tradição e história secular. Indiscutivelmente, a inscrição do abecedário na história da alfabetização e, mais amplamente, da escolarização, implicou analisar suas transmutações para fins voltados ao ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita, o que mereceu uma atenção particular.

De qualquer forma, há muito por compreender acerca de sua importância e dos transbordamentos da vida sociocultural para a escola, ou os transbordamentos dos dispositivos escolares para outras práticas culturais,

como hoje podemos observar nas atividades lúdicas experimentadas desde a pequena infância nos suportes digitais, jogando com letras e palavras em casa, na rua, na praça, nos mais inusitados lugares em que é possível interagir com as mídias eletrônicas, e onde também se pode aprender a leitura e a escrita. A tradição secular dos abecedários parece resistir a muitas revoluções dos suportes de escrita e leitura, bem como de seus usos sociais e educacionais.

Contudo, é preciso finalizar a escrita dessa dissertação. Elejo, para tanto, um excerto da poesia de Manoel de Barros, intitulada: “O menino que carregava água na peneira”.

Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.

[...]

Com o tempo descobriu que  
escrever seria o mesmo  
que carregar água na peneira.

[...]

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

[...]

(BARROS, 1999, p. s/p).

Tomo a metáfora, de Barros (1999, s/p), “escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”, para sublinhar que a tarefa de examinar a história dos abecedários foi um tanto desafiadora, complexa, difícil, tal como carregar água na peneira.

Para uma pedagoga de formação, aventurar-se a aprender, a valer-me das palavras, dos conceitos e concepções do campo da História tornou o itinerário da pesquisa ainda mais instigante. Semelhante ao menino, vejo-me como uma pesquisadora que apenas iniciou um aprendizado desse ofício.

O último trecho da poesia de Manoel de Barros sugere uma profunda relação no campo semântico dos verbos: escrever e inventar. Ambos remetem

à ideia de representar, contar, narrar. Quem escreve, de alguma maneira, inventa uma narrativa. Refém dos acervos e do que eles guardaram ou não conservaram e refém dos documentos que amealhei, tomei-os na tentativa de aproximação mais verossímil da verdade, entendendo, a partir de Chartier (2000b), que embora a história se mobilize pela vontade de verdade, o acontecido é inalcançável. Espero ter aprendido a usar as palavras e na relação com a empiria apresentada e analisada, tenha conseguido, enfim, narrar uma história dos abecedários.



## REFERÊNCIAS:

**ABC dos irmãozinhos.** Rio de Janeiro: Bruguera, s/d.

**ABC das aves e ABC dos animais.** Ilustrações de Renato Demonte Ferraz; Liese Modern. São Paulo: Edições Castor, s/d.

**ABC de vegetais e animais.** São Paulo: Melhoramentos, 1954.

**ABC infantil.** Rio de Janeiro: Brasil-América, 1962.

ABREU, Sandra Elaine. O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 18, p. 13 - 48, set./dez. 2008.

ACUÑA, Kátia; CRUZ, Thomaz. Surgimento da nutrição e breve histórico das políticas de alimentação no Brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 27, n.1/2, p. 114 - 123, jan./jul. 2003.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis-RJ: Vozes, Natal: EDUFRN, 2001.

ANDRÉ, Tâmara Cardoso. **Usos do livro didático de alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental:** uma abordagem etnográfica. Curitiba: UFPR, 2011. 333 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

ANOUS PARIS. **On garde ou on jette?** Disponível em: <http://www.anous.fr/paris/nos-essentiels/article/17-paris/2969-on-garde-ou-on-jette->> Acesso em: 20 jul. 2014.

ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/> > Acesso em: 22 mai. 2014.

ANTUNES, Arnaldo. Prefácio. In: LEMINSKY, Paulo. **O bicho alfabeto.** São Paulo: Companhia das Letrinhas. P. 5-6.

ARAÚJO, Elza beatriz Von Döllinger de. **Pare no P da poesia.** Ilustrações Isabel Cristina de Azevedo Passos, Liliane Izapovits Romanelli, Marcia Meyer Ferreira Guimarães e Paula Regis Junqueira, capa Isabel Cristina de Azevedo Passos. Belo Horizonte: Vigília, 1980. (Coleção Copo-de-leite).

AYALA, Walmir. **Aventuras do ABC.** Ilustrações Claudia Scatamacchia. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

AYALA, Walmir. **Aventuras do ABC.** 2ª ed. Ilustrações Claudia Scatamacchia. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

BARROS, Manoel de. **Exercício de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson. **Revista Educacional**, v. 17, n. 39, jan./abr., 2013.

BUENO, Francisco da Silveira (Dir.). **Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1963.

BUISSON, Ferdinand. **Conférence sur l'enseignement intuitif**: conférences pédagogiques faites aux Instituteurs délégués à L'Exposition Universelle de 1878. 31 août 1878. Paris: Ch. Delagrave, 1897.

CAGLIARI, Luis Carlos. **A história do alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009.

\_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 2003.

CAMPOS, Paula Regina Moraes Martins. **O ensino da leitura e da escrita em Mato Grosso na passagem do Império para a República (1888-1910)**. Cuiabá, UFMT: 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

CAPES, **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Brasília. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>> Acesso em: abr. 2013.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **Cartilha Ada e Edu**: produção, difusão e circulação (1977-1985). Cuiabá: EdUFMT, 2011.

CARRETE, David; PÉRON, Jacques. **Sur les bancs de l'école**. Les objets de la communale. Paris: Editions du Layeur, 2007.

CARRIL, Maiti Frank. **De avestruz a zebra**. Ilustrações Rodrigo Frank. São Paulo: Ática, 1982.

CASTILLO GÓMEZ, António. **Entre la pluma y la pared. Uma história social de la escritura em los Siglos Oro**. Madris: Ediciones Akal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate*. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n.5, p.94-123, jan/jul. 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, Manoel Pinheiro (Dir.). **Diccionario Popular**. *Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*. 1º vol. Lisboa: Lallemand Frères Typ., 1876

CHARTIER, Anne-Marie. **Des abécédaires aux méthodes de lecture: gènese du manuel moderne avant les lois Ferry**. Mimeo. 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999a.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores da França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, v.5, n.11, p.173-191, jan./abr. 1991.

\_\_\_\_\_. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000a.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.211-238.

\_\_\_\_\_. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000b. p.215-218.

\_\_\_\_\_. A cultura do objecto impresso. In: CHARTIER, Roger. **As utilizações do objecto impresso: séculos XV-XIX**. Portugal: Difel, 1998a. p.9-21.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998b.

CHOPPIN, Alain. **Le manuel scolaire, une fausse evidence historique**. Histoire de l'education, Paris, n. 117, p. 7-56, janvier./mars. 2008. Disponível em: <<http://www.cairn.info/article>> Acesso em: 20 mai. 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

CORRÊA, Carlos Humberto Alves; SILVA, Lilian Lopes Martin da. Cartas de abc e cartilhas escolares: alfabetização nas escolas amazonenses (1850-1900). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, n.5, 2008, Aracaju, Sergipe. **Anais**. Aracaju, Sergipe: UFS e UNIT, 2008, p.1-10.

CUCUZZA, H. R.; PINEAU, P. **Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002.

DARTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.23-37.

Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Dicionário Michaelis online. Disponível em:  
<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues> >

DUVALLON, Jean. **Les abécédaires**. Palavras e maravilhas. Paris: De Borée, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **História ilustrada del libro escolar en España: del antigo régimen a la segunda República**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Los comienzos de la edición escolar moderna en España. In: **El libro y la Educación**. España: ANELE, 2000. P.14-33.

EXPOSITIONS BNF. **Abécédaires: ordre et commencements**. Disponível em:  
[http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03\\_3.htm](http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03_3.htm) > Acesso em: 21 nov. 2014

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 44, p. 264 - 281, mai./ago. 2010.

\_\_\_\_\_. As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12 n. 02, p. 171 - 208, mai./ago. 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GARCIA, Tania Mikaela. **Reciclagem neuronal: o espelhamento de grafemas na leitura de um silabário**. Florianópolis: UFSC, 2008. 324 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HÉBRARD, Jean. Os livros escolares da *Bibliothèque Bleue*: arcaísmo ou modernidade? **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 4, p.10-45, jul./dez. 2002.

INFO ESCOLA. **Fio de Ariadne**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia/ariadne/>> Acesso em: 22 ago. 2013.

JULIA, Dominique. *Livres de classe et usages pédagogiques*. In: Chartier, R.; MARTIN, H.J. **Historie de l'édition française**. Paris: Fayard, 1990, p.613-655.

LELLO, José; LELLO, Edgar. **Dicionário prático ilustrado: novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro**. Porto Alegre: Lello, 1968. 4 v.

LE MEN, Segole. **Les abécédaires français illustrés du XIXe siècle**. Paris: Editions Promodis, 1984.

LYONS, Martyn. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MARTELLI, Josyane Milléo. O uso da imagem na pesquisa educacional. In: Reunião anual da ANPEd. **Novo governo, nova política. O papel histórico da ANPEd na produção de políticas educacionais**, 26, 2003, Poços de Caldas. Anais...Poços de Caldas, 2003. 1CD-ROM.

MEC, Ministério da Educação e Cultura. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: 2012. Disponível em: <[http://pacto.mec.gov.br/imagens/pdf/pacto\\_livreto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/imagens/pdf/pacto_livreto.pdf)> Acesso em: 09 abr. 2013.

MEIRELES, Cecília; CASTRO, Josué de. **A festa das letras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

**MEU ABC**. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

**MEU ABC**. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 196?.

**MEU ABC**. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

MIGNOT, Ana Crhystina V. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Crhystina V. (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008, p.7-13.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo/1876-1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

NORONHA, Eduardo de. Dicionario Universal Illustrado Linguistico e Encyclopedico. Lisboa : J.R. Torres, 1921.

NUNES, Clarice. História da Educação: espaço do desejo. **Revista Em Aberto**, Inep, Brasília, v.9, n.47, p.37-45, 1990.

**O ABC das aves**. Ilustrações Renato Demonte Ferraz. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

**O ABC das aves**. 3ª ed. Ilustrações Renato Demonte Ferraz. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

**O ABC dos animais**. Ilustrações Liese Modern. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

PERES, Eliane. Desenvolvimento do projeto de pesquisa *Cartilhas Escolares* em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes, questões de investigação. In: FRADE, I. C. A. da S.; MACIEL, F. I. P. (Org.) **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POSITIVO. **Mesa Educacional Alfabeto**. Disponível em: <<http://www.tepositivo.com.br/index.php/pagina/abrir/f45a67d2d25e29c4f8aaa5e75910d6d>> Acesso em: 15 abr. 2013.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedade**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

PROJETO TESOUROS JUVENIS DA BIBLIOTECA LUCÍLIA MINSSSEN. Coordenação Kátia Becker Lorentz; apresentação Marília Sauer Diehl. Porto Alegre: Associação Amigos da Biblioteca Lucília Minssen, 2009.

QUINTANA, Mario. **O batalhão das letras**. Ilustrações Vera Muccillo. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1984.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. São Paulo: cidade dos livros escolares. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.101-120.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social: Revista Sociologia, USP**, São Paulo, v.11, n.1, p.189-195, mai. 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSA, Cristina Maria. Onde está Meu ABC de Erico Veríssimo?: notas sobre um livro desaparecido. Pelotas: Editora da UFPEL, 2013.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro; OLIVA, Terezinha Alves de. As multifaces de “Através do Brasil”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 101-121.

SCHRAMM, Yara; SOUZA, Schramm. Ilustrador TÂMBALO, Flávio. **Meu ABC em cores: aves de A a Z**. São Paulo: Edições Castor, 1973. Coleção Minha Primeira Enciclopédia.

SCHRAMM, Yara; SOUZA, Schramm. Ilustrador TÂMBALO, Flávio. **Meu ABC em cores: aves de A a Z**. São Paulo: Edições Castor, 1976. Coleção Minha Primeira Enciclopédia.

SCHRAMM, Yara; SOUZA, Schramm. Ilustrador TÂMBALO, Flávio. **Meu ABC em cores: aves de A a Z**. São Paulo: Edições Castor, s/d. Coleção Minha Primeira Enciclopédia.

SCHWARCZ, Lilia M.; AZEVEDO, Paulo Cesar de. **O Livro dos Livros da Real Biblioteca**. São Paulo: Fundação Odebrecht, 2003.

SILVA, António de Moraes (Dir.). **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10. ed. rev., corr., aum., atual. Lisboa : Confluencia, 1949. 12 v.

SOUZA, Mariana Souza Pereira de. **Lá, na última página do caderno escolar... Práticas de letramento “não autorizadas”** – Porto Alegre: UFRGS, 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de. **Alfabetização na escola primário de Diamantino – Mato Grosso (1930 a 1970)**. Cuiabá: UFMT, 2006. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

STEPHANOU, Maria; SOUZA, Mariana Venafre Pereira de. Contribuições para uma história dos métodos didáticos de alfabetização: os abecedários em cartilhas escolares (1919 – 1965). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A

HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA, n.2, 2013, Belo Horizonte. **Anais** Belo Horizonte: UFMG, 2013, p.1-15a.

STEPHANOU, Maria; SOUZA, Mariana Venafre Pereira de. Abecedários em circulação: entre dicionários, livros e cartilhas escolares. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, n.19, 2013, Pelotas. **Anais** Pelotas: UFPEL, 2013, p.1-15b.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TOURANE, Jean. Tradução e adaptação M. Graciete Teixeira. **ABC dos coelhinhos**. Porto Editora, 1984.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra. Queres ler?** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

VANDER, Pierre Aa. *Galerie agréable du monde*. In: SCHWARCZ, Lilia M.; AZEVEDO, Paulo Cesar de. In: **O Livro dos Livros da Real Biblioteca**. São Paulo: Fundação Odebrecht, 2003.

VERISSIMO, Erico. **Meu ABC**. Ilustrações E. Zeuner. Porto Alegre: Globo, 1936.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Alfabeto do baú**. Disponível em Zero Hora, s/d.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Crhystina Venancio. (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008, p.15-33.

XAVIER, Ana Paula da Silva. **A leitura e a escrita na cultura escolar primária de Mato Grosso (1837-1889)**. Cuiabá: UFMT, 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006).

ZILBERMAN, Regina. Em busca da criança leitora. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: Puc-Rio; Loyola, 2001.